
Clássicos Infantojuvenis



Contos de Andersen

Hans Christian Andersen

Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Título: Contos de Andersen

Autor: Hans Christian Andersen

Ilustrações: Edna F. Hart e Edmund Dulace

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Coleção: Clássicos Infantojuvenis

Seleção, paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

Imagem da capa: A Christmas Greeting, by Hans Christian Andersen

1.^a edição: outubro de 2013

ISBN: 978-989-8671-14-1

ideiascommérito
Rede de Bibliotecas Escolares

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Adaptação do ebook em pdf *Os contos de Hans Christian Andersen*, disponibilizado pela DGARQ (<http://dgarq.gov.pt/files/2013/09/Os-Contos-H-C-Andersen.pdf>), com inclusão de alguns outros contos.

Origem das ilustrações:

<http://www.gutenberg.org/files/32571/32571-h/32571-h.htm>

<http://www.gutenberg.org/files/32572/32572-h/32572-h.htm>

<http://www.gutenberg.org/files/17860/17860-h/17860-h.htm>

<http://www.gutenberg.org/files/27000/27000-h/27000-h.htm>

Índice

[O Patinho Feio](#)
[O Duende em Casa do Merceeiro](#)
[O Monte das Sílides](#)
[O Papílio](#)
[A Gota de Água](#)
[As Velas](#)
[O Elfo da Rosa](#)
[É absolutamente certo!](#)
[Ib e Cristininha](#)
[O Anjo](#)
[Os Dias da Semana](#)
[O Jardineiro e o Senhor](#)
[A Pastora e o Limpa-Chaminés](#)
[Os Sapatos Vermelhos](#)
[A Casa Antiga](#)
[O Abeto](#)
[A Família Feliz](#)
[A Vestimenta Nova do Imperador](#)
[Histórias do Brilho do Sol](#)
[Os Cisnes Selvagens](#)
[A Arca Voadora](#)
[Olavinho Fecha-os-Olhos](#)
[A Sereiazinha](#)
[A Polegarzinha](#)
[As Flores de Idinha](#)
[O Homem dos Fantoques](#)
[O Sino](#)
[O Livro Mudo](#)
[A Sombra](#)
[Saltadores](#)
[A Rapariguinha dos Fósforos](#)
[O Rouxinol](#)
[O Fuzil](#)
[O Colarinho Postiço](#)
[O Valente Soldadinho de Chumbo](#)
[O Pequeno Claus e o Grande Claus](#)
[Sob o Salgueiro](#)
[João Pateta](#)
[O Sapo](#)
[No Pátio dos Patos](#)
[A Rainha das Neves](#)
[Um conto com sete histórias](#)
[Primeira história — que trata do espelho e dos seus fragmentos](#)
[Segunda história — Um rapazinho e uma menina](#)
[Terceira história — O jardim da mulher que sabia fazer feitiços](#)
[Quarta história — Príncipe e princesa](#)
[Quinta história — A pequena salteadora](#)
[Sexta história — A mulher da Lapónia e a mulher da Finlândia](#)

Sétima história — O que aconteceu no palácio da Rainha das Neves e o que se passou depois

A História de Uma Mãe

A Princesa e a Ervilha

A Borboleta

O Bule

O Caracol e a Roseira

O Homem de Neve

Os Verдинhos

O Patinho Feio



Estava tão bonito o campo!

Era verão, o trigo era dourado, a aveia verde e o feno amontoadado em medas nos prados verdes. Por aí andava a cegonha com as suas longas pernas vermelhas falando egípcio, uma língua que aprendeu com a sua mãe. Em redor dos campos e dos prados havia grandes bosques e no meio deles profundos lagos. Sim, estava tão bonito o campo!

No meio, iluminado pelo Sol, via-se um velho solar rodeado por profundos canais. Dos muros e para baixo, até

nascidos. Todas as gemas de ovo se tornaram criaturas vivas, mal punham a cabeça de fora.

— Vá! Vá! — disse ela, e os patinhos apressaram-se quanto podiam e olhavam para todos os lados sob as folhas verdes. E a mãe deixava-os olhar, as vezes que quisessem, pois o verde é bom para os olhos.

— Como o mundo é tão grande! — disseram os filhotes. Pois, na verdade, tinham agora bem mais espaço do que quando se encontravam dentro do ovo.

— Não julguem que isto é o mundo todo! — disse a mãe. — Estende-se muito para além do outro lado do jardim, bem para dentro da quinta do Padre! Mas nunca estive aí!... Estais pois todos juntos! — disse, levantando-se. — Não, não estão todos! O ovo maior ainda está ali! Quanto tempo vai demorar? Estou a começar a ficar cansada! — E voltou a deitar-se.

— Então, como vai isso? — perguntou uma velha pata que vinha fazer-lhe uma visita.

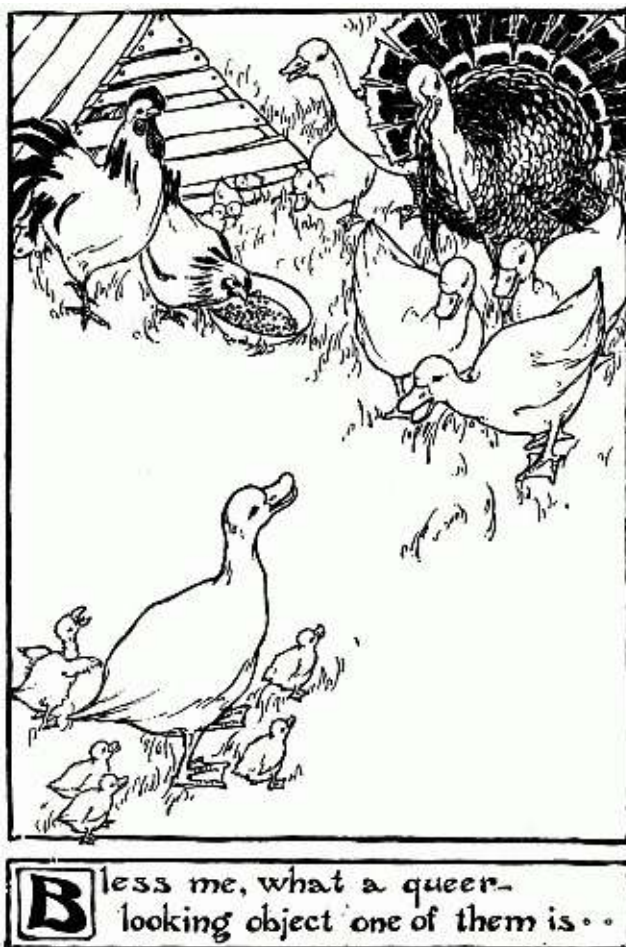
— Está tão demorado este ovo! — disse a pata que chocava. — Não há meio de furá-lo! Mas v

Era tão grande e tão feio! A pata olhou para ele:

— Mas é um patinho terrivelmente grande! — exclamou. — Nenhum dos outros se parece assim! Espero que não venha a ser um peruzinho!

— Bem, em breve vamos ver isso! Para a água terá de ir, nem que eu tenha de arrastá-lo

pescoço diante daquela pata velha! É a mais distinta de todas aqui. É de sangue espanhol, portanto, é pesada. Vejam como tem um trapo vermelho em volta da perna! É algo de extraordinariamente belo e a maior distinção que uma pata pode receber. Significa muito, que não se querem desembaraçar dela e que deve ser reconhecida por animais e homens. Mexam-se!... Não com as pernas para dentro! Um patinho bem-criado põe as pernas bem afastadas uma da outra como o pai e a mãe! Assim! Façam uma cortesia com a cabeça e digam: quá!



E assim fizeram. Mas as outras patas

— Deixem-no! — disse a mãe. — Não fez mal nenhum a ninguém!

— Sim, mas é demasiado grande e demasiado estranho! — disse a pata que o mordeu. — E por isso tem de ser tosado!

— São bonitos os filhotes que a mãe tem! — disse a pata velha com o trapo na perna. — Todos bonitos, exceto um, que não teve

Então elevou-se e voou para fora da sebe. Os passarinhos nos arbustos fugiram espavoridos. «É porque sou feio!», pensou o patinho e fechou os olhos, mas continuou a correr até chegar ao grande p

platch, platch, lá se foi sem pegar nele.

— Deus seja louvado! — sussurrou o patinho. — Sou tão feio que nem mesmo o cão quer morder-me!

E assim ficou completamente quieto, enquanto as chumbadas sibilavam nos juncos e estoiravam tiro após tiro.

Só mais para o fim do dia é que se fez sil

sempre:

— Nós e o mundo! — pois acreditavam que eram metades deste e a melhor parte. Ao patinho parecia-lhe que se podia ter outra opinião, mas isso não suportava a galinha.

— Sabes p

Não vieste para uma casa quente e não tens um ambiente onde podes aprender alguma coisa? Tu és um disparatado e não é divertido falar contigo! Acredita! É para teu bem que te digo estas coisas desagradáveis e é nisso que se reconhecem os verdadeiros amigos! V

evitar que esta gelasse completamente. Mas cada noite que passava o buraco em que ele nadava tornava-se cada vez mais pequeno. Gelou de tal modo que até a crosta estalava. O patinho tinha de estar sempre a mexer as pernas para que a água não se fechasse. Por fim, extenuado, parou e ficou completamente colado ao gelo.

De manhã cedo passou um campon

que sou tão feio, ousou aproximar-me deles! Mas que importa! Melhor ser morto por eles do que ser bicado pelas patas, espicaçado pelas galinhas, levar pontapés da rapariga que trata do galinheiro e sofrer desgraças no inverno! Voou para a água e nadou ao encontro dos belos cisnes. Estes viram-no e nadaram ao seu encontro, agitando as asas. — Vá, matem-me! — disse o pobre animal, curvando a cabeça para a superfície da água



The new one is the most beautiful of all . . .

O Duende em Casa do Merceeiro



Havia um estudante, dos aut

— Obrigado — disse o estudante. — D

estudante. Todas as folhas eram frescas e cada flor era uma bela cabeça de rapariga. Umas tinham os olhos escuros e faiscantes e outras azuis e maravilhosamente claros. Cada fruto era uma estrela brilhante e ouvia-se um canto e uma música extraordinariamente belos!

Em tal magnific

duendezinho só o sentia quando a luz se apagava dentro da água-furtada e os sons morriam perante o vento. Ui! Então regelava e arrastava-se novamente para o seu cantinho. Como era confortável e agradável!... E quando vinham as papas do Natal com um grande pedaço de manteiga... ah!, sim!, então o merceeiro era o melhor de todos!

No meio de uma noite o duende acordou com um barulho terrível nas persianas das janelas. Lá fora, estava gente a bater estrondosamente nelas. O guarda-noturno apitava porque havia um grande inc

O Monte das Sílides^I



De um lado para o outro, nas fendas de uma velha árvore, corriam lagartos. Entendiam-se bem uns aos outros, pois falavam a língua dos lagartos.

— Olha! Como rola e zune no velho monte das sílides! — disse um. — Eu não consigo fechar os olhos já há duas noites por causa do barulho. Bem podia ter-me deitado com dores de dentes porque assim também não dormia.

— Alguma coisa se está a passar lá em cima — disse um segundo lagarto. — Colocaram o monte sobre quatro estacas vermelhas, para o arejarem convenientemente, até ao canto do galo, e as sílfidezinhas aprenderam novas danças, em forma de sapateado. Alguma coisa se prepara.

— Sim, falei com uma minhoca do meu conhecimento — disse o terceiro lagarto. — Vinha diretamente do monte, onde, noite e dia, tinha remexido na terra. Ouviu uma grande parte da azáfama, que ela não pode ver, o pobre animal, mas colher informações e escutar, disso percebe ela. Esperam-se visitas no monte das sílides, estranhos distintos, mas quem, não quis a minhoca dizer, ou então não sabia. A todos os *lygtemænd*² foi dito para fazerem um cortejo de archotes, como é

vulgarmente chamado, e a prata e ouro, que há em fartura no monte, estão a ser polidos e expostos ao luar.

— Quem serão, portanto, os estranhos? — disseram todos os lagartos. — Que será que se está a preparar? Ouve como zumbe! Ouve como zune!

Precisamente nesse momento abriu-se o monte das sílfides e uma velha sílfide, que não tinha costas, mas que fora, apesar disso, vestida muito decentemente, chegou com passinhos pequenos. Era a velha governanta do rei das sílfides. Era uma parente afastada da família do rei e tinha um coração de

— Bra! — disse o *Natravn*, e depois partiu a voar para ir fazer os convites.

As sílfides já dançavam no monte. Dançavam com véus de longos tecidos de névoa e luar. Encantador, para aqueles que gostam do género. No meio do monte das sílfides, a sala grande estava brilhantemente decorada. O chão fora lavado com o brilho do luar e as paredes esfregadas com gordura de feiticeira, resplandecendo como pétalas de túlipas, em contraluz. A cozinha estava recheada de rãs no espeto, peles de cobra com pequenos dedos de criança dentro e saladas de sementes de cogumelos venenosos. Focinhos molhados de ratinhos e cicuta, cerveja da lavra de *Mosekone*^{[II](#)}, vinho brilhante de salitre das caves das covas. Tudo muito nutritivo. Pregos ferrugentos e vidros de janelas de igrejas pertenciam

uns jovens malcriados e irreverentes, mas podemos estar a ser injustos. Tornar-se-ão, certamente, bons, quando forem mais maduros. Deveis ser vós, assim o espero, a ensinar-lhes as boas maneiras!

— E quando v

pelo vento. E que bonitas e delicadas eram as instalações destinadas a cada um. A gente do mar estava sentada

vento?

— É o que vais saber! — respondeu o rei das sílfides. E chamou a mais nova das filhas. Era tão delgada e clara como o luar, a mais delicada de todas as irmãs. Meteu um pauzinho branco na boca e desapareceu simplesmente. Era a sua arte.

Mas o velho *Trolde* disse que não gostaria de ver essa arte na sua mulher e também não acreditava que os seus rapazes viessem a gostar disso.

A outra sabia andar ao lado de si própria, tal como se tivesse sombra, e sombra é coisa que os trolde não t

última?

— A sexta vem antes da sétima! — continuou o rei das sílfides, que sabia contar, mas a sexta, em boa verdade, não queria aparecer.

— Eu sei apenas dizer a verdade! — retorquiu ela. — Ninguém gosta de mim. Portanto, já tenho suficientes afazeres a preparar a minha mortalha.

Depois veio a sétima e última. E que sabia ela? Ela sabia contar contos. Tantos quantos queria.

— Aqui estão todos os meus cinco dedos? — disse o velho *Trold*. — Sobre cada um deles, conta-me um conto.

E a moça sílfide tomou-o pelo pulso. Ele riu tanto, que quase se escangalhava. E, quando ela chegou ao anelar, rodeado por um anel de ouro, o dedo quase adivinhou que aquilo iria acabar em noivado. Disse-lhe então o velho *Trold*:

— Segura bem o que tens na mão. Ela é tua! — A ti quero, eu próprio, como mulher!

E a moça sílfide respondeu que tinham ficado ainda por contar os contos do Anelar (*Guldbrand*) e do mínimo (*Peer Spillemand*)!

— Esses vamos ouvi-los para o inverno! — disse o velho *Trold*. — E vamos ouvir o do pinheiro e da bétula e dos presentes da Huldre¹⁵ do gelo soante! Bem! Tens de ser tu a contá-los, pois isso ninguém o faz tão bem como tu, lá em cima! — E então sentar-nos-emos na Sala de Pedra onde ardem aparas de pinheiro. Beberemos hidromel dos cornos de ouro dos velhos reis noruegueses. A *Nøkken* ofereceu-me alguns e, quando lá estivermos, virá o *Garbo*¹⁶ fazer uma visita e cantar para ti todas as canções da moça dos pastos. Vai ser divertido! O salmão saltará para dentro das cascatas e baterá contra as paredes de pedra, mas não conseguirá entrar! — Sim, podes crer, é bom viver na querida e velha Noruega! Mas onde estão os rapazes?

Sim! Onde estavam eles? Corriam

para voc

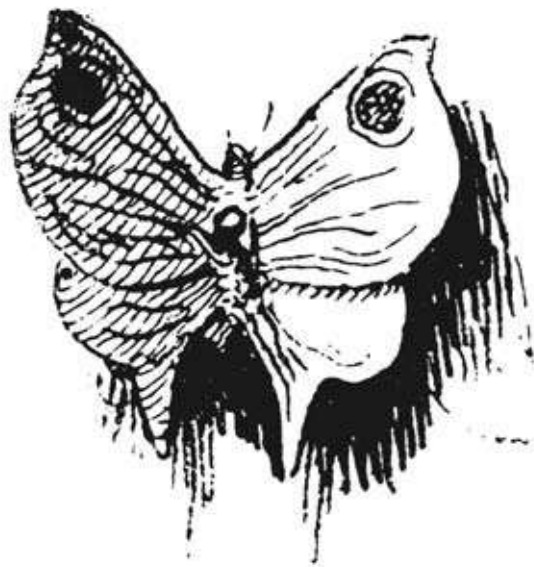
5 - Havmand; Havfrue. Sereias (masculino e feminino) — seres em forma humana e peixe. Soberanos do mar que cobiçam as vidas dos homens. ([Voltar](#))

6 - Åmand. Seres em forma humana e peixe. Soberanos dos rios que cobiçam as vidas dos homens. ([Voltar](#))

7 - Nisse. Duende — seres em forma humana de muito baixa estatura; sedentários nas quintas e igrejas dos homens — espírito protetor contra o direito

nas quintas e igrejas dos homens — espírito protetor contra o direito

O Papílio^I



O papílio queria ter uma namorada. Como era natural, queria arranjar uma pequena e gentil flor. Olhou para elas. Cada uma estava sentada, sossegada e discreta no seu caule, como uma menina deve estar quando se não é noiva! Mas aqui havia tantas a escolher entre elas, que a escolha, para ele, se tornava uma dificuldade. Era uma dificuldade que pareceu ao papílio não merecer a pena, e assim voou para a margarida, que a esta chamam os franceses de *Marguerite*. Sabem que pode profetizar, e é isso que faz quando os namorados lhe colhem pétala por pétala e, por cada uma, fazem uma pergunta acerca do seu querido:

— Do coração?... Com mágoa?... Gosta muito?... Um pouquinho?... Mesmo nada? — ou qualquer coisa assim.

Cada pétala responde na sua língua. O papílio também veio para perguntar. Não arrancou as pétalas, mas beijou cada uma delas, com a ideia de que se vai mais longe usando de gentileza.

— Doce *Marguerite* — disse ele. — Sois a senhora mais inteligente de todas as

flores! Percebeis dessa coisa de profetizar! Dizei-me, vou ter esta ou aquela! Ou quem vou ter? Se o souber, posso imediatamente voar para ela e pedir-lhe a mão!

Mas a Margarida nem lhe respondeu. Não podia admitir que lhe tivesse chamado senhora, pois era ainda menina e, desta maneira, não se é senhora. Perguntou uma segunda vez e perguntou uma terceira, o papílio.

Como não conseguiu arrancar uma única palavra dela, achou que não merecia a pena voltar a fazer perguntas e voou, sem demora, a fazer a sua corte.

Era no princípio da primavera. Os campos estavam cheios de camp

E as flores vieram com os mais bonitos vestidos. Mas de que lhes servia? Aqui não se encontrava a disposição fresca e o perfume da juventude. Ao perfume aspira precisamente o coração, com a idade, e perfume não há, especialmente nas dalias e nas rosas malvas. Assim procurou o papílio, em baixo, a hortelã-pimenta.

— Não tem mesmo nenhuma flor, mas toda ela é uma flor, deita cheiro da raiz ao alto. Tem perfume de flor em cada pétala. É esta que quero!

Mas a hortelã-pimenta ficou tesa e quieta. Por fim, disse:

— Apenas amizade e nada mais. Estou velha e sois velho! Podemos muito bem viver um para o outro, mas casar-nos... não! Não sejamos loucos, na nossa idade avançada!

E assim o papílio não encontrou nenhuma noiva. Procurou por muito tempo e isso é coisa que não se deve fazer. O papílio ficou solteirão, como se costuma dizer.

Tarde era agora, outono, com chuva e mau tempo. O vento soprava, frio, sobre as costas dos velhos salgueiros, fazendo-os ranger. Não era bom andar a voar cá fora com roupa de verão. Ainda se vai ser apanhado pelo amor, como se diz. Mas o papílio não voava ao ar livre pois tinha vindo, por acaso, para dentro de portas, onde havia lume no fogão de azulejos. Sim, estava quente como no verão. Podia viver. Mas viver não é bastante — disse ele. — Sol, liberdade e uma florzinha tem que se ter!

E voou para uma janela. Foi visto, admirado e posto num alfinete numa caixa de curiosidades. Mais não se podia fazer por ele.

— Agora estou também sentado no caule como as flores — disse o papílio. — Contudo, não é nada agradável! É como estar casado. Está-se sentado e amarrado! — E assim se consolou.

— É uma má consolação! — disseram as flores do vaso que estava na sala.

— Mas nas flores do vaso não se pode inteiramente confiar — foi a opinião do papílio. — Lidam demasiado com os homens!

1 - Espécie de borboleta do género de insetos lepidópteros, Sommerfuglen

borboleta em dinamarqu

A Gota de Água



Tu conheces, com certeza, uma lupa de aumentar, assim como uma lente redonda de óculos que torna tudo cem vezes maior do que é? Quando se pega nela e se a põe diante da vista e se observa uma gota de água do lago, veem-se milhares de animais estranhos, como nunca se veem na água, mas estão lá e isso é real. Parece quase como um prato cheio de camarões. Saltam uns entre os outros e são vorazes, arrancam braços e pernas, pontas e bicos uns aos outros e assim estão alegres e contentes,

levá-los a viverem em paz e sossego e deixar a cada um o que é seu! — E pensou, e pensou, mas não dava resultado, e assim teve de fazer um feitiço. — Tenho de lhes dar cor para que se tornem mais distinguíveis! — disse ele. Então, verteu como que uma gota de vinho tinto na gota de água, mas que era sangue de bruxa, do mais fino, a dois xelins. E assim se tornaram todos os estranhos animais, rosados em todo o corpo. Parecia uma cidade de selvagens nus.

— Que tens tu aí? — perguntou um outro feiticeiro velho que não tinha nome, e era isso que o tornava fino.

— Se conseguires adivinhar o qu

As Velas



Era uma grande vela de cera que sabia exatamente o que valia.

— Nasci em cera e vazada em molde! — disse ela. — Eu ilumino melhor e ardo por mais tempo do que todas as outras velas. O meu lugar é num lustre ou num candelabro!

— Deve ser uma linda exist

Mal isto foi dito, todas as velas de cera foram levadas, e também a vela de sebo foi com elas. A dona da casa tomou-a na sua mão fina e levou-a para a cozinha.

Ali estava um pobre rapaz com um cesto, que se encheu de batatas e também um par de maçãs. Tudo isto deu a boa dama ao rapazinho.

— Aí tens também uma vela, meu pequeno amigo! — disse ela. — A tua mãe está sentada pela noite dentro a trabalhar, pode precisar dela!

A filha pequena da casa estava ali próximo, e quando ouviu as palavras «pela noite dentro», disse com íntima alegria:

— Ficarei levantada também pela noite dentro! Teremos um baile e eu irei receber os grandes laços vermelhos!

Como lhe brilhava o rosto! Era uma alegria! Nenhuma vela de cera pode brilhar como dois olhos de criança!

«É abençoado ver!», pensou a vela de sebo, «nunca o esquecerei, e isto certamente que nunca mais verei!»

E então a vela viu o cesto tapar-se com a tampa e o rapaz foi-se embora com ela.

«Para onde vou agora!», pensou a vela, «irei para gente pobre, não terei nem mesmo um castiçal de latão, mas a vela de cera é colocada em prata e v

música tocava.

— Agora começam eles do outro lado! — apercebeu-se a vela de sebo. E pensou no rosto radiante da pequena menina rica, mais brilhante do que todas as velas de cera. — Esta visão não a verei nunca mais!

Veio então a mais pequena das crianças na casa pobre. Era uma rapariguinha. Lançou os braços

— Foi, no fundo, uma noite agradável! — segundo a opinião da vela de sebo. — Tiveram-na melhor as velas de cera nos castiçais de prata? Gostaria bem de saber, antes de arder completamente!

E pensou nas duas crianças igualmente felizes, uma iluminada pela vela de cera e a outra por uma vela de sebo!

Sim, é toda a história!

O Elfo da Rosa



No meio de um jardim crescia uma roseira recheada de rosas e numa delas vivia um elfo. Era tão pequenino que nenhuns olhos humanos o podiam ver. Atrás de cada pétala tinha um quarto de dormir. Era tão bem constituído e bonito como qualquer criança o pode ser e tinha asas dos ombros mesmo até aos pés. Oh! Que perfume havia nos seus aposentos e como as paredes eram claras e bonitas! Naturalmente, pois as paredes eram feitas de pétalas finas de cor vermelho-pálido.

Todo o dia, o elfo se divertiu na luz quente do Sol. Voou de flor em flor, dançou nas asas da borboleta esvoaçante e mediu quantos passos tinha de andar para percorrer todas as estradas e atalhos que havia numa folha de tília. Era aquilo a que chamamos os veios da folha, que ele considerava como estradas e atalhos. Sim, era um caminhar eterno para ele! Ainda não tinha terminado a sua tarefa, quando o Sol se p

fora, durante a noite e o pobre elfozinho assustou-se muito. Sempre dormira docemente, resguardado, atrás das pétalas de rosa.

Oh! Seria certamente a sua morte!

No outro extremo do jardim, sabia que havia um caramanchão, com lindas madressilvas. As flores pareciam grandes cornos pintados. Desceria numa delas, para dormir até de manhã.

Voou para lá. Psiu!

Lá dentro, encontravam-se dois seres humanos. Um belo jovem e uma bela donzela estavam sentados, muito juntinhos, formulando desejos de nunca, por toda a eternidade, se separarem. Gostavam tanto um do outro, mais do que a melhor criança pode gostar da sua mãe e do seu pai!

— Mas temos de nos separar! — disse o jovem! — O teu irmão não é bom para nós e por isso vai mandar-me em missão para longe, por montes e mares! Adeus, minha doce noiva, pois noiva és para mim!

Beijaram-se e a donzela chorou e ofereceu-lhe uma rosa mas, antes de lha entregar, deu-lhe um beijo, tão forte e sentido que a flor se abriu. Então, vendo a rosa a abrir-se, o elfozinho voou para dentro dela e encostou a cabeça

terra macia, por baixo da tília.

«Agora está esquecido e longe», pensou o irmão mau. «Não volta mais. Numa longa viagem, por montes e mares, pode perder-se facilmente a vida, e perdeu-a. Não volta mais e a mim não ousa a minha irmã perguntar por ele.»

Então, com os pés, cobriu com folhas secas a terra escavada e, na noite escura, voltou para casa.

Mas não foi sozinho, como queria.

O elfozinho estava com ele, sentado numa folha de tília seca e enrolada, que tinha caído no cabelo do homem mau, quando abriu a cova. O homem colocou o chapéu na cabeça e o elfo ficou lá dentro, no escuro, a tremer de medo e de ira por causa do horrível feito que tinha presenciado.

Às primeiras horas da manhã chegou o homem mau a casa. Tirou o chapéu e entrou no quarto de dormir da irmã. Lá estava a donzela de beleza radiante, deitada, a sonhar com aquele de quem tanto gostava e que acreditava ir por montes e por lagos. O irmão mau curvou-se sobre ela e riu terrivelmente, como só um diabo sabe rir. Então, a folha seca caiu do cabelo para cima da coberta da cama, mas ele não deu por isso e foi-se embora para ir ainda dormir um pouco, nessa manhã. O elfo saiu da folha seca, entrou no ouvido da donzela adormecida e contou-lhe, como num sonho, o assassinio horrível. Descreveu-lhe o lugar onde o irmão o tinha assassinado e enterrado; falou-lhe da tília em flor e disse-lhe: — Para que não julgues que é apenas um sonho que te contei, vais encontrar uma folha seca na tua cama! E ela, quando acordou, encontrou-a.

Oh! Como chorou lágrimas salgadas! A ninguém podia falar da sua dor. A janela ficou todo o dia aberta e o elfozinho podia facilmente sair para as rosas e para as outras flores do jardim, mas não teve coragem de deixar a jovem aflita. Na janela havia uma árvore com rosas do m

Assim que se fez noite, escapou-se de casa e dirigiu-se ao bosque, para o lugar onde estava a tília. Afastou as folhas da terra, escavou e encontrou o jovem morto. Oh! Como chorou e pediu a Deus que também lhe desse a morte.

Bem queria levar o cadáver para casa, mas não o podia fazer. Assim, pegou na cabeça pálida com os seus olhos fechados e beijou-lhe a boca fria, tirando-lhe a terra do belo cabelo. — Quero guardá-la para mim! — disse ela, e depois de ter posto, de novo, a terra e as folhas sobre o corpo morto, pegou na cabeça e levou-a, junto com um raminho de jasmim, que floria no bosque, onde ele tinha sido assassinado.

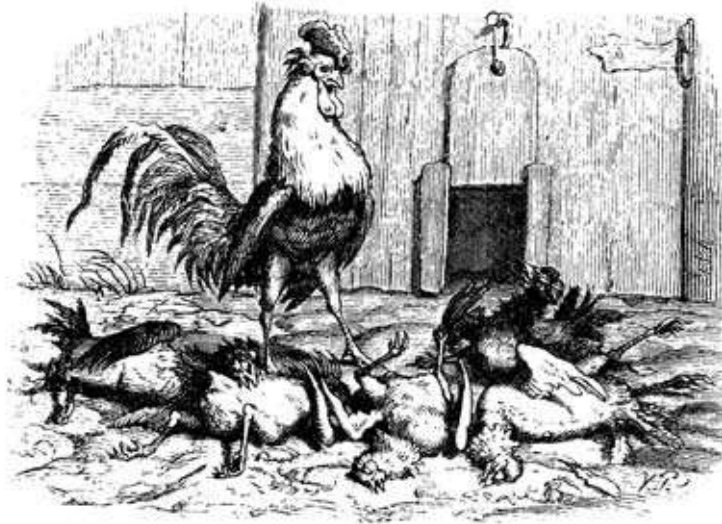
Assim que entrou nos seus aposentos, pegou no maior vaso de flores que ali havia, p

enquanto sonhava, sumiu-se-lhe a vida. Estava morta, de uma morte calma, estava no céu com aquele que amara.

Os jasmims abriram as suas grandes camp

O elfo da rosa compreendeu a vingança das flores e contou-o

É absolutamente certo!



É uma história terrível! — disse uma galinha, e tudo isso num ponto da cidade onde a história nunca se tinha passado. — É uma história terrível de capoeira! Não ousou dormir sozinha esta noite! É bom que sejamos muitas, todas, juntas no poleiro! — E então contou, e de tal modo, que as penas se levantaram nas outras galinhas e o galo deixou cair a crista. É absolutamente certo!

Mas começemos pelo princípio, e isto deu-se noutro ponto da cidade, numa capoeira. O Sol desceu e as galinhas subiram para o poleiro. Uma delas tinha penas brancas e pernas curtas, punha os seus ovos regulamentados e era, como galinha, respeitável de todos os modos. Quando veio para o poleiro, afagou-se com o bico e assim caiu-lhe uma peninha.

— Lá vai! — disse ela. — Quanto mais me afago, tanto mais bonita fico! — E isso foi dito então em tom jovial, pois era ela a brincalhona de entre as galinhas, se bem, como se disse, muito respeitável. E depois deixou-se dormir.

À volta estava tudo escuro, galinha ao lado de galinha, mas aquela que estava mais perto dela não dormia. Ouviu e fingiu que não ouviu, como se deve fazer neste

mundo para se viver em boa tranquilidade, mas

desagradável, mas não quero guardá-la, façam-na correr!

— Façam-na correr! — chiaram os morcegos, as galinhas cacarejaram e os galos cantaram: — Façam-na correr! — E assim a história correu de capoeira para capoeira e, por fim, voltou ao lugar donde tinha partido.

— Há cinco galinhas — contava-se — que arrancaram todas as penas para mostrar qual delas tinha emagrecido mais, por penas de amor pelo galo, e depois bicaram-se umas

Ib e Cristininha



Perto do rio Guden, dentro do bosque de Silkeborg, erguia-se uma encosta, como uma grande barreira, a que chamavam «a colina» e por baixo dela, para oeste, havia — sim!, ainda há — uma casinha de camponeses de magras terras. A areia mostrava-se brilhante nos campos esparsos de centeio e de cevada. Já lá vão alguns anos. A gente que lá morava fazia a sua pequena lavoura e tinha, para isso, tr

anos, a única criança da casa, sentava-se a olhar. Cortava os pedaços de madeira e cortava-se também nos dedos. Um dia cortou dois pedaços de tal modo que pareciam dois tamanquinhos. Deviam, disse ele, ser dados de presente a Cristininha, que era a filhinha do barqueiro. Tão fina e tão bonita, como uma fidalguinha. Tivesse ela vestidos costurados e se como fidalguinha tivesse nascido, e assim fosse educada, ninguém acreditaria que vivia na casa de turfas de urze, em Seishede. Morava com o pai, que era viúvo e ganhava a vida a transportar lenha do bosque, na sua barca, até aos viveiros de enguias de Silkeborg. Sim, muitas vezes, mais longe. Mesmo até Randers. Não tinha ninguém que tomasse conta de Cristininha, que era um ano mais nova do que Ib, e assim o pai levava-a quase sempre com ele na barca, entre urzes e arandos vermelhos. Se tinha de fazer todo o caminho até Randers, Cristininha ficava com os Jeppe-Jæns.

Ib e Cristininha entendiam-se bem nas brincadeiras e também nas travessuras. Mexiam em tudo e escavavam na terra. Um dia aventuraram-se a ir sozinhos até ao cimo da «colina» e penetraram no bosque. Uma vez acharam lá ovos de narceja. Para eles, foi um grande acontecimento.

Ib nunca tinha estado em Seishede. Nunca havia andado de barca pelos lagos até ao rio Guden, mas agora, convidado pelo barqueiro, que na véspera o levou para casa, isso ia acontecer.

De manhã cedinho, as duas crianças sentaram-se nos toros com que a barca estava carregada e aí ficaram a comer pão e framboesas. O barqueiro e o seu ajudante impeliram a barca, com varas, por entre os lagos, para a corrente apressada do rio.

Pareciam estar cercados pelo bosque e pelos juncos, mas sempre havia alguma passagem, mesmo quando as árvores velhas se inclinavam completamente e os carvalhos estendiam para a frente ramos descascados, como se estivessem de mangas arregaçadas e quisessem mostrar os seus braços nodosos e nus. Velhos álamos, que a corrente desprendera dos declives, seguravam-se pelas raízes ao solo e pareciam pequenas ilhas com bosques. Lírios aquáticos embalavam-se na água. Era uma bela

viagem!... E assim chegaram ao viveiro das enguias, onde a água rugia por entre as comportas. Era, para Ib e Cristininha, algo para ver!

Ainda não havia aí nem fábrica nem cidade. Existia apenas a velha quinta e os seus habitantes não eram muitos. A queda da água através das comportas e o grasnar dos patos selvagens eram, então, o sinal de maior vivacidade... Quando a lenha foi descarregada, o pai de Cristininha comprou um molho de enguias e um porquinho abatido, que foram colocados num cesto, na popa da barca. Navegavam agora contra a corrente, mas havia vento e, ao erguer a vela, foi tão bom de ver. Como se estivessem dois cavalos,

ficaram cheios de medo. O estranho sil

— Então quero também esta! — disse Cristininha, e o pequeno Ib deu-lhe também aquela avelã. A terceira era uma avelã pequena e preta.

— Essa podes tu ter! — disse Cristininha. — É também bonita.

— E o que há dentro dela? — perguntou Ib.

— O melhor de tudo para ti! — respondeu a cigana.

E Ib agarrou bem a avelã. A mulher prometeu levá-los para casa pelo caminho certo. Mas foram, na verdade, em direção completamente oposta

Ib e Cristininha despediram-se um do outro. Chamavam-lhes «os namorados».
E ela mostrou-lhe

par de noivos, se bem que nenhum deles tivesse falado nisso.

Só algumas horas ainda podiam estar juntos, pois ela tinha de voltar a Them, onde, na manhã seguinte, cedo, a carruagem regressava ao oeste. O pai de Cristininha e Ib acompanharam-na até Them. Estava um belo luar e, quando chegaram, Ib ainda segurava a mão de Cristininha — não podia largá-la —, os olhos dele eram bem claros, mas as palavras saíam-lhe poucas. Contudo, eram palavras vindas do coração:

— Se não te habituares demasiado

— Cristininha não deve rejeitar a felicidade!

— Escreve-lhe umas palavras! — disse o barqueiro.

E Ib escreveu. Mas não conseguia verdadeiramente juntar as palavras como queria e riscou-as. Rasgou o papel... no entanto, de manhã, estava uma carta pronta para a Cristininha.

E aqui está!

«A carta que escreveste a teu pai, li-a. Vejo que passas bem de todas as formas e que ainda pode ser melhor! Responde ao teu coração, Cristininha! E pensa bem para o que vais, se me quiseres a mim. É bem pouco o que tenho. Não penses em mim e no que sinto, mas pensa no teu próprio bem! A mim não estás ligada por qualquer promessa, e se no coração sentes que me prometeste alguma coisa, liberto-te dela. Que toda a alegria do mundo seja contigo, Cristininha! Deus terá consolo para o meu coração! Sempre teu amigo de todo o coração, Ib.»

A carta foi enviada e Cristininha recebeu-a.

Pelo São Martinho, no púlpito da igreja de Seishede, foi anunciado o casamento de Cristininha e, em Copenhaga, onde estava o noivo, também. Para lá partiu ela com a patroa, pois o noivo, pelas suas muitas ocupações, não podia vir, por muito tempo,

de terra era para ele o melhor. Agora compreendia claramente o que a mulher tinha querido dizer: na terra negra, numa sepultura, era, para ele, o melhor!

E passaram anos... não muitos, mas parecem longos a Ib. Os velhos donos da estalagem morreram, um logo a seguir ao outro. Toda a fortuna, muitos milhares de táleres, herdou o filho. Sim, agora Cristininha bem podia ter a carruagem de ouro e vestidos maravilhosos!

Nos dois longos anos que se seguiram não veio carta de Cristininha e quando o pai recebeu uma, não era de nenhum modo escrita em bem-estar e em prazer. Pobre Cristininha! Nem ela nem o marido tinham sabido moderar-se na riqueza. Assim como veio, também foi, não havia b

Foi precisamente na noite anterior ao dia em que queria voltar de barco para Aarhus que se perdeu nas ruas. Tomou uma direção completamente diferente da que queria e veio pela ponte de Knippel a Christianshavn em vez de seguir para a muralha, junto

semanas. Nascido na abund

O Anjo



«Cada vez que uma criança morre, desce um anjo de Deus

cima, junto de Deus! O anjo colheu-a, beijando a criança, e esta entreabriu os olhos. Colheram as admiráveis flores ricas, mas tomaram também o desprezado cravo de defunto e o amor-perfeito selvagem.

— Agora temos flores! — disse a criança, e o anjo assentiu com um aceno de cabeça, mas não voaram ainda para Deus. Era noite, tudo estava tranquilo, ficaram na grande cidade, pairavam numa das ruas mais estreitas, onde havia montões de palha, cinzas e desperdícios. Tinha sido dia de despejo de lixo. Havia aí pedaços de pratos, fragmentos de estuque, trapos e velhas copas de chapéus, tudo o que não parecia bonito.

O anjo apontou, no meio de toda esta desordem, para alguns cacos de um pote e para um torrão que tinha caído deste e se mantinha junto

janela, junto

Os Dias da Semana



Certa vez, os Dias da Semana decidiram que também tinham direito a divertir-se. Andavam tão ocupados durante todos os dias do ano, que não encontravam um disponível, para se juntarem e fazerem uma festa. Precisavam de descobrir um que fosse extra. No fim de cada quatro anos havia sempre o dia intercalar que se põe no fim de fevereiro, para trazer ordem

O Dia de Domingo, presidente dos dias da semana, apresentou-se com uma capa de seda preta. As pessoas religiosas acreditaram que estava vestido de Pastor para ir

ambos entendem de trovões e raios. Ficou na família!

E bateu na caldeira de cobre, mostrando o seu alto nascimento.

O Dia de Sexta-Feira estava vestido como uma rapariga e chamava-se Freia⁴, para ser diferente de Vénus. Dependia dos hábitos linguísticos dos países em que se apresentava.

Tinha, de resto, um carácter tranquilo e suave, mas hoje estava atrevida e livre. Era o dia intercalar e esse dia dá a liberdade

O Jardineiro e o Senhor



A uma milha de dist

tempestuoso ou uma tromba-d'água as havia coberto de grandes torrões, mas cada um desses torrões era, nem mais nem menos, um ninho. Nessas árvores moravam, desde tempos imemoriais, um bando de gralhas e corvos ruidosos. Como se elas fossem uma verdadeira cidade de aves. Elas eram as donas, as proprietárias e a mais antiga família senhorial. As verdadeiras senhoras do solar. Indiferentes aos seres humanos, cá em baixo, toleravam essas criaturas que andavam pelo chão, embora entre elas houvesse algumas que disparavam espingardas, que lhes fazia sentir um arrepio na espinha, obrigando-as a fugir com medo, a gritar: crá, crá.

O jardineiro pedira muitas vezes ao seu senhor para mandar deitar abaixo as velhas árvores. Não davam bom aspeto e, sendo abatidas, provavelmente livrá-las das barulhentas aves, que iam procurar outro pousar. O senhor, porém, não queria desfazer-se nem das árvores nem do bando. Era algo que fazia parte dos domínios do solar, algo que vinha dos velhos tempos e, portanto, não se devia destruí-lo.

— As árvores são herança das aves, deixa-as estar, meu bom Larsen!

Larsen era o nome do jardineiro, mas isso nada tem que ver com a nossa história.

— Não tens, amigo Larsen, campo suficiente para ti? Todo o jardim, as estufas, o pomar e a horta?

Na verdade, tudo isso possuía, e de tudo bem cuidava, com zelo e compet

donde tinham vindo aquelas maçãs e peras. Depois mandaria vir os enxertos.

O jardineiro conhecia bem o dono da frutaria. Era precisamente a ele que, por conta do senhor, vendia as sobras das frutas cultivadas no pomar.

Tomou assim o caminho da cidade para perguntar ao dono da frutaria donde recebia aquelas maçãs e peras tão apreciadas.

— São do teu próprio pomar! — declarou o dono da frutaria, que lhas mostrou, e que ele logo reconheceu como suas.

Como ficou contente o jardineiro! Correu logo para o solar, para contar ao senhor que tanto as peras como as maçãs eram do seu pomar.

O senhor não queria crer.

— Não é possível, Larsen! Poderás arranjar uma declaração escrita do dono da frutaria?

Larsen voltou com a declaração pedida.

— É estranho! — exclamou o senhor.

Então passaram a vir para a mesa do senhor, todos os dias, grandes açafates com aquelas belas peras e maçãs, produtos do seu próprio pomar, que,

retorqui o senhor. — São excelentes esses melões!

— Bem posso sentir-me orgulhoso! — disse Larsen. — Devo esclarecer Sua Excel

quanto aos rábanos, houve um ano em que não resultaram bons. Então só se falou daqueles desafortunados rábanos e não de tudo o mais que fora bem produzido.

Era quase como se o senhor sentisse prazer em dizer:

— Este ano vai ser mau, amigo Larsen! — Parecia sentir uma grande alegria em exclamar: — Não, este ano não dá nada!

Algumas vezes por semana o jardineiro trazia flores frescas para a casa do senhor, sempre dispostas com muito gosto, e de tal modo as combinava que as cores se realçavam.

— Tens bom gosto, Larsen! — dizia o senhor. — É um dom que não veio de ti. Foi Nosso Senhor que to deu!

Um dia o jardineiro trouxe numa grande taça de cristal uma pétala de açucena aquática branca e sobre ela, com o longo e grosso caule mergulhado na água, uma admirável flor azul, do tamanho de um girassol.

— O lótus de Indostão! — exclamou o senhor, quando a viu.

Nunca vira uma flor assim. Durante o dia foi colocada ao Sol e

— Devias ter-nos dito isso logo — retorquiu o senhor. — Pensávamos que era uma flor exótica, rara. Obrigaste-nos a fazer má figura diante da jovem princesa! Viu a flor em nossa casa e achou-a muito bonita, mas não a reconheceu, embora seja excelente em bot

— Estás satisfeito agora, Larsen? — perguntou Sua Senhoria. — A tempestade derrubou as árvores e as aves fugiram para o bosque. O solar já não tem o aspeto dos velhos tempos. Tudo que os fazia recordar desapareceu! Tive realmente muita pena!

O jardineiro nada disse, mas logo pensou no que andava magicando há tanto tempo: utilizar o belo campo soalheiro de que antes não podia dispor e transformá-lo em adorno do jardim e num objeto de prazer para Sua Senhoria.

As grandes árvores derrubadas haviam destroçado e despedaçado as antiquíssimas sebes de buxo, talhadas em figuras. Aí plantou arbustos e plantas dos campos e dos bosques da região. O que nenhum outro jardineiro pensara fazer, quanto

No lugar das duas velhas árvores desfolhadas foi colocado um alto mastro de bandeira onde ondeava o «Dannebrog» e, próximo, um outro onde, no verão e no outono, se enroscavam as ramadas do lúpulo, com as suas flores odoríferas em cone. Também no inverno, seguindo um velho costume, era suspenso no mesmo mastro um comedouro com aveia, para que as aves tivessem comida na época festiva do Natal.

— O bom Larsen está a tornar-se sentimental com a idade! — disse Sua Senhoria. — Mas é-nos, na verdade, muito fiel e afeiçoado!

No ano seguinte, uma revista ilustrada da capital publicou uma gravura do antigo solar. Nela se via o mastro da bandeira e o comedouro de aveia para as aves. Comentava-se também a ideia excelente de o velho costume ter sido preservado e honrado de um modo tão significativo, precisamente no antigo solar.

— Tudo o que Larsen faz — declarou Sua Senhoria — é apregoado a todos os ventos. É um homem com sorte! Quase me sinto orgulhoso de o ter ao meu serviço!

Mas não era orgulho o que sentia! Sabia que era o senhor, que o podia despedir, o que não fazia, é claro, por ser boa pessoa; e nesta classe há muito boas pessoas, o que é também uma sorte para todos os Larsens.

É esta a história do jardineiro e do senhor! Pensa nela um pouco!

A Pastora e o Limpa-Chaminés



Já viste alguma vez um armário genuinamente antigo, completamente enegrecido pela antiguidade e trabalhado com floreados e folhagens? Pois era precisamente um desses que se encontrava numa certa sala de estar. Era herança da avó, bem talhado de rosas e tulipas que o cobriam de alto a baixo. Eram os mais maravilhosos floreados e entre eles emergiam cabeças de pequenos veados com grandes armações. No meio do armário estava também talhado um homem. Se ria, era muito divertido v

de porcelana. Era tão limpo e bonito como qualquer outro. O facto de ser limpachaminés era só apar

— Se ao menos estivéssemos sãos e salvos, longe da mesa! — disse ela. — Não terei alegria enquanto não partirmos por esse mundo fora!

Ele consolou-a e mostrou-lhe como podia p

e lançar-lhe sal nos olhos, quando ele vier.

— Pode não ser suficiente! — respondeu ela. — Além disso, sei que o velho chin

— É de mais! — disse ela. — Não posso suportá-lo! O mundo é demasiado grande! Quem me dera estar outra vez na mesinha por baixo do espelho! Não terei alegria enquanto não me encontrar lá outra vez! Segui-te pelo mundo fora, agora tu podes seguir-me para voltar a casa, se gostares um bocadinho de mim!

E o limpa-chaminés falou-lhe sensatamente. Falou-lhe do velho chin

caro?

Foi gateado. A família mandou-o colar nas costas, recebeu um bom gato no pescoço e ficou tão bom que parecia novo. Mas acenar já não podia.

— Tornou-se bastante ativo, desde que se partiu em pedaços! — disse o Sargento-general-comandante-chefe-subchefe das pernas de bode. — Não me parece, contudo, que seja razão para ser tão terrível! Vou ter a pastorinha ou não?

O limpa-chaminés e a pastorinha olharam ternamente para o velho chin

Os Sapatos Vermelhos



Havia uma rapariguinha tão fina e tão graciosa. Como era pobre, andava sempre de pés descalços no verão e de inverno com grandes tamancos de pau. Os pequeninos peitos dos pés ficavam todos vermelhos, o que era horroroso.

No meio da aldeia de camponeses morava a idosa mãe do sapateiro. Sentou-se a coser, tão bem quanto sabia, um par de sapatinhos de uns restos velhos de roupa vermelha, bastante toscos, mas feitos de boa vontade. Foram destinados

tudo por causa dos sapatos vermelhos, mas a senhora disse-lhe que eram horrorosos e queimou-os. Porém, vestiu Karen dos pés

fixavam os olhos nos sapatos vermelhos. Só pensava neles quando o pastor lhe p

— Olha que lindos sapatos de baile!

E Karen não p

onde a atanásia amarga crescia. Mas para ela não havia descanso nem repouso.
Quando dançava em direção

O carrasco fez-lhe pés de pau e muleta. Ensinou-lhe o salmo que os pecadores cantam sempre, e ela beijou-lhe a mão que guiara o machado. Dali foi pela charneca fora.

— Sofri bastante por causa dos sapatos vermelhos! — disse. — Vou

— Oh! Meu Deus, ajuda-me!

Então brilhou o Sol luminoso e, mesmo diante dela, apareceu o anjo de Deus em vestes brancas, que naquela noite vira

A Casa Antiga



Numa rua havia uma casa antiga, muito antiga. Tinha quase trezentos anos, como se podia ler na viga mestra, onde constava o ano da sua construção juntamente com tulipas e hastes de lúpulo. Estavam aí também versos completos escritos

entrada para um sepulcro antigo, pois até tem botões de latão. É uma vergonha!»

Mesmo em frente, na rua, havia também casas novas e bonitas, que pensavam como as outras, mas

esculpidos — pois na porta estavam esculpidos trombeteiros de pé, em tulipas — soprassem com toda a força, com as bochechas inchadas como nunca. Sim, tocavam: tataratá! Vem aí o rapaz! Tataratá! — e abriu-se a porta. Todo o corredor estava cheio de retratos antigos, cavaleiros com armaduras e damas com vestidos de seda. As armaduras tiniam e os vestidos de seda roçagavam!... Depois veio a escada que subia um bom bocado e descia um bocadinho... e estava-se numa varanda, que se encontrava num estado muito frágil, com grandes buracos e fendas extensas onde ervas e plantas cresciam em todos eles e por toda a varanda. O chão e as paredes tinham tanta verdura que parecia um jardim, embora fosse apenas só uma varanda. Havia aí vasos de flores com caras e orelhas de burro e neles as flores cresciam ao deus-dará. Um vaso estava cheio de cravos até

móveis. Estes eram tantos que estavam quase no caminho uns dos outros para verem o rapazinho.

No meio da parede estava suspenso um quadro com uma bela dama, tão jovem e de aspeto tão jovial, mas trajando ao uso dos velhos tempos, com cabeleiras empoadas e vestidos caindo tesos. Não disse nem «obrigada» nem «craque», mas olhou com os seus olhos meigos para o rapaz, que logo perguntou ao velho:

— Onde a arranjaste?

— Num antiquário! — respondeu. — Há lá muitos retratos. Ninguém conhece as pessoas retratadas ou se importa com elas, pois estão já todas enterradas, mas noutros tempos conheci-a e já há meio século que está no outro mundo!

Por baixo da pintura estava suspenso, coberto por um vidro, um ramo de flores secas. Tinha certamente meio século, tão velhas as flores pareciam. O p

— O dia é tão longo e a noite ainda mais longa! — continuou o soldado de chumbo. — Nada aqui é como em tua casa, onde o teu pai e a tua mãe falavam tão agradavelmente e onde tu e todos vós, doces crianças, fazíeis um tão bonito alvoroço. Não! Como o velho está isolado! Julgas que recebe beijos, que há olhos doces que o contemplam ou que tem árvore de Natal? Outra coisa não tem senão o enterro!... Não aguento!

— Não debes ver as coisas assim tão tragicamente! — retorquiu o rapazinho. — Aqui parece-me tudo tão belo! Todas as recordações do passado, com tudo o que podem trazer consigo, não v

lá em casa tão distintamente, como se na realidade estivésseis aqui. Era um domingo de manhã, como tu bem sabes! Todos vós, crianças, estáveis diante da mesa cantando os vossos salmos, como cantais todas as manhãs. Estáveis devotamente com as mãos juntas e o pai e a mãe também estavam solenes. Abriu-se então a porta e a tua irmãzinha Maria, que ainda não tem dois anos e que sempre se põe a dançar, quando ouve música ou canto, seja o que for, apareceu... não devia ainda ter entrado... e logo começou a dançar, mas não conseguia acompanhar o ritmo, pois os tons eram demasiado longos. Firmava-se primeiro numa perna, pondo a cabeça completamente para a frente, e depois na outra, com a cabeça também para a frente mas, nem mesmo assim, o conseguia. Vós todos estáveis muito sérios, embora fosse bastante difícil manter-se sério, mas eu ria por dentro, por isso caí da mesa e fiquei com uma moosa que ainda trago comigo. Na verdade, não foi bonito da minha parte rir. Mas tudo isso voltou a acontecer na minha mente, bem como o que naquela altura vivi. E essas são as recordações do passado, com tudo o que podem trazer consigo!... Conta-me, ainda cantais aos domingos? Diz-me alguma coisa da pequena Maria! E como vai o meu camarada, o outro soldado de chumbo! Ah! Ele é que é verdadeiramente feliz! Eu já não consigo suportar isto.

— Foste dado como presente! — disse o rapazinho. — Tens de ficar. Não és capaz de compreender isso?

Entretanto o ancião voltou com uma gaveta, onde havia muito para ver, tanto «casas de giz» como «caixinhas de bálsamo», ou velhas cartas de jogar, tão grandes e tão douradas, como já não se veem hoje. Foram abertas mais gavetas e abriu-se também o piano. Tinha uma paisagem pintada no interior da tampa e estava tão rouco quando o velho tocou nele e cantarolou uma canção!

— Cantava-a ela! — disse o ancião, acenando para o retrato que comprara no antiquário e os olhos brilharam-lhe.

— Quero ir para a guerra! Quero ir para a guerra! — gritou o soldado de chumbo tão alto quanto podia, lançando-se ao mesmo tempo para o chão.

E depois o que foi feito dele? O velho procurou-o, o rapazinho procurou-o.

Desaparecera e desaparecido ficou.

— Hei de encontrá-lo! — disse o velho, mas nunca o encontrou. O chão tinha buracos e fendas por toda a parte. O soldado de chumbo caíra por uma greta e lá ficou como numa sepultura aberta.

O dia passou e o rapazinho voltou para casa. Passou-se uma semana, passaram-se muitas semanas. Agora as janelas estavam completamente geladas. O rapazinho tinha de ficar sentado, bafejando nelas para conseguir um orifício por onde espreitar a casa antiga. Havia neve em todos os ornamentos e inscrições, amontoava-se na escada, como se não houvesse ninguém em casa e, realmente, não havia ninguém na casa antiga. Na verdade, o velho senhor morrera.

À noite, parou uma carruagem diante da casa, e para ela o trouxeram no caixão, pois ia ser enterrado na sua terra no campo. Para lá o levavam agora, mas ninguém o acompanhava, porque todos os amigos estavam já mortos. O rapazinho mandou um beijo com a ponta dos dedos quando o caixão partiu.

Alguns dias depois fez-se o leilão do recheio da casa e o rapazinho viu da sua janela o que se levava: os velhos cavaleiros e as velhas damas, os vasos de flores de grandes orelhas, as velhas cadeiras e os velhos armários. Umas coisas iam para aqui, outras para ali. O retrato voltou para o antiquário, onde ficou pendurado para sempre, pois ninguém conhecia aquela dama e ninguém se interessou pelo velho quadro.

Na primavera deitou-se a casa abaixo, pois era uma monstruosidade, diziam as pessoas. Podia ver-se da rua diretamente para dentro da sala onde estavam as peles de porco, agora golpeadas e rasgadas. A verdura da varanda pendia enredada nas tábuas, ameaçando cair... E assim foi completamente arrasada.

— Foi uma boa coisa! — disseram as casas próximas.

Construiu-se uma nova e bela casa com grandes janelas e paredes lisas e brancas. Na sua frente, onde estivera a casa antiga, plantou-se um jardimzinho e por cima

dos muros vizinhos cresceram videiras bravas. Diante do jardim foi colocada uma grande grade de ferro, com um portão, também de ferro, que dava um aspeto grandioso ao jardim, e as pessoas paravam e espreitavam para dentro. Os pardais pousavam

sepultura do velho senhor.

— Sim, mas não sei onde está — declarou ele —, e ninguém sabe! Todos os seus amigos tinham morrido, ninguém cuidou disso e eu era ainda um rapazinho!

— Como deve ter-se sentido terrivelmente só! — retorquiu ela.

— Terrivelmente só! — confirmou o soldado de chumbo. — Mas, quando não se é esquecido, é muito belo!

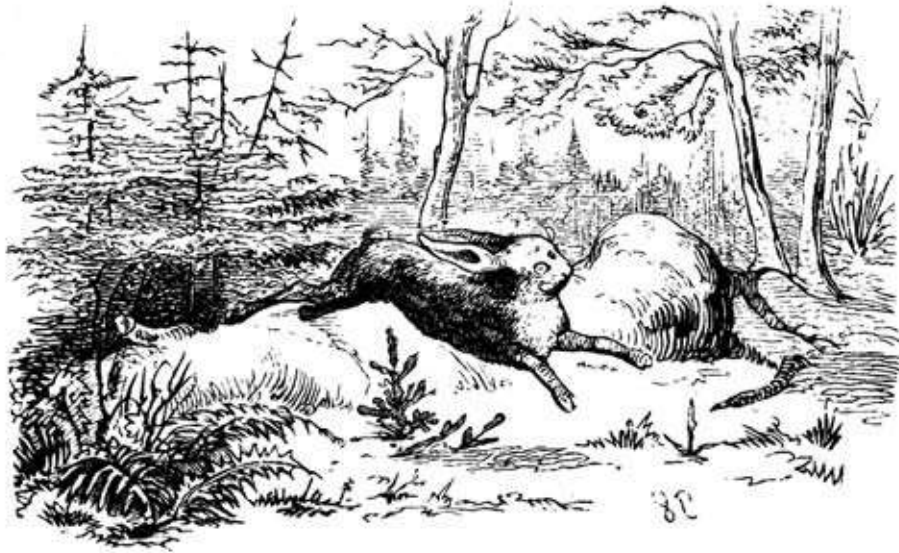
— Belo! — gritou algo muito perto, mas ninguém senão o soldado de chumbo viu que era um pedaço da pele de porco. Todo o dourado desaparecera, parecia terra húmida, mas mantinha uma opinião. E mantendo-a dizia:

O dourado desaparece

Mas a pele de porco permanece.

Nisso, porém, não acreditava o soldado de chumbo. 107

O Abeto



Dentro do bosque erguia-se um bonito abeto. Tinha um bom lugar, podia apanhar Sol, havia aí bastante ar e

longe no vasto mundo! As aves construiriam ninhos entre os meus ramos e quando fizesse vento podia inclinar a cabeça elegantemente, como as outras ali!

Não sentia nenhum prazer na luz do Sol, nem nas aves ou nas nuvens rubras que de manhã e

— Alegra-te com o teu fresco crescer, com a vida jovem que tens em ti!

O vento beijava a árvore e o orvalho chorava lágrimas sobre ela, mas o abeto não os entendia.

Quando chegou o tempo do Natal, foram abatidas árvores novas, de tenra idade que muitas vezes não eram maiores ou não tinham mais idade do que aquele abeto, que não tinha descanso, e que queria sempre ir para longe. Essas árvores jovens, que eram as mais bonitas de todas, ficavam sempre com todos os seus ramos, eram postas em carroças e os cavalos levavam-nas para fora do bosque.

— Para onde irão elas? — perguntava o abeto. — Não são maiores do que eu, havia mesmo uma que era muito mais pequena. Porque ficam com todos os ramos? Para onde as levam?

— Nós sabemos! Nós sabemos! — chilreavam os pardais. — Espreitámos lá em baixo na cidade para dentro das janelas! Sabemos para onde as levam! Oh! Vão para o maior brilho e glória que se pode imaginar! Espreitámos para dentro das janelas e vimos que ficam plantadas no meio da sala aquecida e são enfeitadas com as coisas mais belas, maçãs douradas, bolos de mel, brinquedos e centenas de velas!

— E depois? — perguntou o abeto, abanando com

tua fresca juventude cá fora, ao ar livre!

Mas não se alegrava nada. Crescia e crescia, inverno e verão mantendo-se verde. Estava verde-escura. As pessoas que a viam diziam:

— É uma linda árvore!

Até que pelo Natal foi a primeira a ser abatida. O machado cortou fundo através da seiva, a árvore caiu com um gemido em terra. Sentia uma dor e um desfalecimento, que não traziam nenhuma felicidade. Sentia pena em separar-se da casa, do lugar onde tinha rebentado. Sabia bem que nunca mais veria os velhos camaradas queridos, os pequenos arbustos e as flores

— Esta noite — disseram todos —, esta noite vai brilhar.

«Oh!», pensava a árvore, «tomara que seja já noite! Tomara que as velas sejam acesas! E que irá acontecer! Virão as árvores do bosque ver-me? Voarão os pardais junto das janelas? Crescerei eu aqui, assim ornamentada, inverno e verão?»

Sim, sabia bem, mas tinha verdadeiramente dores na casca de pura

extraordinariamente se ouvir também! Mas só conto uma história. Quereis ouvir a do «Ivede-Avede» ou a do «Bola Que Rebola», que caiu pelas escadas abaixo mas que chegou ao trono e casou com a princesa?

— «Ivede-Avede» — gritaram uns —, «Bola Que Rebola» — gritaram outros. Era uma barulheira e uma gritaria, só o abeto se mantinha calado e pensava: «Devo fazer como eles, ou não fazer nada?» Tinha-os acompanhado e feito o que devia.

O homem contou a história do «Bola Que Rebola», que caiu pelas escadas abaixo mas que chegou ao trono e casou com a princesa. E as crianças bateram palmas e gritaram: — Conta! Conta! — Queriam também ouvir «Ivede-Avede», mas só tiveram a do «Bola Que Rebola». O abeto estava sossegado e pensativo, nunca os pássaros lá fora no bosque haviam contado coisas deste género. «Bola Que Rebola» caiu pelas escadas abaixo mas casou com a princesa! Sim, sim, assim se passam as coisas no mundo!, pensou o abeto, acreditando que era verdade, pois fora um senhor tão gentil que o contara. «Sim! Sim! Quem sabe! Talvez eu também caia pelas escadas abaixo e venha a casar com uma princesa!» E alegrou-se com a ideia de, no dia seguinte, ser enfeitado com velas e brinquedos, ouro e frutas.

«Amanhã não vou tremer!», pensou, «quero simplesmente todo o meu esplendor. Amanhã vou ouvir outra vez a história do “Bola Que Rebola” e talvez a do “Ivede-Avede”.» A árvore ficou sossegada e pensativa toda a noite.

De manhã vieram o criado e a criada.

«Agora vai recomeçar a pompa!», pensou a árvore, mas arrastaram-na para fora da sala, pelas escadas acima, até ao sótão, para um canto escuro onde nunca entrava a luz do Sol, e deixaram-na aí. «Que significa isto?», «Que vou fazer aqui? Que vou poder ouvir aqui?» Encostou-se

primavera! É uma coisa bem pensada! Como realmente os homens são bons! Só queria que aqui não fosse tão escuro e tão terrivelmente isolado... Nem ao menos uma lebrezinha!... Era tão bom lá fora, no bosque, quando havia neve e as lebres saltitavam, sim, mesmo quando saltavam por cima de mim, do que, nessa altura, não gostava nada. Aqui em cima está-se terrivelmente só!»

— Ih! Ih! — disse um ratinho no mesmo momento, correndo para a sua frente e veio outro também. Cheiraram o abeto e meteram-se por entre os seus ramos.

— Faz um frio terrível! — disseram os ratinhos. — É uma b

divertidos! Mas podem vir outra vez, podem vir! O “Bola Que Rebola” caiu pelas escadas abaixo e casou com a princesa. Talvez eu também venha a casar com uma princesa.» — E o abeto pensou então numa linda betulazinha que crescia lá fora no bosque. Era para o abeto uma princesa verdadeiramente linda.

— Quem é o «Bola Que Rebola?» — perguntaram os ratinhos. Então o abeto contou toda a história, lembrava-se de cada uma das palavras. E os ratinhos estiveram quase a saltar para o topo da árvore de pura alegria. Na noite seguinte vieram muitos outros ratos e, no domingo, duas ratazanas. Mas estas disseram que a história não era divertida, e isso entristeceu os ratinhos, pois agora também não a achavam tão bonita.

— Só sabe essa história? — perguntaram as ratazanas.

— Só esta! — respondeu a árvore. — Ouvi-a na minha noite mais feliz, mas então não sabia quão feliz era.

— É uma história extremamente má! Não conhece nenhuma com presunto e velas de sebo? Nenhuma história da despensa?

— Não — disse a árvore.

— Bem, então muito obrigada! — responderam as ratazanas, que foram para os seus buracos. Os ratinhos não apareceram mais e a árvore murmurou: — Era, na verdade, bem agradável, quando os ratinhos espertinhos se sentavam

pátio dava para um jardim e aí tudo floria. As rosas suspendiam-se frescas e odorosas sobre a pequena balaustrada, as tílias estavam em flor e os pardais esvoaçavam

Os rapazes brincavam no pátio e o mais pequeno tinha no peito a estrela dourada que a árvore exibira na sua noite mais feliz. Agora esta era já passado e a história também. Passado, passado, são todas as histórias!

A Família Feliz



A maior folha verde que existe aqui no país é, certamente, a folha da bardana. Se alguém pequenino a puser diante da barriguinha, é como um avental perfeito e, se a puser sobre a cabeça, em tempo de chuva, é quase tão boa como um guarda-chuva, porque é tremendamente grande. Uma bardana nunca cresce só. Não! Onde nasce uma, nascem muitas, são de uma grande beleza e toda essa beleza serve de comida aos caracóis.

Os grandes caracóis brancos — que as pessoas finas, em tempos antigos, mandavam preparar de fricassé — comiam as folhas e diziam «hum!, sabe tão bem!», pois acreditavam que as bardanas tinham um gosto delicioso porque eles viviam nas suas folhas e foi para ser a sua comida que estas tinham sido semeadas.

Havia então um velho solar onde já há muito não se comiam caracóis porque estavam completamente extintos. Mas as bardanas, essas, não estavam extintas, Cresciam e cresciam sobre todos os caminhos e canteiros. Já nada podia sust

era bardanas e ali viviam os dois últimos e velhíssimos caracóis.



Nem eles próprios sabiam quão velhos eram, mas lembravam-se de que haviam sido muitos, que eram de uma família provinda de um país estrangeiro e que, para eles e para os seus, fora plantado todo o campo de bardanas. Nunca tinham estado fora dele, mas sabiam que havia algo no mundo que se chamava solar. Aí, depois de cozinhado até ficar preto era-se posto em travessas de prata, mas o que acontecia a seguir não se sabia. Não eram capazes de imaginar como seria ser-se cozinhado e posto em bandeja de prata, mas devia ser algo belo e especialmente distinto. Nenhum escaravelho, sapo ou minhoca a quem tinham perguntado, podia dar a resposta. Nunca nenhum deles fora cozinhado ou posto em travessas de prata.

Os velhos caracóis brancos eram os mais distintos do mundo. O campo de bardanas estava ali por amor a eles e o solar existia para que pudessem ser cozinhados e postos em travessas de prata. Era disso que estavam convencidos.

Viviam muito sós, mas felizes. Como não tinham filhos, adotaram um caracolzinho vulgar que educaram como se fosse o seu próprio filho. Porém, o pequeno não crescia, pois era um caracol vulgar. Aos velhos, especialmente

— Também estão a cair pingos! — afirmou a mãe-caracol. — Até escorrem pelo caule! Vais ver, vai ficar tudo encharcado! Estou contente que tenhamos as nossas boas casas e que o pequeno também tenha a sua! Em boa verdade, fez-se mais por nós do que por todos os outros seres criados. Pode assim ver-se como somos de alta estirpe no mundo! Temos casa desde o nascimento e os campos de bardanas são semeados por amor de nós! Gostaria de saber até onde este mundo se estende e o que há para além dele!

— Não há nada para além! — proferiu o pai-caracol. — Melhor do que o nosso não pode ser nenhum outro lugar, lá nada há que eu deseje!

— Sim — concordou a mãe —, mas eu gostava muito de ir ao solar, ser cozinhada e posta numa travessa de prata. Todos os nossos antepassados o foram. Acredita que há algo de distinto nisso!

— O solar está possivelmente desmoronado — disse o pai-caracol — ou as bardanas cresceram por cima dele, de modo que os seres humanos não podem sair de lá. De resto, não há pressa, mas tu andas sempre numa correria terrível e o pequeno começa a fazer o mesmo. Não subiu o caule até lá acima em tr

— E que tem isso! — redarguíram os velhos.

— Ela tem casa? — Tem um palácio! — responderam as formigas. — O mais belo palácio de formiga com setecentas entradas.

— Obrigada — disse a mãe-caracol. — O nosso filho não vai entrar num formigueiro! Se não sabem de coisa melhor, vamos pedir aos mosquitos brancos.
Voam

E a chuva batia nas folhas de bardana para fazer música de tambores por amor deles, e o Sol brilhava para dar colorido ao campo de bardanas por amor a eles, e eram muito felizes, e toda a família era feliz.

Porque o era.

A Vestimenta Nova do Imperador



Há muitos anos, vivia um imperador que gostava tanto de vestimentas novas e bonitas, que gastou todo o seu dinheiro a vestir-se bem. Não se preocupava com os seus soldados nem com comédias ou em passear de carruagem pelo bosque, apenas queria exhibir as suas vestimentas novas. Tinha uma casaca para cada hora do dia, e tal como se costuma dizer que um rei está em conselho, neste caso dizia-se: — O imperador está no guarda-roupa.

Na grande cidade onde vivia, o tempo decorria muito agradável. Estavam sempre a chegar forasteiros. Mas um dia vieram dois aldrabões. Disseram-se tecelões e afirmaram que sabiam tecer a mais bonita fazenda que se podia imaginar. Não só as cores e o padrão eram invulgarmente bonitos, mas também as vestimentas feitas com essa fazenda. Tinham a maravilhosa propriedade de ficar invisíveis para qualquer pessoa que não fosse boa no seu ofício ou então inadmissivelmente estúpida.

«Seria uma vestimenta bem bonita para vestir», pensou o imperador. «Podia depois vir a saber que pessoas no meu império não prestam no ofício que t

distinguir os espertos dos estúpidos! Sim, a fazenda tem de ser tecida imediatamente para mim!» E p

extraordinariamente!

— Oh! Muito nos alegra sab

acontecer!»

— Oh! É muito bonito! — exclamou. — Tem a minha suprema aprovação! — E acenou com a cabeça, satisfeito, observando os teares vazios. Não queria dizer que não conseguia ver nada. Toda a comitiva que viera com ele olhou e tornou a olhar, mas não encontrou mais do que todos os outros. Tal como o imperador, também afirmaram:

— Oh! É muito bonito! — E aconselharam-no a vestir esta nova e bonita vestimenta, pela primeira vez, na grande procissão que iria realizar-se.

— É *magnifique*! Lindo! Excelente! — andava de boca em boca e todos se sentiam intimamente contentes com isso. O imperador deu a cada um dos aldrabões uma cruz de cavaleiro para pendurar na botoeira e o título de cavaleiro de tear.

Toda a noite, antes da manhã em que a procissão se realizaria, estiveram os aldrabões de pé, com mais de dezasseis velas acesas. Toda a gente podia ver que estavam ocupados a acabar a nova vestimenta. Fingiram que tiravam a fazenda do tear, a cortavam no ar com grandes tesouras, a cosiam com agulha e linha e, por fim, disseram:

— Vede, agora a vestimenta do imperador está pronta!

O imperador, com os seus cavaleiros mais distintos, foi ao encontro dos aldrabões, que levantavam um braço no ar, como se segurassem alguma coisa. E disseram:

— Aqui estão as calças! Eis a casaca! Aqui o manto! — E assim por diante. — É tão leve como teia de aranha! Parece que não se tem nada vestido sobre o corpo, mas é precisamente essa a sua virtude!

— Pois claro! — afirmaram todos os cavaleiros, mas não conseguiram ver coisa alguma, pois nada havia para ver.

— Se agora Vossa Majestade Imperial tivesse a bondade de comprazer-se em tirar as roupas — disseram os aldrabões —, vestir-lhe-íamos a nova vestimenta, aqui, diante do grande espelho.

O imperador despiu todas as roupas e os aldrabões agiram como se lhe entregassem peça por peça da nova vestimenta, supostamente acabada. Pegaram-lhe pela cintura e fingiram acertar algo que estava puxado, e o imperador virava-se e voltava-se diante do espelho.

— Deus! Como vestem bem! Como assentam lindamente! — disseram todos em coro. — Que padrão! Que cores! É um traje precioso!

— Lá fora estão já com o pálio sob o qual irá Vossa Majestade na procissão — disse o mestre-de-cerimónias principal.

— Está bem, já estou pronto — respondeu o imperador. — Não assenta bem? — Virou-se ainda uma vez mais diante do espelho, pois devia parecer como se estivesse a admirar verdadeiramente a sua eleg

Histórias do Brilho do Sol



— Agora vou eu contar! — disse o Tempo Ventoso.

— Não, com sua licença! — disse o Tempo de Chuva. — Agora é a minha vez!
Há muito que está a uivar na esquina da rua, se é que tanto assim se pode uivar!

— É o agradecimento — disse o Tempo Ventoso — por ter virado muitos chapéus de chuva em sua honra. Sim, t

todo o pano. Poisou no cabelo encaracolado de um jovem, o superintendente da mercadoria. Ou o sobrecarga, como era denominado. A pena da ave da sorte roçou-lhe a testa e tornou-se uma pena de escrever na sua mão. O jovem fez-se tão rico mercador que bem podia comprar para si esporas de ouro e transformar travessas de ouro num brasão de nobreza.

— Brilhei nele! — disse o Brilho do Sol.

— O cisne voou sobre o prado verde onde o pastorinho, um rapazinho de sete anos, se deitara

nesse preciso momento, a avezinha de ouro partiu a voar.

Beijou cada anel e fez com que cada um dos filhos os beijasse também. P

— O cisne da felicidade voou então sobre o mar profundo, onde os pescadores tinham deitado as redes. O mais pobre deles pensava em casar-se. E casou-se.

Casou-se porque, para ele, o cisne trouxe um pedaço de

Os Cisnes Selvagens



Muito longe daqui, lá para onde as andorinhas voam quando nós temos inverno, vivia um rei com onze filhos e uma filha, Elisa. Os onze irmãos — os príncipes — iam

príncipes, que este nunca mais se importou com eles.

— Voem por esse mundo fora e tratem de vós mesmos — disse a rainha má. —
Voem como grandes aves sem voz! — Não lhes p

isso. — Colocou então os sapos na água clara, que logo tomou uma cor esverdeada. Chamou por Elisa, despiu-a e mandou-a entrar na água e, quando ela aí mergulhou, p

e os homens saíam do livro e falavam para Elisa e para os irmãos, mas quando voltava a folha, logo saltavam novamente para dentro, para que não houvesse confusão nas estampas.

Quando acordou, já o Sol ia alto. Não podia v

solidão como nunca antes conhecera!

Fez-se então muito escura a noite! Nem um único pirilampozinho brilhava no musgo. Aflita, deitou-se no chão para dormir. Pareceu-lhe que os ramos das árvores por cima se abriam para o lado e que o Senhor, com doces olhos, olhava para ela em baixo e que anjinhos espreitavam sobre a sua cabeça e sob os seus braços.

Quando despertou de manhã, não sabia se sonhara ou se fora realmente assim.

Caminhou alguns passos em frente e encontrou uma velha com bagas num cesto. A velha deu-lhe algumas. Elisa perguntou se vira onze príncipes cavalgando pelo bosque.

— Não — respondeu a velha —, mas vi ontem onze cisnes com coroas de ouro na cabeça, nadando pelo regato abaixo, aqui mesmo ao lado.

Depois conduziu Elisa um pouco mais

ninguém o poderia dizer. Estava sozinha na praia, mas não se sentia só, pois o mar apresentava uma eterna transformação, sim, em algumas poucas horas mais do que os frescos lagos interiores poderiam mostrar em todo um ano. Se aparecia uma grande nuvem negra, era como se o mar dissesse «eu também sei mostrar-me sombrio» e então soprava o vento e as ondas voltavam o branco para fora. Mas se as nuvens brilhavam vermelhas e os ventos dormiam, ficava o mar como uma folha de rosa. Estava agora ora verde, ora branco, mas como repousava calmo! Havia, contudo, nas margens um suave movimento, a água elevava-se docemente, como o peito de uma criança quando dorme.

Quando o Sol estava quase a p

nunca poderíamos visitar a nossa querida pátria, pois dois dos mais longos dias do ano precisamos para o nosso voo. Só uma vez no ano nos é permitido visitar a terra dos nossos pais. Podemos ficar aí onze dias, voar sobre o grande bosque e daí ver o palácio onde nascemos e onde mora o nosso pai, ver a alta torre da igreja, onde está enterrada a nossa mãe. Aqui parece-nos que as árvores e os arbustos são nossos parentes, aqui correm os cavalos selvagens sobre a planície, como os víamos na nossa infância

Estava longe a terra, quando Elisa acordou. Julgou que ainda sonhava, tão maravilhoso lhe pareceu ser transportada sobre o mar alto, através do ar! Ao seu lado havia um ramo de belas bagas maduras e um molho de raízes saborosas. Tinha-os colhido o irmão mais novo, que ali os pusera para ela. Sorriu-lhe agradecida, pois sabia que fora ele, o que voava por cima da sua cabeça e lhe dava sombra com as asas.

Estavam tão alto que o primeiro navio que viram pareceu-lhes uma gaivota branca pousada na água. Uma grande nuvem encontrava-se por detrás deles. Era toda uma montanha e nela viu Elisa a sombra de si própria e dos onze cisnes, tão gigantescos voavam ali! Era o mais belo quadro que vira até então! Mas logo que o Sol subiu mais alto e a nuvem ficou para trás, desapareceu a imagem da sombra flutuante.

Continuaram todo o dia a voar, como uma flecha sussurrante através do ar, mas mais lentamente do que nunca, pois tinham de transportar a irmã. P

havia ali em baixo. O mar batia contra o rochedo e tombava com fortes bátegas sobre eles. O céu brilhava num fogo sempre constante e a trovoada ribombava, trovão atrás de trovão, mas Elisa e os irmãos deram as mãos e cantaram um salmo, com que receberam consolo e coragem.

Ao romper do dia o ar estava puro e calmo. Logo que o Sol subiu, os cisnes partiram da ilha e levaram com eles Elisa. O mar ainda estava agitado. Parecia-lhes, quando estavam no ar, que a espuma branca no mar verde-escuro eram milhões de cisnes vogando nas ondas.

Quando o Sol ficou ainda mais alto, Elisa viu diante de si, meio flutuando no ar, uma terra montanhosa com massas de gelo brilhantes nas rochas e no meio estendia-se um palácio com uma boa milha de comprimento com arrojadas arcadas umas sobre as outras. Por baixo abanavam palmeirais e flores maravilhosas, tão grandes como rodas de moinho. Perguntou se era a terra para onde iam, mas os cisnes abanaram a cabeça, pois aquilo que ela via era o belo palácio nas nuvens, em constante transformação, da Fada Morgana. Nele não podia entrar nenhum ser humano. Elisa olhou-o fixamente. Então desmoronaram-se montes, bosques e palácio e apareceram doze soberbas igrejas, todas iguais umas

dormir continuou a orar. Então pareceu-lhe que voava alto no ar para o palácio nas nuvens da Fada Morgana e que esta veio ao seu encontro, tão bela e esplendorosa, contudo, parecendo-se com a velha que lhe dera bagas no bosque e lhe falara dos cisnes com coroas de ouro.

— Teus irmãos podem ser salvos — disse ela —, mas tens coragem e perseverança? É certo que o mar é mais macio do que as tuas finas mãos. No entanto, dá forma

onde as suas lágrimas caíam não sentia nenhuma dor, já que desapareciam as bolhas ardentes.

Passou toda a noite a trabalhar, pois não descansaria enquanto não tivesse salvo os irmãos queridos. Permaneceu todo o dia seguinte, enquanto os cisnes estiveram fora, sentada no seu isolamento, mas nunca o tempo correrá tão depressa. Uma cota de malha ficou completamente pronta. Começou logo a seguinte.

Soou então a trompa de caça nos montes. Ficou cheia de medo. Os sons aproximavam-se, podia ouvir os cães a ladrar. Assustada, entrou na gruta, atou um molho as urtigas que juntara e cardara e sentou-se em cima.

Nesse mesmo momento veio um cão grande saltando do barranco e logo um outro e ainda outro. Ladraram alto, correram para trás e voltaram outra vez. Não demorou muito que estivessem todos os caçadores diante da gruta e o mais belo de todos era o rei do país. Dirigiu-se para Elisa. Nunca vira uma rapariga tão bonita!

— Como vieste parar aqui, linda menina? — perguntou o rei. Elisa abanou a cabeça, não devia falar, tratava-se da salvação e da vida dos irmãos. Escondeu as mãos sob o avental para que o rei não visse o que tinha de sofrer.

— Vem comigo! — disse ele. — Não podes ficar aqui! Se fores tão boa como és bonita, vestir-te-ei de seda e veludo, p

deslumbrantemente bela que a corte se inclinou ainda mais profundamente perante ela e o rei proclamou Elisa como sua noiva. Ainda que o arcebispo abanasse a cabeça e murmurasse que a bela rapariga do bosque era certamente uma herege que cegara os olhos e seduzira o coração do rei! Mas o rei não o ouviu, mandou tocar a música, que viessem os mais deliciosos manjares e que as mais gentis meninas dançassem

confiar-se a ele, contar-lhe as suas mágoas! Mas muda tinha de ser, muda tinha de completar a sua tarefa. Por isso escapava-se de noite do lado dele, entrava no quartinho que estava decorado como a gruta e acabou uma cota de malha após outra, mas, quando começou a sétima, não tinha mais linho.

Sabia que no cemitério cresciam as urtigas de que precisava, mas tinha ela própria de ir apanhá-las. Como conseguiria isso? «

Oh! Que são as dores nos dedos comparadas com a tortura que sofre o coração?», pensou. «Tenho de tentá-lo! O Senhor não me retirará a Sua proteção!» Com angústia no coração, como se estivesse perante uma má ação, desceu na noite clara de luar ao jardim, atravessou as longas áleas, saiu para as ruas solitárias e encaminhou-se para o cemitério. Aí viu sentado numa das maiores pedras tumulares um círculo de velhas bruxas horríveis que despiram os andrajos, como se quisessem banhar-se, e começaram a esgaravatar com os longos dedos magros nas covas frescas, retirando os cadáveres e comendo-lhes a carne. Elisa teve de passar perto delas, que lhe lançaram olhares maus, mas ela recitou a sua oração, juntou as urtigas ardentes e levou-as para o palácio.

Só uma única pessoa a viu, o arcebispo, que estava levantado quando os outros dormiam. Tinha, pois, razão quando dissera que havia algo na rainha que não estava bem.

Era uma bruxa, assim transtornando a cabeça ao rei e a todo o povo.

No confessionário, contou ao rei o que vira e o que receava. Quando as palavras duras lhe saíam da língua, as imagens dos santos abanavam a cabeça, como se quisessem dizer: — Não é assim! A Elisa está inocente! Mas o arcebispo explicou-o de outro modo, que testemunhavam contra ela, que abanavam a cabeça pelo seu pecado. Rolaram então duas pesadas lágrimas pelas faces do rei. Regressou a casa com a dúvida no coração e

De dia para dia tornou-se-lhe o semblante mais sombrio. Elisa notou-o, mas não compreendeu. Inquietou-se com isso, mas o que não sofria o seu coração pelos irmãos! No veludo e púrpura reais corriam as lágrimas salgadas, aí se quedavam como diamantes cintilantes e todos os que viam esse rico esplendor desejavam ser como a rainha. Estava, entretanto, quase no fim do trabalho, faltava-lhe ainda uma cota de malha. Mas não tinha mais linho, nem uma única urtiga. Mais uma vez, a última, tinha de ir ao cemitério apanhar uma mão-cheia de urtigas. Pensou com angústia no caminho solitário e nas bruxas horríveis, mas a sua vontade era firme, como era a confiança em Deus.

Assim lá foi, mas o rei e o arcebispo seguiram-na, viram-na desaparecer pelo portão de grades do cemitério e, quando se aproximaram, depararam-se-lhe nas pedras tumulares as bruxas que Elisa encontrara. O rei virou o rosto, pois entre estas julgou ver aquela cuja cabeça ainda na noite anterior repousara no seu peito.

— O povo que a julgue! — disse o rei. E o povo condenou-a: seria queimada nas chamas rubras.

Das belas salas reais foi levada para uma masmorra escura e húmida, onde o vento assobiava pela janela com grades. Em vez de veludo e seda deram-lhe o molho de urtigas que colhera, podia aí repousar a cabeça. As cotas de malha duras e ardentes que tecera podiam servir-lhe de enxergão e de coberta. Mas nada mais caro podiam ter-lhe oferecido. Voltou ao trabalho e rezou a Deus. Lá fora cantavam os rapazes da rua canções de escárnio sobre ela. Nenhuma alma a consolou com uma palavra querida.

À noite, algo sussurrou junto

noites em claro. O arcebispo foi-se embora com más palavras para ela, mas a pobre Elisa sabia que estava inocente e continuou a trabalhar.

Os ratinhos corriam no chão, arrastavam as urtigas para diante dos pés dela, pois queriam ajudá-la um pouco, e o tordo pousou nas grades da janela e cantou toda a noite, tão alegremente quanto podia, para que ela não perdesse a coragem.

Ainda era madrugada, só dentro de uma hora se levantaria o Sol. Ali estavam os onze irmãos ao portão do palácio, pedindo para serem levados ao rei. Que não podia ser foi a resposta, ainda era bem de noite, o rei dormia e não seria acordado. Pediram, ameaçaram, veio a guarda, desceu mesmo o rei, que perguntou o que se passava. Levantou-se então o Sol no mesmo momento e nenhum irmão havia

tinha uma asa de cisne no lugar de um braço, pois faltava uma manga na sua cota, que ela não conseguira aprontar.

— Agora posso falar! — disse ela. — Estou inocente!

O povo, que viu o que acontecera, curvou-se diante de Elisa como perante uma santa, mas ela tombou desmaiada nos braços dos irmãos. Tanta comoção, angústia e dores tiveram o seu efeito.

— Sim, está inocente! — disse o irmão mais velho, e depois contou tudo o que acontecera e, enquanto ele falava, espalhou-se um perfume, como de milhões de rosas, pois cada um dos pedaços de lenha da fogueira criara raízes e desabrochava em ramos. Estava ali uma sebe odorosa, alta e grande com rosas vermelhas e em cima uma flor branca e brilhante, que reluzia como uma estrela. Apanhou-a o rei, que a p

A Arca Voadora



Era uma vez um mercador tão rico que até podia calcetar a rua toda com moedas de prata e quase uma ruelazinha ainda. Mas não o fez, sabia empregar o seu dinheiro de outro modo e se despendia um xelim, recebia um táler em troca. Assim era o mercador... e assim morreu.

O filho ficou então com todo esse dinheiro e levou a vida a divertir-se. Foi todas as noites a mascaradas, armou papagaios com as notas de táleres e fez saltitar sobre a superfície do mar moedas de ouro em vez de pedrinhas. Bem podia o dinheiro sumir-se e assim sucedeu. Por fim não possuía mais do que quatro xelins e não tinha outra vestimenta senão um velho roupão e um par de pantufas. A partir daí os amigos não se importaram mais com ele, pois já não podiam ir juntos para a rua, mas um deles, que era bom, mandou-lhe uma velha arca e disse:

— Faz a mala! — Sim, estava tudo muito bem, mas ele não tinha nada com que a encher e assim sentou-se ele próprio na arca.

Era uma arca pitoresca. Logo que se premia a fechadura, punha-se a voar. Foi

isso que fez, bumba!, voou com ele por aí acima, através da chaminé, alto, por sobre as nuvens, cada vez mais longe. Rangia no fundo e ele estava com muito medo de que se fizesse em pedaços, pois se assim fosse vinha a dar um bem bonito salto. Deus nos livre disso! Chegou

— Sim, não trago outro presente de noivado senão uma história! — afirmou ele. Separaram-se, mas a princesa deu-lhe um sabre, incrustado com moedas de ouro, e estas bem sabia ele como utilizá-las.

Voou para fora. Comprou um roupão novo e sentou-se no bosque a compor uma história, que teria de ficar pronta até sábado e isto não era fácil.

Finalmente deu o conto por terminado. E tinha chegado o sábado.

O rei e a rainha bem como toda a corte esperavam, como convidados, para o chá da princesa. E o filho do mercador foi admiravelmente bem recebido!

— Quer então contar-nos uma história? — perguntou a rainha. — Uma que seja de sentido profundo e instrutivo!

— Mas que faça também rir! — acrescentou o rei.

— Certamente! — disse ele e começou a contar. Temos de ouvi-la bem!

Era uma vez um molho de fósforos, extraordinariamente orgulhoso pelo facto de ser de alta estirpe. A sua árvore genealógica, quer dizer, o grande abeto, de que eram um pedacinho, tinha sido uma grande árvore antiga do bosque. Os fósforos estavam agora na prateleira, entre um isqueiro e uma velha panela de ferro, e para eles contavam histórias da sua juventude.

— Sim, quando estávamos no ramo verde! — diziam eles. — Estávamos realmente bem! Todas as manhãs e todas as noites havia chá de diamantes: era o orvalho. Todos os dias tínhamos luz do Sol, quando este brilhava, e todos os passarinhos tinham de contar-nos histórias. Bem podíamos aperceber-nos de que também éramos ricos, pois as árvores de folha só estavam vestidas no Verão, mas a nossa família possuía meios para ter vestuário verde tanto no verão como no inverno. Mas vieram os lenhadores, foi a grande revolução, e a nossa família dispersou-se. O tronco, que era o chefe da família, obteve um lugar de mastro real num belo navio que podia navegar

— Comigo passa-se de outro modo! — disse a panela de ferro, ao lado da qual estavam os fósforos. — Desde que vim ao mundo que sou esfregada e posta ao lume continuamente! Cuido do que é sólido e sou, na verdade, a primeira coisa aqui na casa. A minha única alegria é, depois da mesa, ficar aqui limpa e bonita na prateleira e ter uma conversa ajuizada com os camaradas. Mas, se excetuar o balde de água, que, uma vez por outra, desce ao jardim, vivemos sempre dentro de portas. O cesto de compras é o único que nos traz as novidades, mas ele fala tão violentamente do governo e do povo! Sim, outro dia foi um velho pote que caiu lá de cima, de medo, e desfez-se em pedaços! Tem umas ideias frescas! Tenho de vos dizer!

— Agora estás a falar de mais! — disse o isqueiro, e o aço bateu na pederneira, até fazer faísca. — Não era uma noite agradável que queríamos?

— Sim, falemos sobre qual de nós é o mais distinto! — disseram os fósforos.

— Não, não gosto de falar de mim própria — afirmou a panela de barro. — Façamos um serão! Vou começar, vou contar-vos algo que cada um já viveu. Compreende-se melhor a situação e é muito agradável. Estamos no mar Báltico, com as faias dinamarquesas!

— É um lindo começo! — afirmaram todos os pratos. — Vai ser certamente uma história de que todos iremos gostar!

— Sim, aí passei a minha juventude, em casa de uma família tranquila. Os móveis eram polidos, o chão esfregado. Havia cortinas lavadas todos os quinze dias!

— Como conta isso de modo tão interessante! — referiu o espanador. — Pode-se logo perceber que é uma mulher, pelo modo como conta. Há nisto algo de asseado!

— Sim, sente-se isso! — disse o balde de água, e deu um saltinho de alegria e a água fez clatch no chão.

A panela continuou a contar, e o fim foi tão bom como o princípio.

Todos os pratos matraquearam alegremente, o espanador foi buscar salsa verde do buraco de areia e coroou a panela, pois sabia que isso aborreceria os outros, mas

pensou «Se a coroo hoje, vai coroar-me ela amanhã.»

— Agora vou dançar! — disse a tenaz, e dançou. Deus meu! Como sabia p

temos! Que luz!» E assim arderam completamente.

— Foi uma bela história! — disse a rainha. — Senti-me perfeitamente na cozinha com os fósforos. Sim, vais ter a nossa filha!

— Certamente! — confirmou o rei. — Vais ter a nossa filha na segunda-feira!
— Agora tratavam-no por tu, pois ia pertencer

ardera completamente. Uma fagulha do fogo de artifício tinha lá ficado, ateado o fogo e a arca era agora cinza. Não podia voar mais, nem voltar para a sua noiva.

A princesa ficou todo o dia no telhado

Olavinho Fecha-os-Olhos



Em todo o mundo não há ninguém que saiba tantas histórias como Olavinho Fecha-os-Olhos... E como sabe contá-las!

É

assim sonham toda a noite com as mais lindas histórias, e o outro, no qual nada há, põe-no por cima das crianças malcriadas, que assim dormem estupidamente e de manhã, quando acordam, nem a mínima coisa sonharam.

Vamos agora ouvir como Olavinho Fecha-os-Olhos, durante uma semana inteira, veio todas as noites visitar um rapazinho chamado Hialmar e o que lhe contou! Ao todo são sete histórias, pois sete são os dias da semana.

Segunda-feira

— Ouve! — disse Olavinho Fecha-os-Olhos quando apanhou Hialmar na cama. — Vou fazer agora uma decoração! — As flores dos vasos transformaram-se em árvores grandes, que estendiam os longos ramos até ao teto e ao longo das paredes, de modo que todo o aposento formava o mais bonito caramanchão, e todos os ramos estavam cheios de flores e cada flor era mais bonita do que a própria rosa. Cheiravam tão bem e, quando as comia, eram mais doces do que compota! Os frutos brilhavam como ouro e havia bolos que transbordavam com passas. Era incomparável! Mas no mesmo momento começou a ouvir-se um lamento terrível na gaveta onde Hialmar pusera os livros da escola.

— Que é isto? — disse Olavinho Fecha-os-Olhos, e dirigiu-se

podemos, estamos tão mal!

— Então vou ter de sacudir-vos «o pó das bochechas»! — referiu Olavinho Fecha-os-Olhos.

— Oh! Não! — gritaram elas, e logo se puseram tão direitas que era um gosto
v

velas brilhavam como prata, e seis cisnes, todos com coroas de ouro no pescoço e uma estrela azul cintilante na cabeça, puxaram o barco, passando pelos bosques verdes, onde as árvores contavam histórias de salteadores e bruxas e as flores histórias de adoráveis duendezinhos e do que as borboletas lhes tinham contado.

Os mais lindos peixes, com escamas como se fossem prata e ouro, nadavam atrás do barco. De vez em quando davam um salto, depois voltavam a fazer platch na água. Os pássaros, vermelhos e azuis, pequenos e grandes, voavam em duas longas filas por trás. Os mosquitos dançavam e os besouros faziam zum!, zum! Todos eles queriam seguir Hialmar, e todos tinham uma história para contar.

Era um passeio

*As palavras primeiras ouvi-te dizer,
tive de separar-me de ti, dizer-te adeus.*

A b

A cegonha falou-lhes da África quente, das pir

— Mas como posso entrar no buraquinho dos ratos no chão? — perguntou Hialmar.

— Deixa isso por minha conta! — disse Olavinho Fecha-os -Olhos. — Vou fazer-te pequenino! — E assim tocou com a sua seringa de duende em Hialmar, que logo se foi tornando cada vez mais pequeno até ficar do tamanho de um dedo.

— Agora podes pedir emprestadas as roupas do soldado de chumbo. Penso que te servirão e é sempre chique aparecer de uniforme, quando se está em sociedade.

— Está bem! — respondeu Hialmar. Num instante, ficou vestido como o mais bonito soldado de chumbo.

— Queréis ter a bondade de sentar-vos no dedal de vossa mãe! — disse o ratinho. — Terei assim a honra de vos puxar!

— Valha-me Deus! Ides dar-vos vós próprio a esse incómodo! — retorquiu Hialmar. E assim partiram para a boda dos ratinhos.

Primeiro entraram por baixo do chão, para um longo corredor que mais alto não era do que se permitia aí andar num dedal e todo o corredor estava bem iluminado com madeira apodrecida.

— Não cheira aqui bem? — perguntou o rato que o puxava. — Todo o corredor está untado com pele de toucinho. Não pode ser mais bonito!

Entraram depois na sala da boda. À direita estavam todas as ratinhas, que murmuravam, como se fizessem pouco umas das outras. À esquerda encontravam-se todos os ratinhos, que acariciavam os bigodes com as suas patas. No centro via-se o par de noivos, que estava numa casca de queijo esburacado e se beijocava escandalosamente perante os olhos de todos, pois já eram noivos e iam celebrar a boda.

Chegavam constantemente mais e mais convidados. Cada rato estava quase a pisar mortalmente o outro e o par de noivos colocara-se a meio da porta, de modo que nem se podia sair nem entrar. Para o banquete, toda a sala, tal como o corredor, foi untada com pele de toucinho. Para a sobremesa foi exibida uma ervilha que um

ratinho da família tinha mordiscado, gravando os nomes do par de noivos, quer dizer, as primeiras letras. Era algo bastante extraordinário!

Os ratos afirmaram que fora uma bela boda e que as conversas tinham sido muito agradáveis.

Hialmar voltou de carruagem para casa. Estivera realmente numa sociedade distinta, mas tivera também de se encolher todo, de se fazer pequenino para poder entrar no uniforme do soldadinho de chumbo.

Sexta-feira

— É incrível como muitas pessoas velhas gostariam de me apanhar! — disse Olavinho Fecha-os-Olhos. — São precisamente aquelas que fizeram algo de mal. — Bom Olavinho! — dizem-me. — Não conseguimos pregar olho e por isso estamos deitadas toda a noite a ver as nossas ações más que, como pequenos feiticeiros feios, se sentam na borda da cama e nos salpicam com água quente. Não queres vir expulsá-los para que possamos ter um bom sono? — E assim suspiram profundamente:

— Queremos pagar-te! Boa noite, Olavinho! O dinheiro está na janela!

— Mas eu não faço nada por dinheiro — disse Olavinho Fecha-os-Olhos.

— Que vamos fazer esta noite? — perguntou Hialmar.

— Bem, não sei se tens vontade de ir a uma boda. É diferente da de ontem. A boneca grande da tua irmã, que parece um boneco e se chama Hermano, vai casar-se com a boneca Berta. Além disso é o dia de anos da boneca e por isso vão ser oferecidos muitos presentes.

— Sim, conheço isso bem! — disse Hialmar. — Sempre que as bonecas precisam de novos vestidos, fá-las minha irmã festejar o aniversário ou a boda! Já sucedeu isso umas cem vezes!

— Sim, mas hoje é a boda cento e um e quando se faz a cento e um, está tudo acabado! Por isso é também incomparável! Ora v

todos os soldadinhos de chumbo apresentavam armas cá fora. O par de noivos estava sentado no chão, inclinado para o pé da mesa, bastante pensativo e bem podia ter razões para isso. Mas Olavinho Fecha-os-Olhos, vestido com a saia preta da avó, casava-os. Quando a cerimónia terminou, começaram a cantar em coro todos os móveis da sala a linda canção seguinte: O autor era o lápis e a música soava como a do toque de recolher.

*A nossa canção como brisa vai chegar
na sala aos noivos prontos a casar;
direitinho como um pau está o par
em pele de luva forma veio a tomar!
Hurra! Hurra! Vimos pau e pele saudar;
alto, para o ar e vento estamos a cantar!*

Receberam então os presentes, mas tinham declinado todas as coisas comestíveis, pois chegava-lhes o seu amor.

— Vamos ficar no campo ou viajar para o estrangeiro? — perguntou o noivo. Por isso foi pedido conselho

— Isso faz bem

lhe as ideias. As estrelas não podem ser retiradas a fim de serem polidas. As estrelas são globos como a nossa Terra e é precisamente o que há de bom nelas!

— Muito obrigado, velho av

cavalga a galope!

Hialmar viu como aquele Olavinho Fecha-os-Olhos partia a cavalgar, levando tanto gente nova como velha no cavalo. A alguns punha-os

A Sereiazinha



Lá longe, no mar alto, a água é de um azul tão belo como as folhas da mais linda centáurea e tão clara como o vidro mais puro; mas é também muito funda, tão funda que nenhuma

O Rei do Mar há muitos anos já que enviuvara, mas a sua velha mãe cuidava-lhe do governo da casa. Era uma sereia bastante inteligente, mas também orgulhosa da sua nobreza, e por essa razão andava com doze ostras na cauda, enquanto as outras damas nobres só podiam ostentar seis. Em tudo o mais era digna dos maiores elogios, especialmente pelos cuidados que tinha com as netinhas, as Princesas do Mar. Eram seis sereiazinhas muito lindas, mas a mais nova era a mais bonita de todas. A sua pele era clara e fina como uma pétala de rosa, os olhos azuis como o lago mais profundo, mas, como as irmãs, não tinha pés e o corpo terminava em cauda de peixe.

Podiam entreter-se todo o dia a brincar na grande sala do palácio, cujas paredes eram inteiramente decoradas com flores. Quando as grandes janelas de

pareciam com o Sol, uma bela estátua de mármore que representava um formoso jovem, esculpida em pedra branca e polida, que, com outros destroços, viera parar ao fundo do mar. Plantara ao pé da estátua um chorão cor-de-rosa, que crescera de modo extraordinário, deixando pender as braçadas frondosas sobre a estátua para o fundo de areia azul, onde sombras de violetas se agitavam constantemente com os próprios ramos. Dava a impressão de que a copa e as raízes brincavam e se beijavam.

Nada era mais grato

que aparecem aos nossos olhos. Se passava uma grande nuvem lá em cima, sabia que se tratava de uma baleia que nadava por cima dela ou de um navio com muitos homens a bordo, que não podiam pensar certamente que uma linda sereiazinha se encontrava lá no fundo, estendendo os alvos braços na direção da quilha do barco.

Chegou, pois, a altura em que a princesa mais velha completou quinze anos e obteve autorização para subir

rosto afogueado. Numa pequena baía encontrou um grupo de serezinhos humanos, completamente nus, a correrem e a chapinharem na água. Quis brincar com eles, mas logo fugiram assustados, e veio depois um animalzinho preto, um cão, que nunca vira antes. Ladrou-lhe de um modo tão assustador que teve medo e fugiu para o alto mar. Não podia, porém, esquecer os bosques magníficos, os montes verdejantes e as encantadoras crianças, que também sabiam nadar, apesar de não terem caudas de peixe.

A quarta irmã não fora tão audaciosa: quedara-se no mar alto e disse que fora isso exatamente o que vira de mais belo. O olhar estendia-se muitas e muitas milhas ao redor e o céu lá em cima parecia uma enorme camp

declararam que lá no fundo, no fim de contas, era tudo muito mais bonito. Era em casa que se sentiam bem.

Algumas vezes, ao entardecer, as cinco irmãs davam os braços e subiam em fila

— Adeus — disse depois, e começou a subir tão ligeira e diáfana qual bolha de ar, através da água do mar.

O Sol acabara de p

balouçando-se para cima e para baixo a fim de poder observar o que se passava dentro dos camarotes até que o navio tomou um andamento maior, foi içada vela após vela, a ondulação aumentou, correram grandes nuvens no céu e lá longe começou a relampejar. Ai! Ia desencadear-se uma terrível tempestade! Por isso voltavam os marinheiros a arriar as velas. O grande navio balouçava, navegando vertiginosamente no mar bravo, que se elevava cada vez mais, como grandes montanhas negras que ameaçavam derrubar os mastros. Flutuava, contudo, como um cisne, ora afundando-se entre as altas ondas, ora voltando a erguer-se no mar revolto. Para a sereiazinha tudo isto era muito divertido, mas os marinheiros não tinham a mesma opinião. O navio rangia, estalava e as grossas pranchas torciam-se com os embates fortes que recebiam. Começou a meter água, partiu-se o mastro ao meio como se fosse uma simples cana e foi adornando lentamente

Quando a manhã chegou, a tempestade já tinha passado. Do navio não se via o mínimo pedaço, o Sol começou a aparecer, rubro, brilhando sobre a superfície das águas, e era como se o rosto do príncipe fosse tomando vida, embora continuasse com os olhos fechados. A sereia beijou-lhe a testa alta e bela e puxou-lhe os cabelos molhados para trás. Achava-o muito parecido com a estátua de mármore que guardava lá em baixo, no seu pequeno jardim e, então, voltou a beijá-lo, desejando de todo o coração que volvesse

mas ela nada lhes quis dizer.

Vinha muitas vezes, ao entardecer e de manhãzinha, ao local onde havia deixado o príncipe. Observou, assim, como iam amadurecendo os frutos do pomar e como vieram a ser colhidos; viu a neve derreter-se no alto das montanhas, mas nunca conseguiu ver o príncipe; e, portanto, voltava para casa cada vez mais triste. O único consolo era ficar sentada no seu jardimzinho e enlaçar com os bracitos a bela estátua de mármore que se lhe assemelhava. As flores, porém, já não lhe agradavam nem cuidava delas e assim foram crescendo como um matagal, cobrindo os carreiros e entrelaçando os caules longos e as folhas por entre a ramagem das árvores, de modo que tudo parecia mergulhado em trevas.

Por fim não conseguiu guardar mais o seu segredo; contou-o a uma das irmãs e logo as outras vieram a sab

subira mesmo o estreito canal por debaixo do belo terraço que projetava uma espessa sombra na água. Aí se escondia e ficava a olhar o jovem príncipe, que julgava estar completamente só sob a luz clara do luar.

Via-o, também, muitas vezes a passear na sua bela barca, com ondeantes bandeiras e ao som de música maravilhosa. Espreitava-o através dos juncos verdes, e se o vento lhe agitava o longo véu prateado e a descobria, julgavam os que a viam que era um cisne que abria as asas.

De noite ouvira, algumas vezes, os pescadores, que pescavam com tochas no mar. Referiam-se ao príncipe em termos elogiosos e a pequena sereia alegrou-se por lhe ter salvo a vida quando, meio morto, vogava ao sabor das ondas, recordando como repousara a cabeça no seu seio e ternamente o havia beijado. Ele, contudo, de nada sabia e nem por sombras o podia suspeitar.

Cada vez gostava mais dos homens, cada vez gostava mais de estar próximo deles. O seu mundo parecia-lhe ser muito maior do que aquele em que vivia! Iam até muito longe nos seus barcos, subiam aos altos cumes das montanhas acima das nuvens, e as terras, com os seus bosques e prados, estendiam-se muito para além do alcance da sua vista. Havia muitas outras coisas que gostava de conhecer, mas as irmãs não sabiam responder-lhe a todas as perguntas. Dirigiu-se, portanto,

onde estão as estrelas rutilantes! Assim como nós emergimos do mar e podemos ver a terra dos homens, também eles se desprendem da terra para subirem a lugares maravilhosos, desconhecidos, que nunca nos será dado ver.

— E porque não temos nós também uma alma imortal? — perguntou a sereiazinha muito triste. — Daria, de bom grado, os trezentos anos que tenho para viver, para ser, por um dia apenas, um ser humano e poder partilhar, depois, do mundo celestial!

— Não penses nisso! — retorquiu a anciã. — Somos melhores e muito mais felizes do que os homens lá em cima!

— Mas morrer assim, ficando a flutuar como espuma do mar, não ouvir mais a música das ondas, não poder mais contemplar a beleza das flores nem o brilho rubro do Sol! Não existe, assim, nenhum meio de alcançar uma alma imortal?

— Não — respondeu a avó —, só se um homem viesse a gostar tanto de ti que fosses para ele mais do que um pai ou uma mãe, que ele se prendesse de tal modo a ti, em pensamento e coração, que fosse pedir a um sacerdote para vos unir as mãos com a promessa de fidelidade neste mundo e por toda a eternidade. Então, a alma dele entraria no teu corpo e participarias, assim, da bem-aventurança humana. Dar-te-ia a alma, sem perder a sua própria. Mas isso nunca será possível! O que aqui, no mar, é tão bonito — a tua cauda de peixe —, é considerado lá em cima uma coisa feia; são incapazes de compreend

teto do grande salão de baile eram de cristal espesso mas translúcido.

Centenas de conchas colossais, cor-de-rosa e verdes, enfileiravam-se de cada um dos lados, irradiando uma forte luz azul, que iluminava todo o salão e que, atravessando as paredes de cristal, vinha refletir-se claramente cá fora, no mar. Podia ver-se uma imensidade de peixes, grandes e pequenos, nadando junto

caminho senão um lamaçal quente e borbulhoso a que a bruxa chamava a sua turfeira. Por detrás, no meio de um bosque estranho, ficava a casa onde vivia. Todas as árvores e arbustos eram pólipos, metade animais metade plantas, que pareciam serpentes com centenas de cabeças, saindo do chão. Os ramos eram longos braços viscosos com dedos que se assemelhavam a vermes flexíveis, movendo-se, em todas as articulações, da raiz

dois ap

espada de dois gumes.

— Mas se me tiras a voz — perguntou a sereiazinha —, o que me resta então?

— A tua bela figura — retorquiui a bruxa —, o teu andar ondulante e os teus belos olhos expressivos, com que poderás muito bem perturbar o coração de um homem. Então, já perdeste a coragem? Anda, põe a língua de fora para que a possa cortar, em paga da milagrosa poção que te vou preparar!

— Assim seja! — respondeu a sereiazinha, e a bruxa foi buscar o caldeirão para cozinhar a poção miraculosa.

— A limpeza é uma coisa muito bonita! — disse a bruxa, esfregando o caldeirão com as serpentes enrodilhadas e atadas com nós. Arranhou depois, com força, o peito e deixou cair lá dentro algumas gotas do seu sangue negro. O vapor formava estranhas e horrorosas figuras, de meter medo. A bruxa continuava a deitar ingredientes e mais ingredientes no caldeirão, e quando a poção começou a ferver era como se um crocodilo chorasse. Por fim, ficou pronta, tomando o aspeto da água mais cristalina.

— Aqui a tens — disse a bruxa, e logo em seguida cortou a língua

irmãs, lançou mil beijos nas pontas dos dedos na direção do palácio e subiu através do mar azul-escuro.

O Sol ainda não havia rompido quando descobriu o palácio do príncipe e se foi sentar nos degraus da bela escadaria de mármore. A Lua brilhava com uma claridade maravilhosa. A sereiazinha ingeriu então a bebida ardente e acre e logo sentiu uma dor profunda, como se uma espada de dois gumes lhe atravessasse o lindo corpo. Desmaiou, depois, e ficou como morta. Quando o Sol começou a brilhar sobre o mar, acordou, voltou de novo a sentir uma dor aguda, mas em frente dela estava o belo príncipezinho, que a observava com os olhos negros de azeviche. Volvendo o olhar para baixo, verificou que a cauda de peixe havia desaparecido e que possuía agora as pernas mais brancas e encantadoras que uma rapariga pode ter. Estava, porém, completamente nua, pelo que se envolveu na cabeleira longa e farta. O príncipe perguntou-lhe quem era e como viera ali parar, e ela, voltando para ele os olhos azul-escuros, lançou-lhe um olhar doce e ao mesmo tempo triste, pois não podia falar. Então, o príncipe tomou-a pela mão e conduziu-a para dentro do palácio. Cada passo que dava, como havia predito a bruxa, era como se pisasse finas agulhas e facas afiadas, mas nada deixou transparecer. Pela mão do jovem príncipe, subiu, leve como uma bolha de ar; e tanto ele como todos os circunstantes não puderam esconder a admiração pelo seu andar ondulante e gracioso.

Deram-lhe lindos vestidos de seda e de musselina e todos a consideraram a jovem mais bela do palácio. Mas era muda, não podia nem falar nem cantar. Uma vez, vestidas de seda e de ouro, vieram belas escravas cantar diante do príncipe e de seus augustos pais.

Uma cantou melhor do que as outras e o príncipe aplaudiu-a e sorriu-lhe. A sereiazinha ficou, então, muito triste, pois sabia que teria sido capaz de cantar muito melhor e pensou: «Oh! Se ele soubesse que para estar a seu lado me desfiz para sempre da minha bela voz!»

Depois as escravas dançaram, descrevendo graciosas figuras ondeantes ao som de música maravilhosa; e então a sereiazinha levantou os lindos braços brancos,

ergueu-se nas pontas dos pés e começou a rodopiar, bailando como nunca ninguém antes o fizera. Cada movimento realçava mais a sua beleza e os olhos falavam mais profundamente ao coração do que a própria canção das escravas.

Ficaram todos encantados, principalmente o príncipe, que lhe deu o nome de «Enjeitadazinha». E ela continuou a dançar, mesmo sentindo que, de cada vez que os pés tocavam o solo, era como se pisasse cutelos afiados. O príncipe declarou-lhe, então, que a queria sempre ao pé de si, permitindo-lhe que dormisse junto

casamento do príncipe, em espuma do mar.

— Não gostas de mim mais do que de todas as outras? — pareciam perguntar os olhos da sereiazinha quando o príncipe a tomava nos braços e lhe beijava a bela fronte.

— Sim, quero-te mais do que a todas as outras — dizia ele —, pois tens melhor coração, és-me mais dedicada e pareces-te com uma jovem que vi e que certamente jamais virei a encontrar. Ia, então, num navio que naufragou, as ondas levaram-me para terra, junto a um santuário cujo culto era mantido por donzelas. A mais nova de todas descobriu-me na praia e salvou-me. Vi-a apenas duas vezes, mas era a única que podia amar neste mundo. Pareces-te com ela, quase ofuscas a sua imagem na minha alma. Além disso, consagrou-se inteiramente ao templo e por isso a minha boa sorte me conduziu para ti. Jamais nos separaremos.

«Ai! Não sabe que fui eu que lhe salvei a vida», pensou a sereiazinha, «eu que me ocultei na espuma e por ele olhei até vir alguém. Eu própria vi a linda donzela a quem ama mais do que a mim!» E a sereia suspirou profundamente, pois chorar não podia. «A donzela pertence ao santuário, disse-o ele, não virá para este mundo, não mais se encontrarão e eu estou junto dele, vejo-o todos os dias, cuidarei dele, amá-lo-ei, darei a vida por ele!»

Era agora a altura de o príncipe se casar com a bela filha do rei vizinho, dizia-se. Por isso preparavam com tanto aparato um navio. Constava que o príncipe ia partir para ver o país do rei vizinho, mas era realmente para ver a filha que ia assim acompanhado de um tão grande séquito. A sereiazinha meneou a cabeça e sorriu; conhecia melhor do que qualquer outra pessoa o pensamento do príncipe.

— Tenho de partir — dissera-lhe ele. — Tenho de ir ver essa bonita princesa de que tanto falam; meus pais assim o querem, mas não me obrigam a traz

cabeça sobre o peito, que sonhava com a felicidade dos homens e com a alma imortal.

— Não tens medo do mar, minha mudazinha querida? — perguntou-lhe ele quando se encontravam já no magnífico navio que havia de conduzi-los ao país do rei vizinho. Depois o príncipe falou-lhe das tempestades e do tempo calmo, dos peixes estranhos do fundo do mar que os mergulhadores haviam visto, e a sereiazinha sorria das suas descrições, pois ninguém melhor do que ela sabia todas aquelas coisas.

Nas noites claras de luar, quando já todos dormiam, com exceção do timoneiro que ia ao leme, vinha para junto da amurada do navio e ficava a olhar a água clara. Pareceu-lhe então ver o palácio do pai, no alto do qual estava a avozinha com a coroa de prata na cabeça, olhando por entre as fortes correntes na direção da quilha do navio. Uma vez apareceram as irmãs

gritou o príncipe, abraçando a noiva ruborizada. — Oh! Como sou feliz! — disse

No navio tudo foi alegria e regozijo até muito além da meia-noite, e ela sempre dançou e riu com o pensamento da morte no coração. Depois, o príncipe beijou a bela noiva, esta acariciou-lhe os cabelos negros, e, de braço dado, entraram na magnífica tenda para repousar.

Fez-se sil

Logo depois, rompeu o Sol, projetando suavemente os raios quentes na espuma fria de morte. A sereiazinha não sentiu que morria, via o Sol brilhante e, por cima dela, flutuando, centenas de seres de uma transpar

— Entramos invisíveis nas casas dos homens onde há crianças e por cada dia que encontrarmos um menino ou menina bonzinho, fazendo a alegria dos pais e, merecendo o seu amor, Deus encurta-nos o nosso tempo de prova. Os meninos nunca sabem quando nos introduzimos nos quartos, mas se nos fazem sorrir de alegria é-nos tirado um ano dos trezentos que teremos de viver assim. Pelo contrário, se se nos depara uma criança malcriada e má, vertemos lágrimas de tristeza e por cada lágrima vertida é aumentado em um dia o nosso tempo de prova.

A Polegarzinha



Era uma vez uma mulher que suspirava, ansiosamente, por ter uma criancinha, mas que não sabia o que fazer para satisfazer o seu desejo. Foi assim procurar uma velha feiticeira e pediu-lhe:

— Gostaria de todo o coração de ter uma criancinha, não queres dizer-me onde poderei encontrar uma?

— Sim, vamos resolver isso! — disse a feiticeira. — Eis aqui um grão de cevada, que não é igual

estava sentada uma pequenina menina, muito fina e graciosa! Não era maior do que uma polegada e por isso recebeu o nome de Polegadazinha.



Uma casca de noz lindamente envernizada foi o seu berço, pétalas de violeta azuis foram os enxergões e uma pétala de rosa o seu edredão de penas. Aí dormia de noite, mas durante o dia brincava em cima da mesa, onde a mulher tinha colocado um prato, em volta do qual pusera uma coroa de flores com os caules espetados na água, onde flutuava uma grande pétala de tília e sobre esta devia a Polegadazinha sentar-se e vogar de um lado para o outro do prato. Tinha dois pelos brancos de cavalo para remar. Era bem bonito de se ver! Também sabia cantar. Oh! Tão bela e lindamente, como nunca antes se tinha ouvido...

Uma noite em que estava na sua linda cama, entrou um sapo feio aos pulos através do vidro quebrado da janela. O sapo era tão horrível, grande e húmido! Saltou logo para baixo para a mesa, onde a Polegadazinha estava a dormir sob a pétala de rosa vermelha.

— Era uma bonita esposa para o meu filho! — disse o sapo, pelo que agarrou na casca de noz onde dormia a Polegadazinha e saltou para o jardim com ela através do vidro partido da janela.

No jardim corria um regato grande e largo, mas nas margens era pantanoso e lamacento. Aí morava o sapo com o filho. Ui! Era tão feio e horrendo, era parecido

com a mãe! — Coax, coax, breque-que-quex! — foi tudo o que soube dizer, quando viu a linda menininha na casca de noz.

— Não fales tão alto, senão acorda! — disse o velho sapo. — Ela ainda pode fugir-nos, pois é tão leve como uma penugem de cisne. Vamos p

devia acontecer! Juntaram-se em baixo, na água,

referiram todas as f

Como gostou da Polegadazinha, disse-lhe:

— Podes ficar, de bom grado, em minha casa, durante o Inverno, mas tens de manter o meu aposento bem limpinho e contar-me histórias, pois gosto muito de histórias!

A Polegadazinha fez o que o bom rato do campo exigia e ali sentiu-se verdadeiramente bem.

— Em breve vamos ter visitas! — disse o rato do campo. — O meu vizinho costuma visitar-me todas as semanas. Ele está ainda melhor do que eu. Tem grandes salas e anda com uma tão linda pele de veludo preta! Pudesses tu t

pelo qual a luz, ao penetrar nele, podia brilhar. No meio do chão jazia uma andorinha morta, com as bonitas asas recolhidas, as pernas e a cabeça metidas entre as penas. O pobre pássaro morrera certamente de frio. A Polegadazinha teve muita pena dele porque gostava muito de todos os passarinhos. Tinham todo o verão cantado e gorjeado tão lindamente para ela! Mas a toupeira empurrou-a com as pernas curtas e disse:

— Agora não pia mais! Deve ser lastimável nascer-se passarinho! Deus seja louvado, que nenhum dos meus filhos o será. Um tal pássaro nada mais tem do que o seu «quevivi» e tem de morrer

ou outra que se retarda, regela de tal modo que cai completamente morta. Fica onde cai e a neve fria amontoa-se-lhe em cima.

A Polegadazinha tremeu, tão assustada estava, pois o pássaro era bem grande, grande perante ela, que tinha apenas uma polegada de altura, mas encheu-se de coragem, aconchegou o algodão

para o brilho do Sol. A Polegadazinha ficou a v

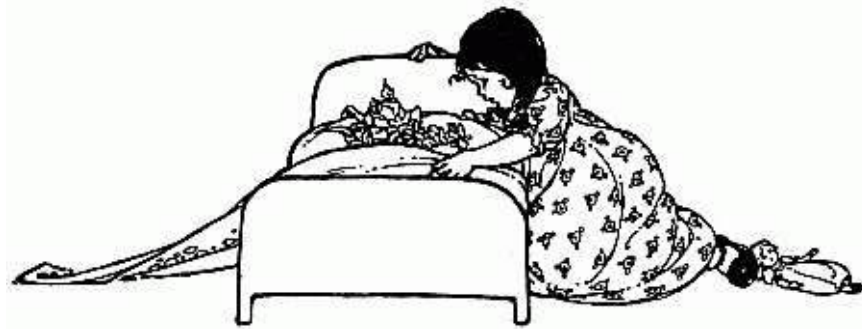
como na despensa. Agradece a Deus por ele!

Assim tiveram de fazer as bodas. A toupeira chegara para levar a Polegadazinha. Iria morar com ela, no fundo, por baixo da terra, jamais vindo para o Sol quente, porque com isso não sofria o rato cego. A pobre criança estava tão aflita, teria agora de dizer adeus ao belo Sol, que, contudo, em casa do rato do campo fora autorizada a ver,

Chegaram assim

Disse, portanto, que sim ao bonito príncipe e de cada flor veio uma dama ou um cavaleiro, tão belos, que dava gosto v

As Flores de Idinha



— As minhas pobres flores estão completamente mortas! — disse Idinha. —
Estavam tão bonitas ontem

nadam para ti, quando queres dar-lhes migalhas de pão. Aí há verdadeiramente um baile, podes crer!

— Estive ontem no jardim com a minha mãe — disse Ida. — Mas não havia nenhuma folha nas árvores e nem uma única flor! Onde estão elas? No verão vi tantas!

— Estão dentro do palácio! — disse o estudante. — Tens de saber que, logo que o rei e toda a gente da corte se vão embora para a cidade, as flores do jardim correm para o palácio e divertem-se. Devias ver! As duas rosas mais bonitas sentam-se no trono e são assim rei e rainha. Todas as cristas-de-galo vermelhas colocam-se aos lados e fazem vénias, são os camaristas da corte... V

caminho?

— Sim, podes crer! — disse o estudante. — Pois, quando querem, sabem voar. Não tens visto as bonitas borboletas, vermelhas, amarelas e brancas? Quase parecem flores. Foram-no, saltaram do caule para o ar, bateram com as pétalas, como se fossem asinhas e assim voaram. E como se portaram bem, tiveram a recompensa de voar de dia, não precisando de regressar e ficar quietas no caule. Assim as pétalas transformam-se por fim em asas verdadeiras. Isso já tu própria viste! Pode também muito bem suceder que as flores do Jardim Bot

podia de maneira nenhuma suportar o estudante e censurava-o sempre quando o via recortar as figuras divertidas e engraçadas: ora um homem que estava pendurado numa forca e segurava um coração na mão, pois era um «ladrão de corações», ora uma velha bruxa que cavalgava numa vassoura e tinha o marido no nariz. Isto não podia o conselheiro de chancelaria suportar e deste modo voltou a dizer:

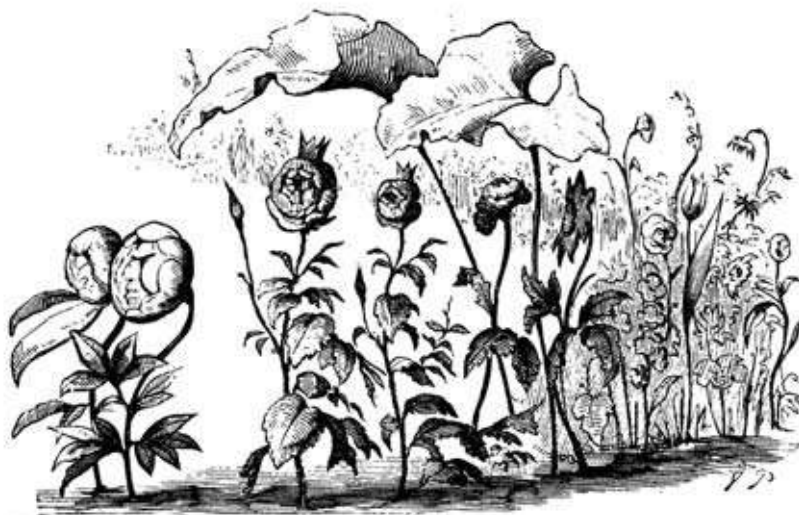
— Para que serve meter tais coisas na cabeça da criança! É estúpida fantasia!

Mas

Quando foi para a cama, ficou muito tempo a pensar como seria bom poder ver as bonitas flores a dançar lá no palácio real. «Irão as minhas flores realmente lá?» Mas adormeceu. Alta noite, acordou. Tinha sonhado com as flores e com o estudante e como o conselheiro de chancelaria resmungava e dizia que queriam meter-lhe coisas na cabeça. Era total o sil



Não havia nenhuma lamparina, mas estava mesmo assim muito claro. O luar entrava pela janela, refletindo-se no meio do chão. Era quase como se fosse de dia. Todos os jacintos e túlipas estavam em duas longas filas no chão. Não havia uma única flor na janela. Os vasos estavam vazios. Em baixo no soalho dançavam todas as flores graciosamente



— Oh! Como se parece com a Menina Lina! — Nessa altura todos se tinham rido dele. Mas agora também parecia realmente a Ida que a comprida flor amarela se assemelhava

A boneca de cera no açoite do Entrudo fez-se grande e comprida, torneou por cima das flores de papel e gritou bem alto:

— Para que serve meter tais coisas na cabeça da criança! É estúpida fantasia! —
E assim a boneca de cera parecia perfeitamente o conselheiro de chancelaria com o chapéu largo, tão amarelo e rabugento. Mas as flores de papel bateram-lhe nas pernas finas e assim se encolheu, tornando-se de novo uma pequenina boneca de cera. Foi tão engraçado que a Idinha não p

muito contente e disse que podiam ficar com a sua cama. Não estava nada aborrecida por dormir na gaveta.

Mas as flores responderam:

— Muito te agradecemos, mas não podemos viver tanto tempo. Amanhã estaremos completamente mortas. Mas diz

P

O Homem dos Fantoches



Estava no navio um homem de aspeto idoso com uma cara tão alegre que, se não mentia, devia ser o homem mais feliz do mundo. Era-o, disse ele. Ouvi-o da sua própria boca. Era dinamarqu

cedo para a cama e deve-se pensar na comodidade do público. Às nove começava o bacharel as suas lições e experi

desejo que me assalta como se fosse um duende, um incubo cavalgando com bom humor, isto é, ser diretor teatral de uma companhia viva, uma verdadeira companhia de seres humanos. — Deseja ver os seus fantoches vivos, deseja que se tornem verdadeiros atores? — perguntou ele. — E se fosse o diretor, seria então completamente feliz, o senhor cr

juntos novamente na caixa e nunca ter sido diretor. Disse-lhes com franqueza que, no fundo, não passavam de fantoches e então mataram-me

O Sino



Ao entardecer, nas ruas estreitas da grande cidade, quando o Sol começava a descer no horizonte e as nuvens brilhavam como se fossem de ouro, por entre as chaminés, sucedia a uma ou outra pessoa ouvir, frequentemente, um som maravilhoso, como se fosse o sino de uma igreja; mas só por curtos momentos, pois as carruagens faziam um ruído ensurdecedor e era muito o barulho e a desordem.

— Está a soar o sino da tardinha — diziam. — Vai p

Vamos até lá para o ver mais de perto.

Os ricos iam de carruagem e os pobres a pé; mas achavam sempre a dist

confirmação ficaram muito impressionados, pois era um dia muito importante para eles. Transformavam-se, de um momento para o outro, em pessoas crescidas. Era como se a alma infantil voasse e passasse a ser a de pessoas adultas, dotadas de razão.

Era um belo dia de Sol. Os meninos e as meninas confirmados saíram da cidade e foram passear no bosque, onde ouviram, de um modo maravilhosamente distinto, o som do grande sino desconhecido. Sentiram logo vontade de ir até ao sítio donde partia o som e foram todos, com exceção de tr

brincavam. Era uma b

profundo do sino.

— Podemos ir juntos — disse o filho de rei. Mas o pobre confirmado, com os seus tamancos, sentiu-se tão envergonhado que puxou pelas curtas mangas da jaqueta. Respondeu-lhe que receava não poder acompanhar os seus passos e que, além disso, o sino devia ficar

noite e dizendo:

— Jamais encontrarei o que procuro! O Sol vai p

O Livro Mudo



Junto

no caminho. Lançou-se a si mesmo e aos seus pensamentos

Os lilases fluorescentes inclinam cachos frescos e perfumados sobre a cabeça do morto — a andorinha passa a voar outra vez: «Quevivi! Quevivi!» Agora v

A Sombra



Nos países quentes, bem pode dizer-se que o Sol queima! As pessoas ficam completamente morenas, da cor do mogno. Nos países mais quentes, queimam-se mesmo até se tornarem negras. Foi, porém, para os países apenas quentes que um letrado veio dos frios. Julgou, então, que podia andar como na sua terra; mas em breve se deixou disso. Ele, como todas as pessoas sensatas, tinha de ficar em casa. As portas das janelas e as portadas para a rua permaneciam cerradas o dia inteiro, parecendo toda a casa adormecida ou que não estava ninguém. A pequena rua de casas altas, onde morava, estava, além disso, situada de modo que o Sol batia aí de manhã

que o candeeiro era trazido para o quarto, estendia-se completamente até

cores mais lindas. Entre as flores estava uma jovem esbelta e graciosa e era como se ela também brilhasse. Este esplendor feriu-lhe os olhos. Abriu-os tão terrivelmente que logo saiu do sono. Num salto estava no chão, e com toda a cautela foi p

E ficou zangado, não tanto por a sombra estar fora, mas porque sabia que havia uma história de um homem sem sombra que toda a gente conhecia nos países frios. Voltasse o letrado

que não voltasse mais. A mim as coisas correram-me especialmente bem, depois da última vez que estive consigo. Prosperei muito em todos os aspetos! Se tiver de pagar algum serviço, bem posso faz

— Fica absolutamente tranquilo — tornou-lhe o letrado. — Não direi a ninguém quem és. Aqui tens a minha mão! Prometo-o e é palavra de homem!

— Palavra de sombra! — retorquiu a Sombra, pois assim tinha de se expressar.

Era realmente muito estranho como se tornara tão humana. Estava toda vestida de preto, com uma das mais finas fazendas, com botas envernizadas e um chapéu que podia ser comprimido de modo a ficar só copa e aba, sem falar, como já sabemos, que trazia berloques, corrente de ouro e anéis de diamantes. Na verdade, a Sombra apresentava-se extraordinariamente bem vestida e era precisamente isso que a fazia parecer tão humana.

— Pois vou contar-lhe! — disse a Sombra, colocando as pernas com as botas envernizadas tão firmemente quanto podia sobre as «mangas» da nova sombra do letrado, a qual ficou como um cãozinho caniche aos seus pés e não foi por arrog

E que viste então? — perguntou o letrado.

— Vi tudo e vou contar-lhe, mas... mas não é por orgulho da minha parte, mas... como homem livre e com os conhecimentos que tenho, para não falar da minha boa posição, da minha excelente situação... muito desejaria que me tratasse por senhor!

— Desculpe! — disse o letrado. — É um velho costume que está arreigado!... Tem absolutamente razão! Não o esquecerei! Mas agora conte-me tudo o que viu!

— Tudo! — disse a Sombra. — Pois tudo vi e sei tudo.

— Como era nas salas interiores? — perguntou o letrado. — Era como num bosque viçoso? Era como numa igreja sagrada? Eram as salas como um céu claro com estrelas, quando o contemplam a partir das altas montanhas?

— Tudo lá estava! — disse a Sombra. — Não entrei completamente, fiquei no quarto em frente, na penumbra, mas estava aí perfeitamente bem, vi tudo e tudo sei! Estive na corte da Poesia, na antec

Percorri a rua ao luar, encostando-me

grande benefício da viagem! Se quiser ser a minha sombra, tudo terá gratuito!

— É loucura! — disse o letrado.

— Mas o mundo é assim! — respondeu a Sombra. — E será sempre assim! — Logo em seguida partiu.

O letrado não andava nada bem. Perseguiam-no preocupações e cuidados e o que ele dizia da verdade, da bondade e da beleza era para a maior parte das pessoas como deitar rosas a uma vaca ou pérolas a porcos. Ficou por fim bastante doente.

— Parece realmente uma sombra! — diziam-lhe as pessoas, e o letrado estremecia ao pensar nisso.

— Deve ir a banhos! — proferiu a Sombra, que veio visitá-lo. — Não há outra coisa a fazer! Irá comigo, por sermos velhos conhecidos. Pago a viagem e o senhor faz as descrições e entretém-me um pouco no caminho. Quero ir a uma estação termal, a barba não me está a crescer bem. É, portanto, qualquer doença, e barba tem um homem de ter! Seja pois razoável e aceite o convite. Vamos viajar, com certeza, como bons camaradas.

Partiram pois em viagem. A Sombra era o senhor e o senhor era a Sombra. Andaram de carruagem, a cavalo e a pé, juntos, lado a lado,

arrepiam todas quando se esfrega um prego numa vidraça. Eu sinto uma sensação
id

vou embora, pois agora é que começa a ser divertido aqui. Gosto extraordinariamente deste estrangeiro. Oxalá que a barba não lhe cresça, senão vai-se embora!»

Nessa noite, na grande sala de baile, a filha do rei e a Sombra dançaram. Ela era leve, mas a Sombra ainda mais. Nunca tivera um parceiro assim. Disse-lhe de que país vinha, e a Sombra conhecia-o. Fora lá, mas nessa altura ela estava ausente. Dera uma olhadela das janelas para cima e para baixo, tinha visto isto e aquilo, e soube assim responder

Assim se dirigiu ao letrado, que estava ao pé da porta, e falou com ele sobre o Sol, a Lua e sobre as pessoas, tanto por fora como por dentro, e ele respondeu-lhe bem e inteligentemente.

«Que homem este, que tem uma sombra tão instruída!», pensou. «Seria uma verdadeira b

— Estás a tremer! — exclamou a filha do rei, quando a Sombra entrou nos seus aposentos. — Aconteceu alguma coisa? Não podes estar doente hoje

Saltadores



Uma vez, o pulgão, o gafanhoto e o ganso saltador^I quiseram ver qual deles era capaz de saltar mais alto e assim convidaram todo o mundo e quem demais quisesse assistir

com figuras com o lado colorido para dentro. Havia tanto portas como janelas e tudo recortado no corpo da dama de copas. — Eu canto de tal modo — afirmou — que dezasseis grilos nativos que, embora, cantassem desde pequenos, não tiveram direito a nenhuma casa de cartas. Ao ouvirem-me, zangaram-se tanto que ficaram ainda mais magros do que eram!

Tanto o pulgão como o gafanhoto deram assim boas contas de quem eram, acreditando que bem podiam vir a possuir uma princesa.

O ganso saltador não disse nada, mas falaram por ele e disseram que assim pensava mais, e o cão da corte, mal o farejou, afiançou que o ganso saltador era de boa família. O velho conselheiro, que tinha recebido tr

Tem osso na testa, quer dizer, tem miolo!

E assim recebeu a princesa.

— Fui eu que saltei mais alto! — afirmou o pulgão. — Mas é-me indiferente! Que a princesa fique com o ganso de pau e pez! Fui eu que saltei mais alto, mas é preciso ter corpo neste mundo para que o vejam!

E assim o pulgão alistou-se como combatente no estrangeiro, onde se diz que foi abatido.

O gafanhoto sentou-se lá fora na valeta a pensar, como são propriamente as coisas neste mundo, dizendo:

— Tem de se ter corpo para isso! Tem de se ter corpo para isso! E assim cantou a sua canção triste e foi dela que tomámos a história, que bem podia ser falsa, ainda que impressa.

1 - Velho brinquedo feito de um osso de peito de ganso que dava saltos. (N. do T.) ([Voltar](#))

A Rapariguinha dos Fósforos



Estava terrivelmente frio. Nevava e tinha começado a anoitecer. Era também a última noite do ano, a véspera do ano novo. Naquele frio e naquela escuridão, caminhava pela rua uma rapariguinha pobre, com a cabeça descoberta e descalça. Tinha, ou mais justamente tivera calçado chinelas, quando saiu de casa. Mas de que lhe servira isso! Eram tão grandes — ultimamente a mãe andara com elas — que lhe caíram dos pés quando teve de atravessar a rua a correr, para fugir de duas carruagens em louca correria. Uma chinela, não foi possível encontrá-la e a outra levou-a um rapazinho que lhe disse que poderia vir a utilizá-la como berço, quando tivesse filhos.

Agora ia pela rua a rapariguinha de pezinhos descalços, que estavam roxos de frio. No velho e gasto avental levava uma quantidade de fósforos e na mão segurava um molho deles. Durante todo o dia, ninguém lhe tinha comprado um. Ninguém lhe dera um pequeno xelim. Com fome e enregelada, a pobrezinha caminhava muito infeliz! Os flocos de neve caíam-lhe sobre os longos cabelos loiros, que se encaracolavam graciosamente em volta do pescoço, mas nesta beleza não pensava ela. As luzes brilhavam em todas as janelas e cheirava muito bem ao assado de ganso, naquela rua. Era a noite da passagem do ano.



E era nisso que ela pensava.

Num recanto afastado, entre duas casas — uma avançava um pouco mais do que a outra —, sentou-se, encolhida. Puxara as perninhas para debaixo de si, mas cada vez tinha mais frio e para casa não ousava ir. Não vendera, na verdade, nenhuns fósforos. Não conseguira um único xelim. O pai bater-lhe-ia. Além disso, também estava frio em casa. Tinham o telhado mesmo por cima deles e o vento assobiava por aí, se bem que tivessem tapado com palha e trapos as fendas maiores. As mãozinhas estavam quase mortas de frio. Ai! Um fosforozinho far-lhe-ia bem. Se tirasse um só do molho e o riscasse na parede e aquecesse os dedos! Tirou um e «ritch»! Como esguichou, como ardeu! Era uma chama clara, quente, como uma velazinha, quando p



Where the light fell upon the wall it became transparent.

Riscou outro, que ardeu e luziu. E, quando o clarão incidiu na parede, esta tornou-se transparente como um tule. Olhou para dentro da casa onde a mesa estava posta com loiça de porcelana fina sobre uma brilhante toalha branca. Maravilhosamente, exalava um ganso assado, recheado com passas de ameixas e maçãs! O ganso saltou da travessa, saracoteando-se pelo chão, com o garfo e a faca espetados no lombo, que foi ainda mais maravilhoso. Dirigiu-se diretamente para a rapariguinha. Mas quando o fósforo se apagou, ela só viu a espessa parede fria.

Acendeu outro. Ficou então sentada sob a mais bela árvore de Natal. Era ainda maior e mais ornamentada do que aquela que vira pela porta envidraçada, em casa do comerciante rico, no último Natal. Milhares de velas brilhavam nos ramos verdes e figuras muito coloridas, como aquelas que decoravam as montras das lojas,

olhavam, lá de cima, para ela. A pequena estendeu ambas as mãos no ar e... logo se apagou o fósforo. As muitas luzes do Natal subiram cada vez mais alto. Viu então que eram as estrelas brilhantes. Uma delas caiu e fez um longo risco de fogo no céu.

— Está a morrer alguém! — disse a pequena, porque a velha avó, que foi a única pessoa que tinha sido boa para ela, mas que agora estava morta, dissera: — Quando cai uma estrela, sobe uma alma para Deus!

Riscou de novo um fósforo na parede, que iluminou tudo

O Rouxinol



Na China, como bem sabes, o imperador é chin

não sabia onde terminava. Se se continuava a andar, entrava-se no mais espl

rouxinol! — disse o imperador. — Dizem que é o melhor de tudo no meu grande império! Porque não me falaram dele?

— Nunca ouvi mencioná-lo! — disse o cavaleiro-

húmidos. É como se a minha mãe me beijasse!

— Cozinheirazinha! — disse o cavaleiro-

— Maravilhoso! — disse o deão do palácio. — Oiço-o agora, é como sinozinhos de igreja!

— Não! São as rãs! — disse a cozinheirazinha. — Mas penso que em breve o vamos ouvir.

Então começou o rouxinol a cantar.

— É ele — disse a rapariguinha. — Oiçam! Oiçam! Está ali! — E apontou para um passarinho cinzento pousado nos ramos.

— É possível? — disse o cavaleiro-

grande sucesso na corte!

— Devo cantar mais uma vez para o imperador? — perguntou o rouxinol, que julgava que o imperador estava ali.

— Meu excelente rouxinolzinho! — disse o cavaleiro-

começaram a p

— Não tem culpa — disse o mestre de música. — Respeita os compassos e é inteiramente da minha escola!

O pássaro artificial teve então de cantar sozinho. Fez tanto sucesso como o verdadeiro e era muito mais engraçado v

— Soa bastante bem, é também parecido, mas falta-lhe algo, não sei o qu

afirmando com autoridade que ficara tão bom como antes.

Passaram cinco anos, quando todo o país sofreu um desgosto verdadeiramente grande, pois, no fundo, todos gostavam muito do seu imperador. Estava doente e não viveria muito tempo, dizia-se. Um novo imperador fora já escolhido e o povo parava na rua e perguntava ao cavaleiro-



— Lembras-te disto? — murmurava uma após outra. — Lembras-te disto? — E tantas coisas lhe contavam que o suor lhe corria da testa.

— Nunca o soube — dizia o imperador. — Música, música! O grande tambor chin

vivo que pousara num ramo lá fora. Tinha sabido da agonia do seu imperador e viera para lhe cantar consolação e esperança. E

como até aqui! Não posso morar no palácio, mas permite que venha, quando me apetecer. Pousarei

O Fuzil



Vinha um soldado a marchar pela estrada fora. Um, dois! Um, dois! Trazia a mochila

vais encontrar um grande corredor completamente iluminado, pois aí estão acesas mais de cem l

— És um tipo jeitoso! — disse o soldado, pondo-o sobre o avental da feiticeira e tirou tantos xelins de cobre quanto podia meter nos bolsos. Fechou depois a arca,

p

simplesmente o fuzil!

— Parvoíce! — retorqui o soldado. — Ou me dizes imediatamente o que vais fazer com ele ou puxo do sabre e corto-te a cabeça!

— Não! — disse a feiticeira.

Então o soldado cortou-lhe a cabeça. Ali ficou. P

mudando-se para um quartinho estreito, mesmo debaixo do telhado. Tinha de escovar ele próprio as botas e consertá-las com uma agulha de passajar e já nenhum dos seus amigos o visitava, pois eram muitos os degraus até lá acima.

Era uma noite bem escura. Já não tinha dinheiro para comprar uma vela. Então lembrou-se de que havia um coto no fuzil que encontrara na árvore oca, em que a velha o tinha ajudado a descer. Agarrou no fuzil e no coto de vela, mas precisamente no momento em que fez fogo e as faíscas saltaram da pederneira abriu-se a porta de par em par e o cão que tinha olhos como grandes chávenas de chá e que o soldado vira lá no fundo da árvore estava diante dele.

— Que ordena o meu senhor? — perguntou o cão.

— Que é isto? — interrogou-se o soldado. — É, na verdade, um fuzil bem engraçado! Posso assim obter o que quero! — Arranja-me algum dinheiro! — pediu ele ao cão. Zaque!, e logo este desapareceu e, zaque!, logo voltou, trazendo na boca um grande saco cheio de xelins.

Agora, o soldado sabia que o fuzil tinha algo de maravilhoso. Se fizesse fogo uma vez, vinha o cão que estava sobre a arca com dinheiro de cobre; se fizesse duas vezes, vinha o que tinha dinheiro de prata, e se fizesse tr

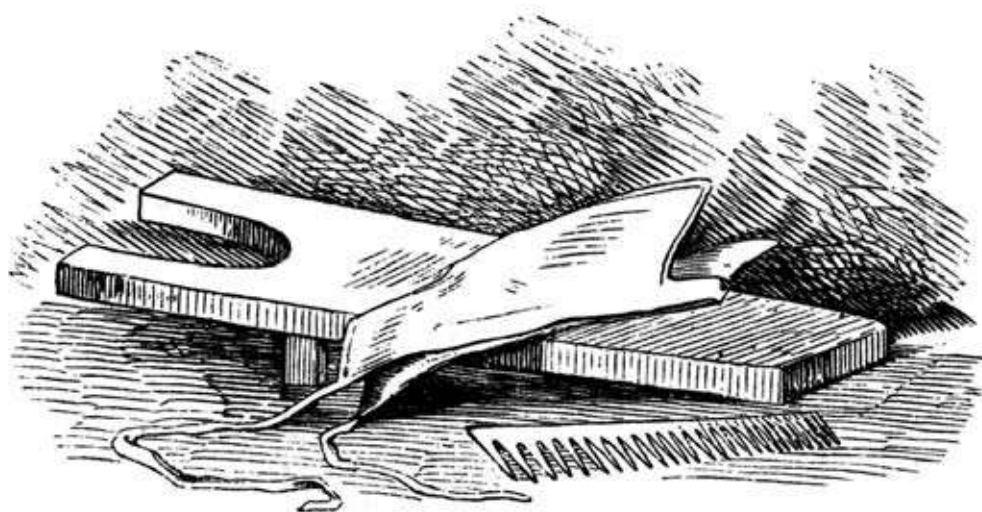
bonita que todos podiam ver que era deveras uma princesa. O soldado não p

mourisco, pequena e fina, atou-o

pescoço, disse que sempre haviam concedido a um pecador, antes de sofrer o castigo, a possibilidade de satisfazer um desejo inocente. Ele gostaria tanto de fumar uma cachimbada, já que seria a última que fumaria neste mundo!

Tal desejo não quis o rei negar-lhe, e assim o soldado pegou no fuzil e fez fogo uma, duas, tr

O Colarinho Postiço



Era uma vez um cavalheiro fino cujos artigos de toilette eram uma calçadeira e um pente. Mas tinha os mais bonitos colarinhos postiços do mundo e é sobre um colarinho que vamos ouvir uma história.

Certo colarinho pensava que estava na idade de casar. E aconteceu que foi para lavar juntamente com uma liga.

— Oh! Não! — disse o colarinho, olhando para a liga. — Nunca vi, na verdade, algo tão elegante e fino, tão doce e tão bonito. Posso perguntar-lhe o nome?

— Não digo — respondeu a liga. — Onde reside? — insistiu o colarinho.

Mas

mínimo pretexto para isso!

— Sim, quando se é tão bonita como voc

Estava arrumado.

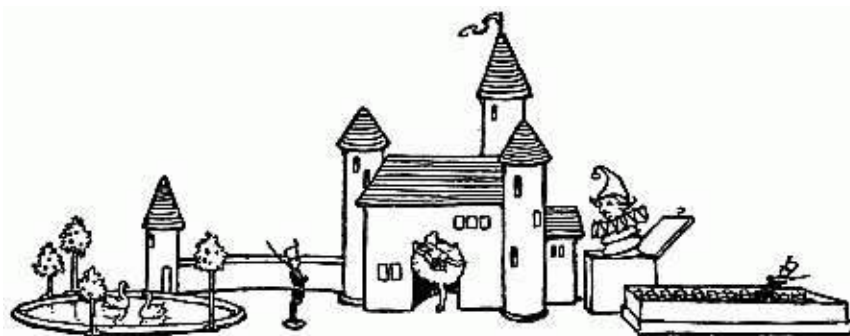
— Só me resta propor casamento ao pente! — pensou o colarinho. — É notável como conserva todos os dentes, meu caro! Nunca pensou em noivado?

— Sim, pode sab

saber, na verdade, se não viremos alguma vez também para a caixa de farrapos para ser transformados em papel branco e ter toda a nossa história nele impressa. Mesmo a mais secreta. E ter assim de correr mundo e contá-la.

Como o colarinho postiço.

O Valente Soldadinho de Chumbo



Era uma vez vinte e cinco soldados de chumbo. Eram todos irmãos, pois tinham nascido de uma velha colher. Traziam espingardas ao ombro, e olhavam bem em frente. Vermelhos e azuis, que bonitos eram os uniformes! O que primeiro de tudo ouviram neste mundo, quando foi tirada a tampa da caixa onde se encontravam, foram as palavras: — Soldados de chumbo! — Gritou-as um rapazinho, batendo palmas. Recebera-os porque era o seu aniversário e colocou-os em pé sobre a mesa. Cada soldado assemelhava-se exatamente aos outros, só um era um pouco diferente. Tinha apenas uma perna, pois fora o último a ser fundido e o chumbo não chegara. Contudo, estava de pé tão firmemente sobre uma perna como os outros nas duas e é precisamente este soldado que vai ser notável.

Na mesa onde foram colocados estavam muitos outros brinquedos, mas o que dava mais nas vistas era um belo palácio de cartão. Através das janelinhas podiam ver-se as salas. Do lado de fora havia arvorezinhas em volta de um pequeno espelho para fazer de conta que era um lago. Cisnes de cera vogavam aí, refletindo-se. Todo o conjunto era bonito, mas o mais bonito, contudo, era uma menina que estava entre as portas abertas do palácio. Também era recortada em cartão, mas tinha uma saia do mais claro linho e uma estreita fitinha azul sobre os ombros como um xaile.

No meio deste estava uma palheta brilhante, tão grande como o rosto dela. A menina estendia ambos os braços, pois era uma bailarina, e levantava uma perna tão alto no ar que o soldado de chumbo mal podia v

soldado de chumbo e a bailarinzinha. Ela continuava toda direita na ponta do pé e com ambos os braços estendidos. Ele estava bem firme na sua perna, não desviando os olhos dela nem por um momento.

Então soou a meia-noite e, taque!, saltou a tampa da caixa de rapé. Não havia nenhum tabaco lá dentro, mas sim um gnomozinho preto, pois a caixa era um truque.

— Soldado de chumbo! — disse o gnomo. — Veja lá onde põe os seus olhos!

Mas o soldado de chumbo fingiu que não ouviu.

— Está bem, espera por amanhã! — disse o gnomo.

Quando amanheceu e as crianças se levantaram, o soldado de chumbo foi colocado junto da janela e quer fosse então o gnomo ou um golpe de vento, esta abriu-se subitamente e o soldado caiu do terceiro andar, de cabeça para baixo. Foi uma viagem terrível, a perna virou-se completamente para o ar e ficou caído sobre o capacete, com a baioneta para baixo, entre as pedras da rua.

A criada e o rapazinho desceram imediatamente a procurá-lo, mas embora estivessem quase a pisá-lo, não conseguiram v



Fizeram um bote de um jornal, puseram o soldado de chumbo lá dentro, no meio, e ei-lo a navegar valeta abaixo. Ambos os rapazes corriam ao lado, batendo palmas. Deus nos livre disso! Que ondas havia na valeta e que corrente! Tinha chovido torrencialmente. O barco de papel balouçava para cima e para baixo e nos intervalos virava com tanta rapidez que o soldado de chumbo estremecia. Mas mantinha-se firme, não mexia um músculo, olhava bem em frente e segurava a espingarda ao ombro.

De repente o barco entrou numa longa sarjeta. Ficou tão

Nesse momento apareceu um grande rato dos canos que vivia por baixo da sarjeta.

— Tens passaporte? — perguntou o rato. — Passa-o para cá!

Mas o soldado de chumbo ficou calado e segurou a arma ainda com mais firmeza. O barco passou e o rato foi atrás dele. Ui! Como rangia os dentes e gritava para os pauzinhos e palhinhas:

— Façam-no parar! Façam-no parar! Não pagou a portagem! Não mostrou o passaporte!

A corrente tornou-se cada vez mais forte. O soldado de chumbo já podia ver a luz do dia na sua frente, onde terminava a sarjeta. Mas ouviu também um rugido que bem podia assustar um homem corajoso. Vejam bem; a sarjeta tombava a pique, onde terminava o cano, para fora, para um grande canal, que seria para ele tão perigoso como para nós descer de barco uma grande queda-d'água.

Agora estava tão perto que não podia parar. O barco avançou, o pobre soldado agarrou-se tão firme quanto p

clara e alguém gritou:

— O soldado de chumbo! — O peixe fora apanhado, trazido para o mercado, vendido e levado para a cozinha, onde a criada o abriu com uma grande faca. Pegou depois com dois dedos no soldado e levou-o para a sala, onde todos queriam ver o homem tão notável que viajara na barriga de um peixe. Mas o soldado de chumbo não estava nada orgulhoso disso. Puseram-no em cima da mesa e aí... como neste mundo podem acontecer coisas maravilhosas! O soldado de chumbo encontrava-se na mesma sala em que estivera antes. Viu as mesmas crianças e os brinquedos que estavam em cima da mesa. O belo palácio com a linda e pequenina bailarina, que ainda se sustinha numa perna, com a outra levantada. Também ela era firme. Isso comoveu o soldado de chumbo. Esteve quase a verter lágrimas de chumbo, mas não era coisa que lhe ficasse bem. Ele olhou para ela e ela olhou para ele, mas não disseram nada.

Nesse mesmo momento um dos rapazinhos pegou no soldado e deitou-o para dentro do fogão sem dar qualquer explicação. Foi com certeza o gnomo da caixa que teve a culpa.

O soldado de chumbo ficou iluminado e sentiu um grande calor. Era terrível, mas se era realmente do fogo ou do amor, não sabia. Desapareceram-lhe as cores, e se foi da viagem ou da mágoa, ninguém o podia dizer. Olhava para a menina, ela olhava para ele e sentiu que se derretia, mas ficou firme com a espingarda ao ombro. Abriu-se então uma porta, o vento pegou na bailarina, que voou como uma sífide para dentro do fogão, para o soldado de chumbo. Ardeu nas chamas e desapareceu. Assim se derreteu o soldado de chumbo, ficando apenas um pedacinho de chumbo, e quando a criada tirou as cinzas no dia seguinte, encontrou-o na forma de um coraçõzinho. Da bailarina, ao contrário, restava apenas a palheta, que estava preta como carvão.

O Pequeno Claus e o Grande Claus



Havia numa cidade dois homens que tinham o mesmo nome, ambos se chamavam Claus, mas um possuía quatro cavalos e o outro apenas um. Então, para se poderem distinguir um do outro, chamava-se

— Não podes dizer isso — avisou o Grande Claus. — É só um cavalo que é teu.

Mas quando voltava a passar alguém para a igreja, o Pequeno Claus esquecia-se de que não o devia dizer e gritava, novamente: arre!, todos meus cavalos!

— Bem, peço-te para te deixares disso! — repetiu o Grande Claus. — Pois se voltas a diz

lavrador fechou-lhe a porta na cara.

Perto havia uma grande meda de feno e entre ela e a casa estava construído um pequeno alpendre com um telhado direito de palha.

— Posso dormir ali em cima — pensou o Pequeno Claus, quando viu o telhado. — É uma boa cama. A cegonha não virá cá abaixo morder-me nas pernas. — Pois havia uma cegonha viva no cimo do telhado, onde tinha o ninho.

Então o Pequeno Claus trepou para o alpendre para se deitar comodamente. Como as portadas de madeira das janelas não estavam fechadas em cima, podia ver para dentro de casa.

Avistava uma grande mesa posta com vinho, assado e ainda um belo peixe. A mulher do lavrador e o sacristão estavam sentados

retirar toda a comida.

— Está alguém aí em cima? — perguntou o lavrador, olhando para o Pequeno Claus, lá no alto. — Porque estás aí? Anda comigo para dentro de casa.

Então o Pequeno Claus contou como se tinha perdido e perguntou se podia ali passar a noite.

— Certamente! — disse o lavrador. — Mas primeiro temos de tratar da vida!

A mulher mostrou-se muito gentil para ambos, p

buscar o vinho que escondera e o lavrador bebeu, ficando muito alegre. Um feiticeiro como o que o Pequeno Claus tinha no saco, muito gostaria de possuir!

— Ele também pode fazer aparecer o Diabo? — perguntou o lavrador. — Bem gostaria de o ver, pois agora estou alegre.

— Sim — disse o Pequeno Claus. — O meu feiticeiro pode tudo o que eu lhe pedir. Não é verdade? — perguntou ele pisando o saco, de modo que este rangeu novamente. — Consegues ouvi-lo dizer que sim? Mas o Diabo tem um aspeto tão feio que não merece a pena v

tirar deste feiticeiro.

— Oh! Gostava tanto de t

— Bem, isso já é outra coisa! — disse o Pequeno Claus, e abriu a arca. O sacristão saiu logo e empurrou a arca vazia para a água, dirigindo-se depois para casa, onde o Pequeno Claus recebeu um alqueire de dinheiro. Já recebera um do lavrador e com mais este agora tinha o carro de mão cheio de dinheiro.

— Estás a ver, consegui que o cavalo fosse muito bem pago — disse de si para si quando voltou para casa e despejava todo o dinheiro num grande monte, no meio do chão. — Bem arreliado vai ficar o Grande Claus, quando vier a saber como enriqueci com o meu único cavalo, mas não vou dizer-lho assim simplesmente.

Então mandou um rapaz pedir ao Grande Claus que lhe emprestasse uma medida de alqueire.

— Para que quererá ele isso? — pensou o Grande Claus. Besuntou o fundo com alcatrão para que lhe ficasse agarrado alguma coisa do que fosse medido e assim sucedeu, pois quando recebeu de volta o alqueire, estavam colados tr

— Quer fazer pouco de nós — disseram todos. Os sapateiros pegaram nos tirapés e os curtidores nos aventais de couro e começaram a sovar o Grande Claus.

— Peles, peles! — gritavam, escarnecendo dele. — Pois bem, vamos dar-te uma pele que vai espirrar porcaria vermelha! Fora da cidade com ele! — O Grande Claus teve de escapar-se, como p

domingueiro, hoje!

— Sim — disse o Pequeno Claus. — Tenho de ir

eu próprio. — E foi assim com o alqueire ao Pequeno Claus.

— Não pode ser! Onde arranjaste todo este dinheiro? — perguntou, abrindo muito os olhos ao ver aquela pequena fortuna.

— Foi a minha avó e não a mim que mataste — disse o Pequeno Claus. — Vendi-a depois e recebi um alqueire por ela.

— Foi na verdade bem paga! — observou o Grande Claus, e apressou-se a voltar a casa. Pegou num machado e logo matou a sua velha avó, p

o Pequeno Claus junto

— Sim — disse o Pequeno Claus. — Lançaste-me

no saco para a ribeira, és demasiado pesado para mim. Se quiseres ir até lá e meteres-te no saco, com o maior prazer te empurrarei para o fundo.

— Muito te agradeço — disse o Grande Claus —, mas se não conseguir nenhum gado marinho, quando chegar ao fundo, dar-te-ei uma boa tarefa, podes crer!

— Oh! Não! Não sejas tão mau! — E partiram para a ribeira. Quando o gado, que estava com sede, viu água, correu o mais que p

Sob o Salgueiro



Para os lados de Køge a região é muito escalvada. A cidade fica mesmo junto

por isso e tinha de suportá-lo. Mas, então, sonhou a pequena Joana vizinho que navegava num barco na baía de Køge e que Knud corria para ela, a água alcançava-o primeiro até ao pescoço e depois por cima da cabeça. E desde o momento em que Knud ouviu este sonho, não suportou mais que lhe chamassem medroso, fazia simplesmente refer

nenhum se tinha declarado. No entanto era preciso faz

não sabia entoar um único tom, mas sabia a letra, o que é já alguma coisa... A gente de Køge, até mesmo a mulher do quinquilheiro, quedava-se a ouvir Joana. — É uma voz doce que a menina tem! — dizia ela.

Eram dias abençoados, mas não duraram para sempre. Os vizinhos separaram-se. A mãe da menina morrera, o pai ia casar-se em Copenhaga, onde podia encontrar outro modo de vida. Ia ser mensageiro em qualquer parte, o que parecia ser uma posição muito lucrativa. Os vizinhos despediram-se com lágrimas, especialmente as crianças. Mas os adultos prometeram escrever-se pelo menos uma vez por ano. Knud entrou para aprendiz de sapateiro, pois não podiam deixar um rapaz tão crescido andar por ali a passear. E assim recebeu a confirmação cristã!

Oh! Como gostaria, naquele dia de festa, de ter ido a Copenhaga e de ver Joana, mas não foi e nunca lá havia estado, se bem que ficasse a cinco milhas de Køge. Mas Knud tinha visto as duas torres para além da baía, em tempo claro, e no dia da confirmação viu, distintamente, brilhar a cruz dourada na Frue Kirke^I.

Ai! Como pensava em Joana! Lembrar-se-ia dele? Sim!... No Natal veio carta dos pais dela para os pais de Knud: passavam bem em Copenhaga e um grande acontecimento feliz se dera para Joana devido

Veio a ser oficial de sapateiro e a mochila foi logo afivelada². Finalmente, ia a Copenhaga pela primeira vez na vida e já tinha lá um mestre. Ora! Como Joana ficaria surpreendida e contente! Ela agora tinha dezassete e ele dezanove.

Quis comprar, ainda em Køge, um anel de ouro para ela, mas pensou então que certamente conseguiria um muito mais bonito em Copenhaga. Despediu-se dos velhos e partiu logo no Outono, a pé,

olhos? E depois tinha muito que perguntar e de que falar, desde os pais de Knud ao sabugueiro e ao salgueiro, e a estes chamava a Mãe Sabugueira e o Pai Salgueiro, como se também fossem pessoas, pois por estas podiam muito bem passar, como podiam os bolos de mel. Destes falou ela também e do seu amor mudo, como estiveram no balcão e se desfizeram em pedaços, e então riu cordialmente... mas o sangue ardeu nas faces de Knud e o coração bateu-lhe mais forte do que nunca!... Não, não tinha sido de modo algum arrogante!... Também fora por ela, bem o notou, que os pais lhe pediram para ficar toda a noite, ofereceu-lhe chá, ela própria lhe deu uma chávena, depois pegou num livro e leu alto para eles e foi para Knud como se tudo o que lesse fosse sobre o seu amor, correspondia tão bem a todos os seus pensamentos! A seguir cantou uma canção simples, mas veio com ela toda uma história, era como se o próprio coração batesse nesta. Sim, gostava certamente de Knud. Corriam-lhe lágrimas pelas faces, nada podia fazer contra isso, e não era capaz de dizer uma única palavra. Parecia-lhe que era estúpido e, contudo, ela tocou-lhe na mão e disse:

— Tens um bom coração, Knud! S

esforçar-me por isso...! Sim, digo-lhe isso, nada se ganha com o amor mudo, aprendi-o com os bolos de mel!

Chegou o domingo, e Knud veio, mas que pouca sorte! Iam todos sair, tinham de dizer-lho. Joana tocou-lhe na mão e perguntou:

— Estiveste já alguma vez no teatro? Tens de lá ir uma vez! Canto na quarta-feira e, se tens tempo, vou mandar-te um bilhete. Meu pai sabe onde mora o teu mestre!

Como era amoroso da parte dela! Na quarta-feira pelo meio-dia chegou um papel com selo sem palavras, mas o bilhete lá estava e

lhe quanto gostava dela e que tinha de vir a ser sua mulherzinha. Enquanto lho dizia, viu que Joana ficava pálida como um cadáver. Soltou-lhe a mão e disse grave e triste:

— Não te faças a ti e a mim infelizes, Knud! Serei para ti sempre uma boa irmã com quem podes contar...! Mas mais não! — E afagou-lhe a testa quente com a mão suave. — Deus dá-nos forças para muito, quando nós próprios queremos!

Entrou, então, nesse momento a madrastra.

— Knud está completamente fora de si, porque vou partir! — disse ela. — S

— tinha dito ela. Sentiu-se invadido por devoção, juntou as mãos... e os violinos tocavam e as raparigas dançavam

Procurou e encontrou um bom mestre em Nuremberga, ficou em casa dele e aprendeu a língua.

Os velhos fossos

A ninguém falava de Joana. Dentro de si escondia a sua dor e punha um sentido especial na história sobre os bolos de mel. Agora compreendia porque o bolo-cavaleiro tinha uma am

entre ele e todas as recordações, e assim tinha de ser.

Na sua frente estava uma cidade grande e bonita que se chamava Milão, aqui encontrou um mestre alemão, que lhe deu trabalho. Era um velho casal honesto para cuja oficina entrou. Ganhou afeto o oficial calmo, que falava pouco, trabalhava, portanto, mais e se mostrava cristão pio. Era como se Deus lhe tivesse tirado o pesado fardo do coração.

O seu maior prazer era subir

mostrou-lhe que estava ali o seu nome, o nome completo.

Não, não era nenhum sonho! Todas as pessoas exultavam diante dela, atiravam-lhe flores e ramos e de cada vez que se ia embora, ia e vinha e voltava a ir.

Cá fora, na rua, juntou-se gente

da sua saudade, ninguém podia crer que sofria uma dor de coração, a mais profunda que se pode sofrer. Não é coisa para o mundo, não é divertido, não é também para amigos e ele não tinha amigos! Estranho, ia em terra estranha, para a pátria, para o Norte. Na única carta de casa que os pais há muito tempo lhe tinham escrito estava: «Tu não és verdadeiramente dinamarqu

paredes vermelhas e a bela verdura de hera, a porta grande da igreja abriu-se para ambos os lados, o órgão soou e o cavalheiro e a donzela dirigiram-se para a nave.

— A senhora e o senhor primeiro! — disseram eles, «os noivos bolos de mel», depois desviaram-se cada um para seu lado, para dar lugar a Knud e Joana, eles ajoelharam-se, ela baixou a cabeça sobre o rosto dele, e rolaram-lhe lágrimas frias de gelo, que derretiam em volta do coração com o forte amor de Knud, e caíam nas suas faces afogueadas... acordou assim, mas estava sentado sob o velho salgueiro em terra estranha na noite fria de inverno. Das nuvens tombava granizo regelante que lhe chicoteava o rosto.

— Foi o tempo mais belo da minha vida! — disse. — E foi um sonho... Deus, deixa-me sonhá-lo outra vez! — Fechou os olhos, adormeceu, sonhou.

De manhã cedo caiu neve, amontoou-se sobre os seus pés, ele dormia. A gente da terra dirigia-se

João Pateta



Lá para o campo havia um solar antigo e nele habitava um velho senhor que tinha dois filhos, que eram tão espirituosos que metade seria suficiente. Queriam pedir a filha do rei em casamento e podiam faz

aquele que era sabedor das coisas dos mestres e que bordava recebeu um branco de leite, e depois untaram os cantos da boca com óleo de fígado de bacalhau para ficarem mais flexíveis. Estava toda a criadagem em baixo, no pátio, a v

— Está bem, dá-lha! — disseram eles, rindo, e continuaram a cavalgar.

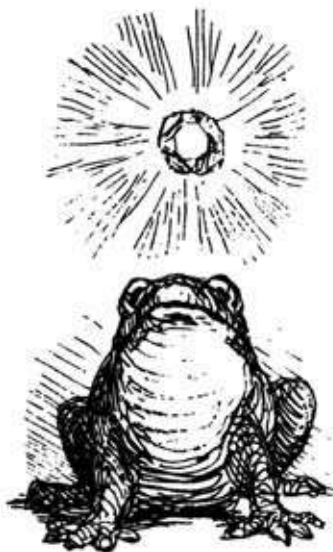
— Olá! Aqui venho eu! Vejam o que encontrei agora. Não se encontra destas coisas todos os dias na estrada!

Os irmãos viraram-se outra vez para ver o que era. — Pateta! — disseram. — É um velho tamanco de pau, cuja parte superior se desprende! Também vais dar isso

escrevia tudo o que se dizia para que pudesse vir rapidamente no jornal e ser vendido,

falar e a ti te quero como marido! Mas sabes que toda a palavra que dizemos e dissemos é escrita e vem amanhã no jornal! Junto a cada janela v

O Sapo



O poço era fundo, por isso a corda era comprida. A roldana rodava com dificuldade quando se puxava o balde com água para a borda do poço. O Sol nunca conseguia descer para se espelhar na água, por muito clara que fosse, mas até onde chegava o seu brilho, crescia a erva entre as pedras.

Vivia aí uma família da raça dos sapos que imigrara e que caíra de cabeça para baixo, com a velha sapa-mãe ainda viva. As rãs verdes, que há muito tempo ali estavam instaladas e nadavam na água, reconheceram-nos como primos e chamaram-lhes «hóspedes do poço». Estes traziam o propósito de aí ficar. Viviam ali muito agradavelmente no seco, como eles chamavam

sabiam todos que o poço não era todo o mundo. A sapa-mãe bem podia ter contado alguma coisa, mas nunca respondia quando lhe perguntavam, e assim ninguém lhe perguntava nada.

— Forte e feia, disforme e gorda é ela! — diziam as jovens rãs verdes. — Os filhotes são igualmente disformes!

— Até pode ser! — disse a sapa-mãe. — Mas um deles tem uma pedra preciosa na cabeça, ou então tenho-a eu!

As rãs verdes ouviram e olharam pasmadas, como não gostaram disso fizeram caretas e foram para o fundo. Mas os sapinhos bateram com as pernas traseiras com puro orgulho. Cada um deles acreditava que tinha a pedra preciosa, pelo que ficaram completamente quietos com as cabeças mas, por fim, perguntaram porque se sentiam orgulhosos e o que era, na verdade, uma pedra preciosa.

— É algo tão magnífico e precioso — disse a sapa-mãe — que não posso descrever

veio

ou um sapinho. Isso não posso dispensar. Para mim, a natureza já não é suficiente!
— E voltou a p

— Bem o sei! — disse a lagarta na folha de couve. — A minha folha é a maior!
Oculta meio mundo, mas não posso dispensá-la!

Cluque! Cluque! Ouviu-se. Aproximavam-se as galinhas que passeavam na horta. A galinha que vinha

«Como vivem tão alto!», pensou o sapo. «Quem pudesse subir lá acima!»

Na casa do campon

— Os homens são as criaturas mais presunçosas! — disse a cegonha-pai. — Oiçam como são as conversas deles! Não sabem dar um verdadeiro estalo com o bico. Enchem o papo com os seus dons de fala, a sua língua! É uma língua agradável. Mas muda em cada local que encontramos nas nossas viagens diárias. Uns não entendem os outros. A nossa língua, pelo contrário, podemos-la falar em toda a terra, tanto na Dinamarca como no Egito. Voar também não sabem! Fazem viagens numa coisa descoberta a que chamam «caminho de ferro» e partem a cabeça muitas vezes por causa disso. Fico com calafrios no bico quando penso nisso! O mundo pode existir sem homens. Podemos dispensá-los. Que nos deixem apenas rãs e minhocas!

«Foi um discurso formidável!», pensou o sapinho. «Como é um grande homem! E está tão alto como nunca vi ninguém estar! E como sabe nadar!», exclamou ele, quando a cegonha abriu as asas e partiu pelo ar.

A cegonha-mãe falou no ninho, contou sobre a terra do Egito, sobre a água do Nilo e sobre os atoleiros incomparáveis que havia em terras estrangeiras.

Isso soou como algo novo e belo para o sapinho.

— Tenho de ir ao Egito! — disse ele. — Se a cegonha me levasse ou algum dos seus filhos! Pagar-lhe-ia o serviço no dia do noivado. Sim, vou ao Egito, porque me sinto feliz! Todo o anseio e vontade que sinto é realmente melhor do que ter uma pedra preciosa na cabeça!

E ele tinha exatamente a pedra preciosa. Era o eterno anseio e vontade de subir, para cima, sempre para cima! Brilhava lá dentro, luzia de alegria e irradiava na vontade.

Nesse momento veio a cegonha. Vira o sapo na erva. Baixou e pegou no animalzinho de forma pouco gentil. O bico apertava, o vento sussurrava, não era agradável, mas ele ia para cima, para cima, para o Egito, sabia-o ele. E por isso os olhos brilhavam. Era como se deles saíssem centelhas.

— Quá! Ai!

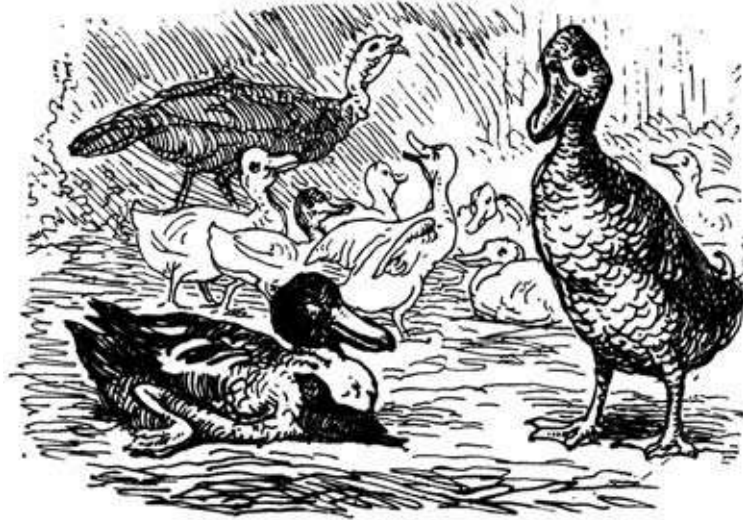
O corpo estava morto e morto o sapo. Mas as centelhas dos olhos, que se passou com elas?

Os raios de Sol pegaram nelas e com elas levaram a pedra preciosa da cabeça do sapo. Para onde?

Não perguntes ao cientista, pergunta antes ao poeta. Ele conta-te como num conto. E as lagartas lá estão e a família de cegonhas lá está também. Pensa! A lagarta transforma-se numa linda borboleta. A família de cegonhas voa para longe sobre montes e mares para a longínqua África, mas volta a encontrar o caminho mais curto para casa, para a terra dinamarquesa, para o mesmo lugar, o mesmo telhado! Sim, é tudo demasiado maravilhoso e, no entanto, é verdadeiro. Podes bem perguntar ao cientista, tem de o admitir. Tu próprio sabes isso também, porque o viste.

— Mas a pedra preciosa na cabeça do sapo? — Busca-a no Sol! V

No Pátio dos Patos



Veio uma pata de Portugal. Disseram algumas pessoas que podia ter vindo de Espanha. É indiferente. Chamaram-na a portuguesa, p

Caiu do telhado, de cabeça para baixo. O gato andara atrás dele, mas o pássaro escapara-se-lhe com uma asa quebrada, caindo no pátio dos patos.

— Deve ser coisa do gato, aquele bruto! — disse a portuguesa. — Conheço-o do tempo que tive patinhos! Permitir-se que uma criatura assim viva e ande pelos telhados! Isso creio eu que não se passa em Portugal!

E compadeceu-se do passarinho, e as outras patas, que não eram portuguesas, compadeceram-se dele também.

— Pobrezinho! — disseram elas, e chegou-se uma e chegaram-se as outras. — É certo que não somos cantoras — disseram elas —, mas temos dentro de nós um someiro de órgão ou algo parecido. Sentimo-lo, ainda que não falemos disso!

— Pois eu quero falar disso! — disse a portuguesa. — E quero fazer algo por ele, porque é o nosso dever! — E subiu assim para dentro da selha de água e patinou nela de tal modo que quase afogava o passarinho com a molha que este apanhou, mas foi com boa intenção. — É uma boa ação — disse ela. — Bem podem os outros ver e seguir o exemplo!

— Piu! — disse o passarinho. Uma das asas estava quebrada, era-lhe difícil sacudir-se, compreendeu, porém, que a chapinhadela foi bem-intencionada. — É muito boa de coração, minha senhora! — disse ele, mas não pediu mais.

— Nunca pensei na inclinação do meu coração! — disse a portuguesa. — Sei, porém, que amo todos os meus semelhantes, exceto o gato, mas quem poderia esperar outra coisa de mim! Comeu dois dos meus. Esteja aqui agora como em sua casa. Pode arranjar-se. Eu própria sou de uma terra estrangeira, como bem pode ver pelo meu aprumo e vestido de penas. O meu pato é nativo, não tem o meu sangue, mas não me faço altiva por isso!... A ser compreendido por alguém daqui, se é que posso afirmá-lo, será por mim.

— Ela tem beldroegas na moela! — disse um patinho vulgar que era espirituoso, e os outros, que também eram vulgares, acharam admirável isso de portulak^I soar com «Portugal». Empurrando-se uns aos outros, diziam: — Ouviram? Foi

incomparavelmente espirituoso!

E meteram-se com o passarinho.

— A portuguesa fala verdadeiramente bem! — disseram eles. — Nós não somos de grandes palavras no bico, mas temos igualmente grande simpatia. Se não fazemos nada por si, também não levantamos questões. Achamos que é mais bonito!

— Tem uma bonita voz! — disse um dos mais velhos. — Deve ser uma bela sensação dar prazer a tanta gente, como voc

outros... Mas é o mesmo, seguimos o nosso tranquilo caminho no meio de todos, cujos princípios não são os nossos, mas nós só olhamos os lados bons e só falamos do bem, ainda que seja difícil de o encontrar onde não existe. Com exceção de nós e do galo, não há ninguém na capoeira que seja inteligente e ao mesmo tempo honesto! O mesmo se pode dizer dos habitantes do pátio. Avisamo-lo, passarinho! Não acredite na que tem a cauda cortada, é falsa! Aquela manchada ali com o espelho torto nas asas é maluca por disputas e nunca deixa ninguém ter a última palavra, e, ainda por cima, nunca tem razão!... Aquela pata gorda fala mal de todos, e isso é contra a nossa natureza. Se não se pode falar bem, cala-se o bico. A portuguesa é a única que tem um pouco de educação e com quem se pode conviver, mas é impetuosa e fala demasiado de Portugal!

— Como t

antigo dito de espírito: beldroegas! Foi muito engraçado. — Depois deitaram-se.

Estavam já há algum tempo deitadas quando lançaram comida no pátio. Estalou de encontro ao chão, de modo que toda a criação que dormia se levantou e bateu com as asas. A portuguesa acordou também, virou-se e esmagou terrivelmente o passarinho.

— Piu! — disse ele. — Pisou-me tanto, minha senhora!

— Porque se p

— Não sabe ainda bastante do cálculo do tempo! — disse a portuguesa. — O dia ainda não acabou. Não fique aí a fazer cara de parvo.

— Olha para mim tão zangada, tal como esses dois olhos maus me olharam, quando aqui caí no pátio.

— Desavergonhado! — disse a portuguesa. — Compara-me com o gato, aquela fera! Nenhuma gota de sangue mau há em mim. Tomei conta de si e vou ensinar-lhe boas maneiras!

E com uma bicada arrancou a cabeça ao passarinho, que logo ali caiu morto.

— Que é isso agora! — disse ela — Não foi capaz de suportar a bicada! Então não era realmente para este mundo! Fui como uma mãe para ele, bem sei! Porque coração tenho eu!

E o galo do vizinho meteu a cabeça no pátio e cantou com a força de uma locomotiva.

— Voc

— Pensemos agora em encontrar alguma coisa para o papo! — chamou o pato.
— Que é o mais importante! Se se quebra um brinquedo musical em pedaços, ainda nos restam bastantes!

1 - Portulak, em dinamarqu

A Rainha das Neves



Um conto com sete histórias

Primeira história — que trata do espelho e dos seus fragmentos



Vejam então! Agora vamos começar. Quando tivermos chegado ao fim do nosso conto, saberemos mais do que agora, pois fala de um feiticeiro mau! O pior de todos. O *dævel*¹.

Um dia, estava ele de bom humor, porque tinha acabado de construir um espelho que possuía uma propriedade: a beleza e a bondade que nele se refletissem reduziam-se a quase nada. Tudo o que era mau ou desagradável, pelo contrário, aumentava, tornando-se ainda pior.

Quando as mais admiráveis paisagens se refletiam no espelho pareciam esparregado de espinafres. As melhores pessoas tornavam-se repelentes ou ficavam com a cabeça para baixo, sem barriga e com as caras tão disformes que ficavam irreconhecíveis. Se alguém tivesse uma pequena sarda, podia ter a certeza de que esta se tornava enorme, cobrindo-lhe o nariz e a boca.

— Como isto é divertido! — dizia o diabo do feiticeiro. Logo que um

pensamento sensato ou piedoso atravessava o espírito de um homem refletia-se no espelho um sorriso de escárnio. Este feiticeiro dos diabos ria-se, encantado com a sua invenção. Todos os que andavam na sua escola de feiticeiro, pois ele tinha uma escola de feitiços, contavam por toda a parte que houvera um milagre. Só agora se podia ver, opinavam eles, como o mundo e os homens eram na realidade. Corriam por todo o mundo com o espelho e, no fim, não havia país ou pessoa que nele não visse refletida a sua imagem distorcida.

Agora eles queriam voar para o próprio céu a fim de fazerem pouco dos anjos e de Nosso Senhor. Quanto mais subiam com o espelho mais este se ria de escárnio. Mal o podiam segurar. Continuaram a voar cada vez mais alto e mais alto, cada vez mais próximos de Deus e dos anjos. De repente o espelho estremeceu tão terrivelmente com o seu malvado sorriso que se escapou das mãos dos diabinhos e se precipitou para a Terra, desfazendo-se em cem milhões de biliões e ainda em mais fragmentos.

E foi assim, despedaçado, que causou mais danos do que antes. Alguns pedaços que não eram maiores que grãos de areia voaram pela vastidão do mundo e as pessoas apanharam com essa funesta poeira nos olhos. Essas pessoas viam tudo errado, e só tinham olhos para o que estava mal, pois cada pequeno grão de espelho mantinha as mesmas forças como se de todo o espelho se tratasse. Houve quem chegasse a ter um pequeno grão do espelho no coração, e então era pavoroso, pois o coração dessas pessoas transformava-se num pedaço de gelo.

Existiam pedaços tão grandes que chegaram a ser usados como vidraças para as janelas. Não era nada aconselhável ver os amigos através deles. Outros foram utilizados como lentes para óculos e então, quando alguém os punha, para se ver com clareza e justiça, tudo corria mal.

O feiticeiro sorria de tal forma que até a barriga lhe rebentava. O riso fazia-lhe cócegas deliciosas. Lá fora, voavam ainda pequenos pedaços de vidro. Agora, escutem com atenção.

1 - *Dævel* (*djævel*). Expressão infantil que designa diabo, em dinamarquês

Andersen utiliza o termo para amenizar a figura no imaginário das crianças.

([Voltar](#))

Segunda história — Um rapazinho e uma menina



Na grande cidade há tantas casas e tantas pessoas, que não existe lugar para todos poderem ter o seu jardim. Por isso, a maioria contenta-se com alguns vasos de flores. Havia duas crianças pobres que tinham um jardim um pouco maior do que um vaso de flores. Não eram irmãos, mas gostavam tanto um do outro como se realmente o fossem. Os seus pais viviam em duas águas-furtadas tão próximas uma da outra que os telhados quase se tocavam. Cada casa tinha uma janela virada para outra e bastava esticar as pernas para se passar para qualquer um dos lados.

Cada família possuía um grande caixote de madeira cheio de terra, fora da janela e nele cultivava hortaliças para governo da sua casa, e uma pequena roseira que crescia que era uma b

Os caixotes eram altos e as crianças sabiam que não podiam trepar por eles, mas os pais autorizaram que se sentassem nos seus banquinhos e ali brincavam maravilhosamente.

No inverno, este divertimento não podia existir. Muitas vezes as janelas ficavam totalmente cobertas de gelo. Então, os meninos aqueciam uma pequena moeda de cobre na braseira e colocavam-na sobre a vidraça, formando assim um pequeno postigo redondo, tão redondo, que atrás dele espreitava um olhito de expressão abençoada e terna, isto em cada uma das janelas. Eram o rapazinho e a menina. Ele chamava-se Kay e ela Gerda.

No verão, podiam, como já se disse, chegar um ao outro com um simples salto. No inverno, para se encontrarem, era-lhes necessário descer numerosos degraus e, em seguida, subir outros tantos.

Lá fora, a neve rodopiava em milhares de flocos.

— São as abelhas brancas que esvoaçam — disse a velha avó.

Elas também t

deitar. Mas, antes, trepou para uma cadeira junto

— Ai, que alguma coisa me picou no coração e agora sinto que me entrou outra coisa no olho.

A menina tomou-lhe o rosto entre as mãos e olhou-o nos olhos, que pestanejavam; mas não viu absolutamente nada de anormal.

— Parece-me que já passou — disse ele. Mas não passou. Aquilo era exatamente um pedaço de vidro que saltou do espelho. O espelho do feitiço, conforme muito bem nos lembramos. O terrível espelho que fazia parecer pequeno e feio o que é grande e belo e que punha em destaque o lado mau e reles dos seres e das coisas. O infeliz Kay recebeu no coração um desses inúmeros fragmentos. Em breve iria tornar-se como um pedaço de gelo. Kay não sentiu mais dor nenhuma, mas aquilo estava lá.

— Porque choras? — perguntou ele. — Pareces tão feia! Eu não tenho nada! Ai! Cala-te lá com isso! — gritou, olhando em redor. — Esta rosa foi toda comida por um verme e esta está torta. Na realidade, são vulgares e sem graça, tal como o horrível caixote onde crescem!

Deu um desdenhoso pontapé no caixote e arrancou as duas flores que lhe haviam desagradado.

— Kay! O que estás a fazer? — gritou a menina.

Vendo-a tão horrorizada, Kay arrancou mais uma rosa, depois correu para dentro através da sua janela, para longe da pequena e abençoada Gerda.

Quando, mais tarde, ela apareceu com o livro das imagens, ele disse-lhe que aquele era um livro para crianças pequenas. Quando a avó contava histórias, ele vinha sempre estragar tudo com um «mas», ou então, se via uma oportunidade, colocava-se por detrás dela, punha os seus óculos e imitava-a. Toda a gente o aplaudia. Em breve, seria capaz de imitar quem passava pela rua. Kay sabia imitar tudo o que era estranho e nada bonito nas pessoas.

— Tem uma boa cabeça, este rapaz! — dizia-se.

Na realidade, tudo isto se devia aos grãos de vidro que lhe entraram para o olho e

para o coração. E esta era a razão por que ele até aborrecia a pequena Gerda, que gostava dele com toda a sua alma.

A sua maneira de brincar tornou-se totalmente diferente. Agora fazia as coisas de forma fria e calculista.

Um dia em que nevava, apareceu com uma grande lupa e estendeu uma ponta do seu casaco azul, para apanhar alguns flocos de neve.

— Olha agora os flocos na lupa, Gerda. Cada floco de neve tornou-se muito maior e esplendoroso. Parecia uma estrela de dez pontas. Foi maravilhoso de ver.

— Estás a ver como é artificial? — disse Kay —, é muito mais interessante do que as flores reais. São tão perfeitos que não t

Ei-los que saem pelas portas da cidade. A neve começou a cair com força. O pobre rapazinho não via dois passos diante de si e o andamento era cada vez mais veloz.

Queria largar rapidamente a corda para se livrar do grande trenó. Mas não conseguiu. O seu pequeno veículo continuava preso ao grande trenó, que prosseguia, rápido como o vento. Kay começou a gritar por socorro; mas ninguém o ouvia e a neve caía cada vez com mais força. E o trenó continuava a voar, numa vertiginosa corrida. Por vezes, sentia-se um solavanco como se saltasse por cima de um valado ou transpusesse uma sebe. Kay estava apavorado. Queria rezar o seu padre-nosso, mas só se lembrava da grande tabuada.

Os flocos de neve tornavam-se cada vez maiores até se parecerem com grandes galinhas brancas. De repente, estas desapareceram e o grande trenó parou. Quem o conduzia, ergueu-se. As espessas peles que a cobriam eram todas de neve. Tratava-se de uma dama alta, cheia de dignidade e de uma brancura resplandecente.

Era a Rainha das Neves.

— Viemos a andar bem — disse ela. — Apesar disso, vejo que estás quase gelado. Vem abrigar-te debaixo da minha peliça de pele de urso.

Ela agarrou-o, e colocou-o no seu trenó, envolvendo-o com a sua pele. Kay julgou ter mergulhado numa massa de neve.

— Ainda tens frio? — perguntou ela, beijando-o na testa. O beijo era frio como o gelo e penetrou-lhe até ao coração, que já estava meio gelado. Sentiu-se quase a morrer. Mas essa sensação durou apenas um instante. Achou-se logo em seguida muito reconfortado e já não teve mais nenhum calafrio.

— O meu trenó! Não se esqueça do meu trenó! — Kay lembrou-se dele.

Então, o trenó foi atado

— Agora não voltarei a beijar-te, pois um novo beijo seria a tua morte.

Kay olhou para ela. Era tão bela. Rosto mais inteligente e maravilhoso não podia imaginar. Não lhe parecia já feita de gelo, como da primeira vez em que a vira diante da sua janela e em que ela lhe fizera um gesto amistoso! Aos seus olhos, a Rainha das Neves era a perfeição. Não sentia medo e contou-lhe que sabia fazer contas de cabeça, mesmo frações, e que sabia o número de recenseados e das léguas quadradas que tinha o país.

A Rainha sorria sempre que ele falava. Kay sentiu então que não era suficiente o que sabia. Olhou para o grande e negro espaço vazio. A Rainha subiu, voando com ele, para lá da grande nuvem negra.

Como o vento uivava. Parecia que cantava as velhas canções. Voaram sobre florestas e lagos, sobre mares e terras. Por baixo, o vento frio soprava, os lobos uivavam e a neve cintilava com os corvos negros a voar e a gritar. Mais acima, brilhava a Lua, tão grande e clara. Foi então que Kay viu nela a longa, longa, noite de inverno.

Quando o dia nasceu, adormeceu aos pés da Rainha das Neves.

Terceira história — O jardim da mulher que sabia fazer feitiços



Como se sentia a pequena Gerda, agora que Kay nunca mais chegava? Onde estava ele?

Ninguém sabia nada dele; ninguém vira por onde passara. Só um rapaz contou que o vira prender o seu pequeno trenó a outro, grande e esplendoroso, que entrara na rua e saíra pela porta da cidade. Ninguém sabia onde ele estava. Bastantes lágrimas correram por causa de Kay, e a pequena Gerda chorou profundamente, durante muito tempo.

— Ele morreu — diziam —, deve ter-se afogado no rio que passa perto da cidade.

Oh! Foram muitos e longos os sombrios dias de inverno!

Finalmente voltou a primavera, trazendo consigo o Sol e o calor.

— Kay morreu! — dizia a pequena Gerda —, partiu para sempre.

— Eu cá não acredito nisso! — respondeu o raio de Sol.

— Ele morreu, não voltarei a v

apenas calçada com as suas meias. Os sapatinhos vermelhos flutuavam também nas águas do rio, mas não conseguiam alcançar o barco, que deslizava com maior velocidade.

Ao longo das margens alinhavam-se velhas árvores, desabrochavam belas flores e brotava um espesso tapete de relva onde pastavam os carneiros e as vacas, mas não havia ninguém

suas flores, que eram mais bonitas do que as que estão em qualquer livro de imagens, pois as suas flores podiam contar histórias.

Tomou a menina pela mão e foram para dentro da pequena casa. E a velha senhora fechou a porta.

As janelas eram muito altas; as vidraças eram vermelhas, azuis e amarelas. A luz do dia, quando passava através dos vidros, brilhava estranhamente, refletindo estas cores. Em cima da mesa encontravam-se magníficas cerejas e Gerda comeu as que lhe apeteceu, pois fora autorizada a faz

No dia seguinte, voltou a brincar no meio das flores, beijada pelos raios quentes do Sol. Assim passaram muitos dias. Gerda conhecia agora todas as flores do jardim. Havia-as

Que dizia então a *brændilje*?³

— Ouves o tambor? Bum, bum! Só tem dois tons. Sempre bum, bum! Ouves o canto de morte das mulheres e ouves o grito dos padres? Envolta no seu grande manto vermelho, a viúva do hindu está na pira. As chamas começam a erguer-se

multicolores elevam-se no ar. Eis que uma, na ponta da palha, se agita ao sabor do vento. O cãozinho negro acorre e ergue-se sobre as patas traseiras; quereria também ir para o balouço, mas este não se detém; e o cão zanga-se e ladra. As crianças atizam-no e, entretanto, as magníficas bolas rebentam e dissipam-se.

— É bonito o que acabas de contar — disse Gerda

Senhor fazia incidir os seus raios quentes, deixando-os escorrer sobre as paredes brancas da casa vizinha; perto daí cresceram as primeiras flores amarelas, eram como ouro reluzindo sob os raios quentes do Sol. Cá fora, a velha avó estava sentada na sua cadeira. A sua neta, uma pobre e bonita criada, veio fazer-lhe uma curta visita e beijou-a. Foi ouro, ouro do coração no beijo abençoado, ouro nos lábios, ouro no solo, ouro lá em cima, na alvorada da manhã!

— Olha, esta é a minha pequena história — disse o *smørblomst*.

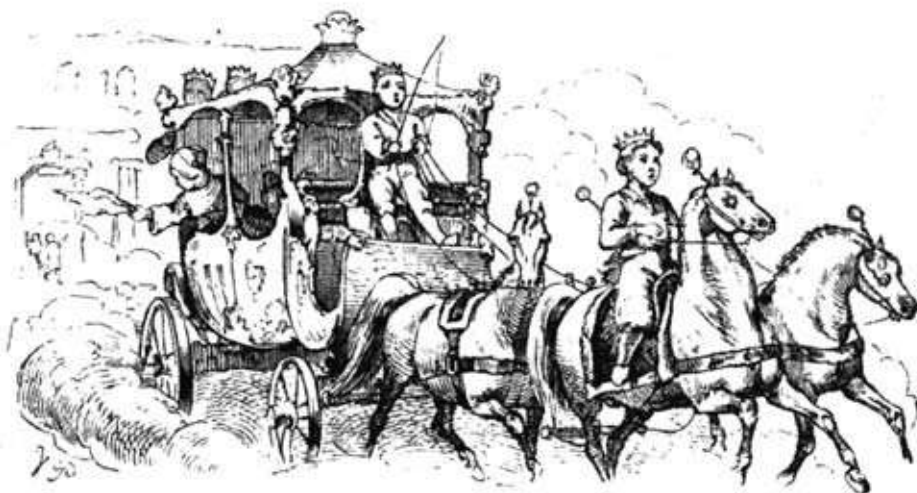
— Minha velha e pobre avozinha! — suspirou Gerda. — Sim! Ela, certamente, sente saudades. Está triste por causa de mim, tal como estava pelo pequeno Kay, mas em breve estarei de regresso e levá-lo-ei comigo. Não ajuda nada perguntar

— Disto não gosto nada — disse Gerda. — Não é nada que eu queira saber!

E correu para sair do jardim.

O portão estava fechado, mas empurrando o ferrolho, cheio de ferrugem, com todas as suas forças, f

Quarta história — Príncipe e princesa



Gerda teve novamente de parar para descansar. Na neve, mesmo

língua; tu não és uma fala-barato como nós, as gralhas? Podia contar-te o que sei, muito melhor.

— Não, não sei ser uma gralha a falar — disse Gerda. — A minha avó sabia. *Que* pena ela não me a ter ensinado...

— Não faz mal — retorquiu a gralha —, vou contar como sei, embora não soe muito bem.

E começou a contar o que se segue:

— Neste reino onde nos encontramos vive uma princesa tão inteligente que leu todos os jornais do mundo e esqueceu-os de novo. Portanto, está mesmo a ver-se que é muito inteligente. Um dia, quando estava sentada no trono — e isso não é tão engraçado como se julga —, deu-lhe para cantarolar uma cantiga popular:

Porque não hei de casar-me?

«Olha! A cantiga faz sentido», pensou ela. Então decidiu casar-se. Mas não queria um daqueles homens que sabem todas as respostas quando se fala com eles. Nem um que apenas sabe parecer nobre, pois isso é muito aborrecido. Assim, mandou rufar os tambores para chamar todas as suas cortesãs. *Quando* estas ouviram o que ela queria, ficaram muito contentes. «Gosto de saber isso. Também pensei nisso num outro dia», disse cada uma delas.

— Podes crer que é verdadeira cada palavra que eu digo — disse a gralha —, tenho uma noiva domesticada que anda livremente por todo o palácio e foi ela que mo contou.

(Naturalmente que a noiva da gralha também é gralha, pois gralha procura gralha, o que é sempre uma grande gralha.)

— Portanto — continuou a gralha —, os jornais saíram imediatamente, ornamentados com corações e o monograma da princesa, anunciando que qualquer jovem com bom aspeto podia ir livremente ao palácio e falar com ela. Aquele que se apresentasse e falasse melhor, ela o tomaria como marido.

— Sim! Sim! — afirmou a gralha —, isto é tão certo como eu estar aqui sentada.

As pessoas afluíram. Era um aperto e uma correria e, mesmo assim, não conseguiram lá chegar nem no primeiro nem no segundo dia. Todos sabiam falar quando estavam na rua, mas assim que passavam a porta do palácio e viam a guarda vestida de prata e pelas escadas acima os lacaios ornamentados de ouro e entravam nas grandes salas iluminadas ficavam sem voz. Quando, finalmente, chegavam em frente do trono, onde a princesa estava sentada, não sabiam senão repetir a última palavra que ela tinha dito. E isto não gostava a princesa de ouvir. Era como se as pessoas tivessem engolido rapé e caído em sonol

viu a guarda vestida de prata e subiu a escadaria com os lacaios ornamentados de ouro, não se intimidou. Acenou-lhes e disse: «Deve ser maçador ficar de pé, na escada, prefiro ir para dentro.» Quando entrou, a sala cintilava. Viu os ministros e todas as excel

— Eu vou entrar! — disse Gerda. — Quando o Kay souber que eu estou cá, virá imediatamente buscar-me!

— Espera por mim junto a este muro de pedra.

A gralha acenou com a cabeça e depois voou.

Já a noite estava escura quando a gralha voltou.

— Crah, crah! Trago muitos cumprimentos da minha noiva e também um pãozinho para ti. Ela apanhou-o na cozinha. Há lá muito pão e certamente que terás fome! Não é possível entrares no palácio assim com os pés descalços. A guarda vestida de prata e os lacaios ornamentados de ouro não o permitem. Mas não chores. Vais lá chegar. A minha noiva domesticada sabe de uma pequena escada nas traseiras que vai dar ao quarto de dormir e também sabe onde está a chave.

A gralha conduziu a menina pela grande alameda do parque e, do mesmo modo que as folhas das árvores caíam umas após as outras, também na fachada do palácio as luzes se apagavam umas após as outras. A gralha levou Gerda até

encontraremos ninguém.

— Parece-me — disse no entanto Gerda — que vem alguém atrás de nós.

Com efeito, ouviu-se um sibilar como se passassem sombras pelas paredes. Sombras de cavalos com crinas flutuantes e pernas esbeltas. Sombras de pajens, cavaleiros e senhoras montados em cavalos.

— São apenas os sonhos — disse a gralha domesticada. — V

flores-de-lis brancas, e pergunta quem está ali. A pequena Gerda começou a chorar, contou toda a sua história e não se esqueceu de salientar como as gralhas haviam sido bondosas para com ela.

— Pobre menina! — disseram o príncipe e a princesa, com ternura. E elogiaram as duas gralhas, assegurando-lhes que não estavam zangados pelo que elas haviam feito, mas dizendo-lhes que não o deveriam repetir. Prometeram-lhes até uma recompensa:

— Querem voar livremente ou preferem ser elevadas

trintanário^I, pois ela levava também um trintanário, tinham uniformes bordados a ouro e coroas na cabeça, também de ouro.

O príncipe e a princesa vieram eles próprios ajudar Gerda a subir para a carruagem e desejaram-lhe toda a felicidade possível. A gralha da floresta, que agora estava casada com a gralha domesticada, acompanhou-a e instalou-se no fundo da carruagem, pois incomodava-o ir de costas. A gralha domesticada pediu desculpa por não poder acompanhar Gerda, pois não se encontrava bem-disposta. Desde que tinha direito a todas as migalhas da cozinha, andava indisposta do est

Quinta história — A pequena salteadora



Passaram por uma floresta escura, mas a carruagem luzia e a sua luz encandeou os salteadores, que não aguentaram ver tanto brilho.

— É ouro, é ouro! — gritaram. Detiveram os cavalos, mataram o cocheiro, o criado e o trintanário e tiraram a pequena Gerda da carruagem.

— Como é gordinha e bonita esta menina. Foi engordada com avelãs — disse a velha e feia salteadora, que tinha uma grande barba espetada e sobrancelhas penduradas em frente dos olhos. — A sua carne deve ser tão tenrinha como a de um gordo cordeirinho. Oh, como nos iremos regalar!

Ao mesmo tempo que dizia estas palavras, puxou por uma grande faca, cujo brilho era suficiente para provocar calafrios.

— Ai! Ai! — gritou a velha. A sua filha, que estava pendurada nas suas costas, acabara de lhe morder a orelha. Era tão brava e malcriada que dava gosto ver.

— Grande velhaca! — disse a mãe, sem tempo para matar Gerda.

— Ela tem de brincar comigo! — disse a pequena salteadora. — Ela dar-me-á o seu regalo e o seu belo vestido e dormirá comigo na minha cama. — E mordeu novamente a mãe, que, com a dor, deu um grande salto.

Os bandidos riam e disseram:

— Olha como ela dança com a sua filhota.

— Quero entrar na carruagem — disse a filha dos salteadores.

Tiveram de lhe satisfazer este capricho, pois ela era mimalha e diabolicamente teimosa. Puseram Gerda ao seu lado e internaram-se na floresta, pulando por cima do mato. A pequena salteadora não era maior que Gerda, mas mais forte e morena e os seus olhos negros eram tristes. Agarrou Gerda com força, ao redor da cintura, e disse-lhe:

— Eles não vão degolar-te enquanto eu não me zangar contigo. Será que és uma princesa?

— Não — respondeu Gerda. E contou tudo por que tinha passado e quanto gostava do pequeno Kay.

A filha dos salteadores olhou muito séria para ela. Acenou com a cabeça, exclamando:

— Eles não te matarão, mesmo que eu me zangue contigo. Nesse caso, serei eu própria a matar-te! — Enxugou as lágrimas que corriam dos olhos de Gerda e, depois, envolveu as suas mãos no belo regalo, que era muito quente e macio.

Finalmente a carruagem deteve-se: haviam chegado ao pátio de um velho castelo, que servia de refúgio aos salteadores. Estava rachado de alto a baixo. Bandos de corvos e gralhas voavam por entre as frestas. Enormes bulldogues acorreram saltando. Tinham um ar feroz e todos eles pareciam capazes de devorar um homem. Não ladravam porque lhes era proibido.

Na grande e velha sala, cheia de fuligem, ardia, em cima das lajes, uma grande fogueira; o fumo elevava-se até ao teto e escapava-se por onde podia. Em cima da fogueira fervia um grande caldeirão cheio de sopa; lebres e coelhos assavam no

espeto.

— Tu dormirás comigo e com todos os meus pequenos animais — disse a pequena salteadora.

Comeram e beberam e foram para um canto da sala onde havia palha e mantas. Por cima, empoleirados nas traves, quase uma centena de pombos parecia que dormia. Alguns tiraram a cabeça de baixo da asa quando as raparigas se aproximaram.

— São todos meus — disse a pequena salteadora e, agarrando um pelas patas, abanou-o, fazendo-o bater as asas. — Dá-lhe um beijo! — E atirou-o contra o rosto de Gerda.

— Todos estes pombos — acrescentou ela — são mansos e aqueles dois são pombos-torcazes. É costume t

Gerda recomeçou a sua história. Os pombos-torcazes começaram a arrulhar nas suas gaiolas enquanto outros pombos dormiam tranquilamente.

A pequena salteadora adormeceu, com um braço em torno do pescoço de Gerda, segurando a sua faca com a mão livre. Depressa começou a rressonar. Gerda, porém, não conseguia pregar olho. Via-se entre a vida e a morte. Os salteadores estavam sentados

perguntou, virando-se para a rena.

— Quem melhor do que eu o poderia saber? — respondeu o animal, com os olhos a brilhar. — Foi lá que nasci e fui criada; foi ali que saltei feliz pelos campos cobertos de neve.

— Escuta — disse a filha dos salteadores para Gerda —, como v

Olhando para as tuas mãos, até te pareces com a minha horrorosa mãe.

Gerda chorava de alegria.

— Não gosto que choramingues — disse-lhe a pequena salteadora —, agora é que deves ter uma cara contente. Toma lá dois pães e um presunto. Assim não terás fome.

Atou ambas as provisões

Sexta história — A mulher da Lapónia e a
mulher da Finl

Agora que Gerda já aquecera e tinha comido e bebido, a mulher da Lapónia escreveu um par de palavras sobre um bacalhau seco e recomendou que Gerda cuidasse bem dele.

Atou-a de novo

pedindo-lhe insistentemente que auxiliasse a menina e que não a abandonasse. Gerda olhava a também com os olhos suplicantes e rasos de lágrimas. A mulher piscou os olhos e levou a rena para um canto e, depois de lhe voltar a p

Ali ficou a pobre Gerda, sem sapatos e sem as suas luvas, no meio do terrível e gelado Finnmark.

Começou a correr tão depressa quanto lhe era possível. Via diante dos seus olhos uma multidão de flocos de neve. Não caíam do céu, que estava claro e iluminado pela aurora boreal. Corriam, isso sim, em linha reta sobre o solo e quanto mais se aproximavam maiores ficavam.

Gerda lembrou-se dos flocos que em sua casa examinara através da lupa. Como eram grandes e formados com simetria! Estes eram bastante maiores e terríveis; estavam dotados de vida. Eram as guardas avançadas do exército da Rainha das Neves.

Tinham as figuras mais estranhas. Uns pareciam grandes e feios porcos-espinhos, outros estavam feitos em nós que pareciam serpentes entrelaçadas, dardejando as suas cabeças em todos os sentidos, outros ainda tinham o aspeto de pequenos ursos atarracados, com os pelos em pé. Eram todos de uma ofuscante brancura. Eram todos flocos de neve vivos.

Então, Gerda rezou o seu padre-nosso. O frio era tão intenso que podia ver o seu hálito, que, enquanto orava, lhe saía da boca como uma baforada de vapor. Este vapor foi-se tornando cada vez mais espesso e dele se formaram pequenos e claros anjos, que, mal tocavam a terra, cresciam cada vez mais. Traziam todos capacetes na cabeça e estavam armados de lanças e de escudos. Assim que a menina acabou de rezar o padre-nosso, os anjos formaram uma verdadeira legião em defesa dela.

Investiram contra os terríveis flocos com as suas lanças e retalharam-nos desfazendo-os em mil pedaços. A pequena Gerda caminhou para a frente, com convicção. Os anjos acariciaram-lhe os pés e as mãos, para que o frio os não entorpecesse. Aproximou-se rapidamente do palácio da Rainha das Neves.

Mas é preciso que saibamos agora o que fazia Kay. Na verdade, ele não pensava sequer em Gerda nem sonhava que ela estivesse ali tão perto.

1 - Tran. Óleo extraído da gordura das baleias, focas e peixes. ([Voltar](#))

2 - Skipper. Palavra nórdica que titula o comandante de uma embarcação. ([Voltar](#))

Sétima história — O que aconteceu no palácio da Rainha das Neves e o que se passou depois



As paredes do palácio eram feitas com a neve que esvoaçava e as portas e janelas eram os ventos cortantes. Havia mais de cem salas. Tudo se ordenava e desordenava com a neve que esvoaçava soprada pelo vento. A maior sala estendia-se por muitas milhas e eram todas iluminadas pelos clarões das auroras boreais. Tudo ali brilhava e cintilava. Tudo tão grande, tão vazio, tão frio e tão brilhante!

Nunca havia divertimentos no palácio. Nem um pequeno baile de ursos-brancos, que o som da tempestade pudesse animar e onde eles dançassem com as patas traseiras e mostrassem os seus modos elegantes. Nunca ali se organizavam jogos de salão que permitissem apostas seladas com vigorosos apertos de mão, nem as jovens raposas brancas se reuniam a tomar chá e bolinhos, como é permitido

No meio da sala de neve, vazia e infinita, havia um lago gelado, cujo gelo estava cortado em milhares de pedaços. Cada pedaço era tão semelhante ao outro que, quando unidos, no seu conjunto, pareciam uma peça de arte. Quando a Rainha das Neves habitava no palácio, tinha o trono no meio do lago, que ela chamava o espelho da intelig

congeminando como os poderia dispor para atingir o seu objetivo. Estava ali parado e absorto; parecia petrificado pelo gelo.

Foi nessa altura que a pequena Gerda entrou no palácio pelo grande portão. Os ventos cortantes impediam-lhe a entrada. Gerda rezou o seu padre-nosso e eles acalmaram e desvaneceram-se. A menina entrou nas grandes e frias salas vazias. Então viu Kay, reconheceu-o e correu na sua direção, saltando-lhe para o pescoço. Mantendo-o bem apertado, exclamou:

— Kay! Querido pequeno Kay, finalmente, encontro-te!

Ele continuou sentado, rígido e gelado. Então a pequena Gerda chorou lágrimas quentes que caíram sobre o peito de Kay, penetrando no seu coração e fundindo o gelo, de modo que o cruel estilhaço de vidro foi levado pelo gelo derretido.

Kay ergueu a cabeça e olhou para ela. Gerda cantou, como outrora no seu jardimzinho, o estribilho da canção:

As rosas crescem nos vales.

Lá comungamos com o Menino Jesus!

Kay rompeu em soluços. As lágrimas jorraram-lhe dos olhos e o pedaço de vidro saiu arrastado por elas. Reconheceu Gerda e, cheio de alegria, exclamou:

— Querida, pequena Gerda, onde ficaste durante tanto tempo, e eu, onde tenho estado?

Olhou

voltou a ser um bonito rapaz cheio de saúde e de alegria. A Rainha das Neves podia agora voltar, pois a carta de liberdade estava escrita com peças de gelo brilhante. Deram as mãos e saíram do palácio.

Falaram da avó, da sua inf

— A dos bosques morreu e a domesticada é viúva e anda com um pedaço de fio de lã preta

O verão quente e abençoado.

A História de Uma Mãe



Estava uma mãe sentada junto da sua pequena criança, tão aflita e receosa de que ela viesse a morrer. O menino mostrava-se tão pálido, os pequenos olhos tinham-se fechado, respirava lentamente e de vez em quando com uma aspiração funda, como que suspirava, e a mãe olhava cada vez mais angustiada para a pequena alma.

Bateram então

O velho, que era a própria Morte, acenou com a cabeça tão estranhamente, que tanto podia querer dizer sim como não. E a mãe pousou os olhos no regaço e as lágrimas correram-lhe pela face. A cabeça pesava-lhe. Durante tr

— Não viste passar a Morte por aqui com o meu filho?

— Claro que vi! — observou o espinheiro. — Mas não te digo que caminho tomou sem primeiro me aqueceres no teu coração! Tenho um frio de morte, estou a ficar completamente gelado!

Ela apertou o espinheiro contra o peito, bem apertado, para poder aquec

que tomava conta da grande estufa da Morte. — Como achaste o caminho para aqui e quem te ajudou?

— Foi Nosso Senhor quem me ajudou! Ele é misericordioso e tu também serás! Onde acharei o meu filho?

— Não sei como ele é — disse a velha — e tu não podes ver. Muitas flores e árvores murcharam esta noite. A Morte deve estar a chegar para transplantá-las! Tu bem sabes que cada ser humano tem a sua árvore ou a sua flor da vida, conforme está destinado a cada um. Assim, como se veem, são iguais

tratada com cuidado. A mãe, aflita, contudo, curvava-se sobre todas as plantas mais pequenas e escutava como batia o coração humano dentro delas e, entre milhões, reconheceu o do seu filho.

— É este! — gritou, estendendo a mão sobre um açafreãozinho azul que pendia para um lado, bastante doente.

— Não toques na flor! — disse a velha. — Mas fica aqui e quando a Morte vier... Espero por ela a todo o momento... Não a deixes arrancar a planta e ameaça-a até de fazeres o mesmo

— Outra mãe? — inquiriu a pobre mulher, logo retirando as mãos das flores.

— Aqui estão os teus olhos — disse a Morte. — Pesquei-os no lago. Brilhavam tanto! Não sabia que eram teus, toma-os, agora são mais claros do que antes. Olha agora para o fundo desse poço aí. Vou dizer-te os nomes das duas flores que querias arrancar e verás todo o seu futuro, toda a sua vida humana. Observa o que querias perturbar e destruir!

A mãe olhou então para o fundo do poço. Viu como uma se tornava uma b

A Princesa e a Ervilha



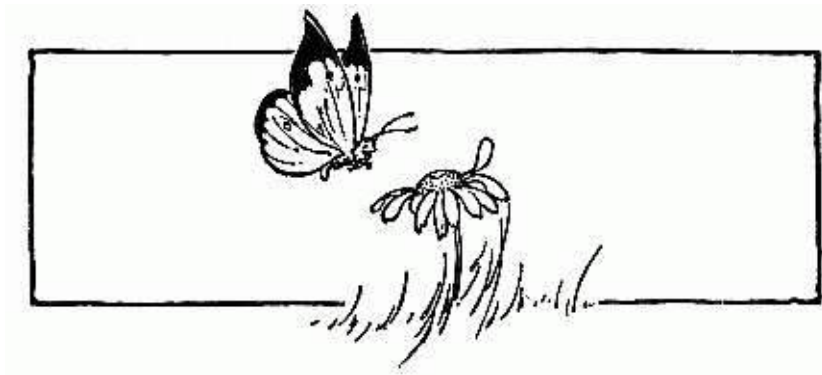
Era uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa, mas com uma princesa que fosse verdadeira. Viajou por todo o mundo

— Está bem, em breve o saberemos! — pensou a rainha velha, que, contudo, nada disse. Dirigiu-se ao quarto de hóspedes, tirou a roupa da cama, p

ainda pode ser vista, se ninguém a tirou de lá.

Pois esta é também uma história verdadeira!

A Borboleta



A borboleta queria uma noiva e, naturalmente, pretendia a mais bonita das florzinhas. Olhou para cada uma delas. Estavam silenciosas e muito discretas no seu caule, conforme convém a jovens donzelas casadoiras. Mas, como eram muitas, era muito difícil escolher.

Então a borboleta voou para junto da menina malmequer. Os franceses descobriram que esta flor possui o dom da profecia. Os namorados arrancam-lhe as pétalas uma a uma, fazendo perguntas sobre o parceiro: «Gosta de mim?», «Pouco?», «Muito?», «Nada?». Cada pessoa faz as perguntas na sua própria língua. A borboleta também a interrogou, mas em vez de lhe arrancar as pétalas, beijou-as uma a uma, pois acreditava que a gentileza dá melhores resultados:

— Doce malmequer! És a mulher mais inteligente de todas as flores. Diz-me, devo escolher esta ou aquela flor? Qual delas devo escolher para noiva? Assim que me responderes, voarei na sua direção e pedi-la-ei em casamento.

Mas a menina malmequer não disse uma palavra. Ficou aborrecida porque lhe tinham chamado «mulher», sendo ela solteira e, ainda por cima, muito jovem. A borboleta fez a pergunta uma e outra vez mas, como não obteve resposta, acabou por desistir e voou para longe disposta a encontrar uma noiva sem a ajuda de ninguém.

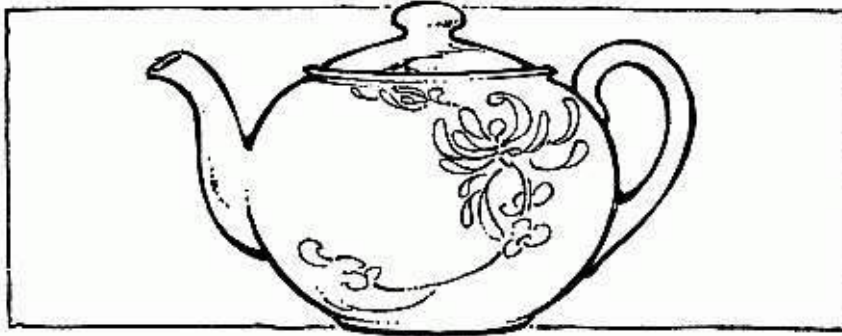
Estava-se no começo da primavera; as campainhas brancas e os açafrões floresciam por todo o lado.

— São muito bonitas — disse a borboleta — mas muito jovens.

Preferia meninas mais velhas, como acontece com a maioria dos rapazes mais novos. Voou para junto das anêmonas, mas achou-as um pouco secas demais. As violetas eram demasiado rom

— Na verdade não tem flores, mas toda ela é uma flor, perfumada dos pés

O Bule



Era uma vez um Bule muito orgulhoso. Orgulhoso por ser de porcelana, orgulhoso do seu longo bico e orgulhoso da sua asa bojuda. Tinha o bico

Era assim que o Bule falava nos tempos da sua juventude. Estava sobre a mesa posta para o chá e foi levantado por mãos delicadas. Mas as mãos delicadas revelaram-se muito desajeitadas. O Bule caiu no chão, o bico quebrou-se, a asa partiu-se e da tampa nem se fala porque já se disse tudo o que havia a dizer sobre esse assunto.

O Bule jazia desmaiado no chão, deixando escorrer do seu interior a água a ferver. Foi um rude golpe. O pior foi que toda a gente se riu dele e da mão desajeitada que o deixara cair.

«Nunca me esquecerei desse dia! — dizia o Bule quando, mais tarde, falava com os seus botões acerca do passado. — Chamaram-me inválido e puseram-me a um canto. No dia seguinte deram-me a uma mulher que veio mendigar um pouco de comida. Caí na miséria, tão inútil por dentro como por fora.

Foi então que começou para mim uma vida melhor. Começa-se a vida sendo uma coisa e de repente passa-se a ser outra bem diferente.

Encheram-me de terra, o que para um Bule é o mesmo que ser enterrado, e na terra plantaram um bolbo de flor. Quem o p

pode tirar!»

O Caracol e a Roseira

Em redor do jardim crescia um anel de aveleiras. Para além delas estendiam-se os campos e os prados onde pastavam ovelhas e vacas. No centro do jardim crescia uma roseira carregada de rosas e,

tens a dizer sobre isto? Em breve serás apenas um tronco seco. Compreendes o que te estou a dizer?

— Estás a assustar-me! — respondeu a roseira. — Nunca pensei nisso.

— Não, nunca te deste ao trabalho de pensar. Alguma vez te interrogaste por que razão florescia e como florescia? E porque o fazias dessa forma e não de outra?

— Não — respondeu a roseira. — Ficava feliz ao faz

por mais que tente. Hei de regressar uma e outra vez, mostrando-me através das minhas rosas. As suas pétalas caem e o vento arrasta-as. Certo dia vi uma mãe que guardou uma das minhas flores entre as folhas do livro de orações; outra vez, uma rapariga bonita prendeu ao peito uma das minhas rosas e houve também um menino que beijou outra rosa, cheio de alegria. Todos esses momentos fizeram com que me sentisse bem, foram uma verdadeira b

O Homem de Neve



— Está um frio maravilhoso — murmurava, o homem de neve. — E que delícia sentir o vento cortante penetrar-me no corpo! Lá está aquele a olhar-me, com os seus olhos fixos... Pois não consegue fazer-me pestanejar... Sei muito bem como hei de manter-me inteiro!

Referia-se ao sol que desaparecia no horizonte. Era um boneco que assim falava, um boneco de olhos triangulares, feitos de dois bocados de telha, e com um ancinho atravessado na boca, a fazer de dentadura. Viera ao mundo no meio dos aplausos da criança, saudado pelas campainhas dos trenós e pelos chicotes dos condutores.

Desapareceu o Sol e surgiu a Lua, grande e redonda no céu azul, cheia de luz e de majestade.

— Lá vem ele do outro lado — disse o homem de neve, supondo que se tratava ainda do Sol. — Já não lança raios pelos olhos. Era bom que ficasse ali, para que eu me veja a mim mesmo. Se eu soubesse como sair daqui... Gostava tanto de andar! Se pudesse, patinava no gelo como as crianças fazem. O pior é que não sei correr...

— Au! Au! — ladrou o cão de guarda. Estava um tanto rouco, coisa que lhe acontecia desde o tempo em que deixara o conforto do lar para viver ao ar livre. — O Sol te ensinará a correr. Assim aconteceu ao teu antecessor do ano passado, e ao outro, anterior a esse. Au! Au! Todos desapareceram.

— Não compreendo o que dizes, amigo — respondeu o homem de neve. — O

que está lá em cima vai ensinar-me a correr? (Agora referia-se

deixava ver. Era uma renda e de tal brancura que se tinha a impressão de sair luz de cada ramo. O chorão ondulava ao vento, cheio de vida. E, quando o Sol nasceu, tudo cintilava como se a paisagem fosse polvilhada de diamantes!

— Que vista maravilhosa! — disse uma rapariga que passava no jardim na companhia de um rapaz. Parara justamente ao lado do homem de neve, a contemplar as árvores reluzentes. — O verão não nos oferece paisagens tão belas.

— E um jovem como aquele também não é fácil de conseguir — acrescentou o rapaz, designando o boneco.

A rapariga riu, cumprimentou o homem de neve e puseram-se os dois a dançar

crianças da casa não estavam constantemente a puxar-me pela cauda e pelas orelhas, como acontecia na sala. A verdade é que não me faltava alimento, possuía almofada para dormir... E quanto ao fogão... que falta me faz agora! Au! Au!

— O fogão é coisa bonita? É parecido comigo?

— Exatamente o contrário da tua pessoa. Negro como carvão, com um pescoço comprido e forno de cobre. Come lenha e cospe fogo pela boca. Não imaginas o prazer que é estar perto dele. Podes v

mais lindas flores de uma brancura ideal. Mas, ao mesmo tempo, escondiam o quarto. O homem de neve devia sentir-se feliz, e contudo não o estava. Faltava-lhe a vista do fogão.

— Sei o que te aflige — observou o cão. — É a saudade... Também sofri dessa doença, mas curei-me. Au! Au! O tempo vai mudar.

Mudou, realmente. Era o degelo. Este aumentou, o homem de neve diminuiu. Não disse nada, não se queixou. Tinha de ser assim.

Certo dia, esbarrondou-se. No lugar onde ele estivera, ficou um atiçador do lume, em volta do qual os garotos o haviam modelado.

— Agora compreendo — disse o cão. — O sujeito, afinal, tinha o atiçador no corpo, não admira que sentisse a nostalgia do fogão. Foi isso que o matou.

Entretanto, acabava o inverno.

— Au! Au! — ladrava o cão de guarda.

As meninas da casa pulavam, cantando e brincando no meio da sua alegria.

Já ninguém se lembrava do homem de neve.

Os Verdinhos

Havia uma roseira perto da janela. Até há bem pouco tempo estava verde e florida, mas agora tinha um aspeto doentio — alguma coisa corria mal.

Um regimento de invasores estava a com

Nasci numa folha de rosa. Todo o meu regimento vive